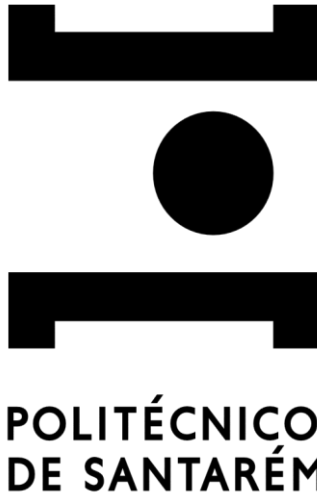


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**Análise das representações e experiências das famílias acerca
da relação família-escola na educação pré-escolar.**

Relatório de estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Inês Maria Sousa Cassaca

Orientadora:

Professora Doutora Lia Pappámikail

Novembro, 2023

AGRADECIMENTOS

Para a minha família que foi sempre a minha maior fonte de inspiração, apoiando-me sempre incansavelmente sem nunca me deixarem desistir dos meus sonhos, ver-vos lutar todos os dias para ultrapassar as adversidades da vida sem nunca baixar a cabeça, permitiu-me ver que nada na vida se consegue sem esforço e que nada é impossível, basta nunca desistir de lutar e acreditar sempre em nós.

Obrigada, mãe, por seres a melhor mãe que alguém podia pedir no mundo, és uma mulher incrível, uma verdadeira guerreira, obrigada por todo o apoio que me deste e obrigada por nunca me teres permitido desistir dos meus sonhos.

Obrigada, pai, por seres um pai fantástico e nunca teres duvidado das minhas capacidades, por me mostrares que todas as nossas conquistas com esforço e dedicação, trazem um gosto especial para o nosso crescimento enquanto seres humanos.

Ao Leonardo, por ter sido um dos meus maiores pilares, um porto de abrigo e por me ter sempre incentivado a seguir os meus sonhos sem nunca duvidar de mim.

Aos meus amigos, que são como uma família para mim e sempre me apoiaram nos bons e maus momentos, dando-me sempre os seus conselhos e o seu ombro amigo.

À minha orientadora, Professora Doutora Lia Pappámikail, que acreditou sempre nas minhas capacidades, dedicando-se muito, dando-me apoio, carinho e motivação, durante todo este processo de investigação.

A todas as pessoas incríveis que tive o prazer de conhecer, nesta jornada em Santarém.

Um obrigada do fundo do coração a todos!

RESUMO

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Está organizado em duas partes principais: a primeira é uma revisão crítica do percurso trilhado no decorrer das práticas de ensino supervisionadas, sublinhando as aprendizagens obtidas nos diversos contextos da prática profissional; a segunda parte focaliza-se na componente investigativa, tendo sido realizado um estudo sobre as representações e experiências das famílias acerca da relação família-escola na educação pré-escolar.

A investigação, assente sobre uma abordagem qualitativa, não foi realizada no decorrer do estágio em contexto de Pré-Escolar, embora tenha sido nestes que surgiu o interesse de explorar esta temática.

Todos os dados foram obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas, complementada com análise documental acerca do tema.

Os resultados deste estudo vêm demonstrar que ainda existem algumas lacunas no que diz respeito à dinamização da relação entre a escola e a família, impondo-se muitas vezes barreiras difíceis de transpor. Constatou-se, no entanto, que estas barreiras não são percebidas pela maioria dos/as entrevistados/as enquanto tal, estando naturalizadas as modalidades convencionais de relação e envolvimento.

A partir dos resultados, foram avançadas algumas estratégias para o estabelecimento de uma relação família-escola que promova o envolvimento e a participação.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Família; Relação; Análise; Pré-Escolar;

TITLE: Analyze families' representations and experiences regarding the family-school relationship in pre-school education.

ABSTRACT

This report is part of the Curricular Unit on Research in Supervised Teaching Practice, part of the Master's Degree in Pre-School Education.

It is organized into two main parts: the first is a critical review of the path followed during the supervised teaching practices, highlighting the lessons learned in the various contexts of professional practice; the second part focuses on the investigative component, having carried out a study on the representations and experiences of families about the family-school relationship in pre-school education.

This research, based on a qualitative approach, was not carried out during the pre-school stage, although it was during this stage that the interest in exploring this theme arose. All the data was obtained through semi-structured interviews, complemented by document analysis on the subject.

The results of this study show that there are still some gaps in the relationship between the school and the family, often imposing barriers that are difficult to overcome. It was found, however, that these barriers are not perceived as such by the majority of those interviewed, and that the conventional forms of relationship and involvement are naturalized.

Based on the results, some strategies were put forward for establishing a family-school relationship that promotes involvement and participation.

KEYWORDS: School; Family; Relationship; Analysis; Preschool.

Índice geral

Capítulo 1	1
1.1 Caracterização das práticas de ensino supervisionadas	1
1.2 Introdução à apresentação dos contextos de estágio	1
1.2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	3
a. Caracterização do meio envolvente	3
b. Caracterização Institucional	4
c. Caracterização da sala	6
d. Caracterização do grupo	7
e. Contextualização do Projeto de Intervenção	9
f. Atividades	10
1.2.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	13
a. Caracterização do meio envolvente	13
b. Caracterização Institucional	14
c. Caracterização da sala	16
d. Caracterização do grupo	18
e. Contextualização do Projeto	21
f. Atividades	26
1.2.3. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	32
a. Caracterização Institucional	32
b. Caracterização da sala	33
c. Caracterização do grupo	34
d. Contextualização do Projeto de Intervenção	36
e. Atividades	39
Capítulo 2	47
2.1 Metodologia de Investigação	47
a. Identificação da questão de investigação e justificação da mesma	47
b. Tipo de estudo	48
c. Sujeitos de estudo/ participantes	49
d. Técnicas de recolha de dados	51
e. Princípios Éticos da Investigação	52
f. Análise documental	53
g. Tratamento da informação recolhida	53
Capítulo 3	54
3.1 Apresentação e análise dos resultados	54
a. Identificação do/a entrevistado/a	55
b. Primeira interação com o meio escolar	58
c. Relação com a escola	66
d. Experiências da relação escola-família	73

3.2 Considerações finais	89
Reflexão	97
Referências Bibliográficas	104
Anexos	107
Anexo A- Sala da creche	107
Anexo B- Planificação da Atividade nº2- “Pasta de moldar”	108
Anexo C- Planificação da atividade nº 3- “Tapete das Sensações”	109
Anexo D- Planificação da Atividade nº 4- “Desenhar no plástico”	111
Anexo E- Sala / Espaço- exterior do Jardim de Infância	112
Anexo F- Planificação da atividade “ Introdução ao tema”	113
Anexo G- Resultado da atividade “Introdução ao tema”	115
Anexo H- Planificação da atividade “Plantar e semear na nossa horta”	117
Anexo I- Resultado da atividade “Plantar e semear na nossa horta”	119
Anexo J- Planificação da atividade “Construção de um espantalho”	120
Anexo K- Resultado da atividade “ Construção de um espantalho”	123
Anexo L- Planificação da atividade “Proteção da horta”	124
Anexo M- Resultado da atividade “Proteção da horta”	127
Anexo N- Avaliação do projeto (“Horta Pedagógica”)	128
Anexo O- Sala do Jardim de Infância	135
Anexo P- Planificação da atividade “Árvores de Natal diferentes”	136
Anexo Q- Resultado da atividade “Árvores de Natal diferentes”	138
Anexo R- Planificação da atividade “Caça ao tesouro”	139
Anexo S- Resultado final da atividade “Caça ao tesouro”	141
Anexo T- Planificação da atividade “À Descoberta da dança”	142
Anexo U- Resultado da atividade “À descoberta da dança”	144
Anexo V- Planificação da atividade “Ritmicamente felizes”	145
Anexo W - Resultado da atividade “Ritmicamente felizes”	148
Anexo X- Planificação da atividade “Arcos rítmicos”	149
Anexo Y- Resultado da atividade “Arcos Ritmicos”	152
Anexo Z- Avaliação do projeto final “A importância que tenho no mundo: sensibilizar para cuidar do ambiente”.	153
Anexo AA- Guião de entrevista	158
Anexo AB-Consentimento informado	163
Anexo AC-Transcrição da entrevista A	166
Anexo AD- Transcrição da entrevista B	174
Anexo AE- Transcrição da entrevista C	182
Anexo AF- Transcrição da entrevista D	189
Anexo AG- Transcrição da entrevista E	197
Anexo AH Transcrição da entrevista F	204
Anexo AI- Transcrição da entrevista G	211

Anexo AJ- Transcrição da entrevista H	219
Anexo AK- Transcrição da entrevista I	226
Anexo AL- Transcrição da entrevista J	233
Anexo AM- Transcrição da entrevista K	242

Índice de tabelas

Tabela I- Objetivos da atividade “Boneco de Neve”	12
Tabela II- Objetivos da atividade “Teatro da História” A Revolta dos Vegetais”	28
Tabela III- Objetivos da atividade “Avaliação do projeto”	30
Tabela IV- Objetivos da atividade “Caixa Mágica”	42
Tabela V- Objetivos da atividade “Arcos da amizade”	44
Tabela VI: Apresentação dos entrevistados.	55
Tabela VII: Boas memórias escolares e a frequência no pré-escolar.	57
Tabela III: Importância da frequência do pré-escolar.	59
Tabela IV: Processo de adaptação das crianças à escola.	59
Tabela VIII: Sentimento dos/as entrevistados/as face ao processo de adaptação.	61
Tabela IX: Papel das educadoras face ao processo de adaptação das crianças à escola.	63
Tabela X Rotina diária e informação	67
Tabela XI: Conhecimento de todas as atividades realizadas em sala.	69
Tabela XII: Projeto de sala e diálogo.	71
Tabela XIII: Iniciativas que a escola costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias.	74
Tabela XIV: Tarefas para casa	76
Tabela XV: Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma.	77
Tabela XVI: Subcategorias da categoria “Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma”.	78
Tabela XVII: Organização em casa para a realização de tarefas.	79
Tabela XVIII: Importância do envolvimento e variação do interesse das crianças nas tarefas.	80
Tabela XIX: Promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos.	81
Tabela XX: Oportunidades de os/as entrevistados/as estarem presentes na escola.	82
Tabela XXI: Opinião dos/as entrevistados/as, barreiras que interferem e discriminação.	83
Tabela XXII: Formas de envolver mais na vida escolar	87
Tabela XXIII: Iniciativas que a escola poderia desenvolver para envolver mais as famílias.	88

Índice figuras

Figura I- “Atividade Boneco de Neve”	13
Figura II- “Atividade Teatro da Revolta dos Vegetais”	29
Figura III- “Atividade Teatro da Revolta dos Vegetais”	29
Figura IV- “Atividade Avaliação do Projeto”	32
Figura V- “Atividade Caixa Mágica”	43
Figura VI- “Atividade Teatro da Arcos da Amizade	46
Figura VII- “Atividade Arcos da Amizade”	46
Figura VIII- “Imagem da Sala de creche”	107
Figura IX- “Planificação da Atividade nº2- “Pasta de Moldar “ ”	108
Figura X- “Planificação da Atividade nº 3- “Tapete das Sensações” ”	110
Figura XI- “Planificação da Atividade nº 4- “Desenhar no plástico” ”	111
Figura XII- “Imagens da sala e espaço exterior do Jardim de Infância”	112
Figura XIII- “Planificação da Atividade- “Introdução ao tema” ”	113
Figura XIV- “Resultado da Atividade- “Introdução ao tema” ”	115
Figura XV- “Planificação da Atividade- “Plantar e semear na nossa horta” ”	118
Figura XVI- “Resultado da Atividade- “Plantar e semear na nossa horta” ”	119
Figura XVII- “Planificação da Atividade- “Construção de um Espantalho” ”	121
Figura XVIII- “Resultado da Atividade- “Construção de um espantalho” ”	123
Figura XIX- “Planificação da Atividade- “Proteção da horta” ”	125
Figura XX- “Resultado da Atividade- “Proteção da horta” ”	127
Figura XXI- “Imagens da sala de Jardim de Infância”	135
Figura XXII- “Planificação da Atividade- “Árvores de Natal diferentes” ”	137
Figura XXIII- “Resultado da Atividade- “Árvores de Natal diferentes” ”	138
Figura XXIV- “Planificação da Atividade- “Caça ao Tesouro” ”	140
Figura XXV- “Resultado da Atividade- “Caça ao Tesouro” ”	141
Figura XXVI- “Planificação da Atividade- “À descoberta da dança” ”	143
Figura XXVII- “Resultado da Atividade- “À descoberta da dança” ”	144
Figura XXVIII “Planificação da Atividade- “Ritmicamente felizes” ”	146
Figura XXIX- “Resultado da Atividade- “Ritmicamente felizes” ”	148
Figura XXX “Planificação da Atividade- “Arcos Rítmicos” ”	150
Figura XXXI- “Resultado da Atividade- “Arcos Rítmicos” ”	152

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada, lecionada no segundo ano do 1.º semestre do Mestrado em Pré-Escolar. Segundo o programa da unidade curricular, pretende-se que os estudantes sejam capazes de desenvolver um estudo baseado nas três Práticas de Ensino Supervisionadas, em contextos de creche e jardim de infância, decorridas ao longo dos três semestres do curso.

No que se refere à estrutura deste relatório, este está dividido em quatro partes. Na primeira parte, irei apresentar de maneira sucinta os três estágios realizados ao longo do Mestrado, apresentando-se agrupadas aprendizagens e informações obtidas no decorrer dos mesmos.

Na segunda parte, desenvolver-se-á a componente investigativa, com um estudo intitulado “Análise das representações e experiências das famílias acerca da relação família-escola na educação pré-escolar”. Nesta alínea irei expor as várias etapas da investigação, tais como: Identificação da questão de investigação e justificação da mesma, o tipo de estudo, os sujeitos do estudo/participantes, as técnicas de recolha de dados, os princípios éticos da investigação, a análise documental e o tratamento da informação recolhida.

Na terceira parte será apresentada a análise detalhada dos dados obtidos na investigação realizada, discutindo os resultados à luz do enquadramento teórico mobilizado.

A última e quarta parte consiste numa reflexão aprofundada sobre a contribuição das práticas de ensino supervisionada para a construção de uma visão relativamente à educação pré-escolar. Serão também apresentadas as aprendizagens a nível pessoal e profissional com todo o processo investigativo, ou seja, tudo o que seja relativo ao percurso formativo no âmbito do presente Mestrado.

Capítulo 1

1.1. Caracterização das práticas de ensino supervisionadas

1.2. Introdução à apresentação dos contextos de estágio

O Mestrado em Educação Pré-Escolar proporciona aos alunos três experiências de Práticas de Ensino Supervisionadas, sendo estas a creche no primeiro semestre do 1.º ano e jardim de infância nos semestres seguintes, ficando à escolha dos/as alunos/as a valência do último estágio. De referir que os estágios em qualquer dos contextos não tiveram duração idêntica devido à pandemia em que vivíamos então.

A primeira intervenção realizou-se na valência de Creche, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre um e dois anos, numa sala heterogénea, com 15 crianças no total. Este estágio foi realizado no primeiro semestre do primeiro ano do mestrado, e decorreu apenas de 11 a 22 de janeiro de 2021, numa Instituição no distrito de Santarém. Este estágio apenas teve duração de duas semanas devido à situação pandémica que vivíamos na altura.

A segunda intervenção foi na valência de Pré-Escolar, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos, numa sala heterogénea, com 20 crianças no total. Este estágio realizou-se no segundo semestre do primeiro ano do mestrado, e decorreu de 5 de maio a 11 de junho de 2021, numa Instituição no distrito de Santarém.

O terceiro e último estágio foi realizado na valência de Pré-escolar, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos, numa sala heterogénea, com 25 crianças no total. Este estágio realizou-se no primeiro semestre do segundo ano do mestrado, decorreu de 8 de novembro de 2021 a 26 de janeiro de 2022, numa Instituição no distrito de Santarém.

Todos os estágios foram realizados em conjunto com um par de estágio, frisando-se que a intervenção planeada foi sempre realizada em conjunto. Habitualmente a implementação das atividades foi realizada através de alternância,

tornando assim responsável cada estagiária pela dinamização das mesmas durante uma semana. Apenas no primeiro estágio só uma de nós teve a oportunidade de intervir, uma vez que o estágio foi interrompido devido ao impacto das restrições da pandemia Covid.

Todos os estágios de mestrado tiveram várias etapas para alcançar o objetivo pretendido, começando na elaboração e implementação de um projeto de intervenção, criado em específico para cada grupo de crianças. O primeiro passo passa sempre por realizar uma pesquisa e uma análise documental para auxiliar a criar fio condutor na nossa observação. Posteriormente, no passo seguinte, inicia-se o período de observação e recolha de dados. Depois, inicia-se a organização e análise dos dados recolhidos, começando a elaboração do Projeto de Intervenção e a intervenção propriamente dita. O último passo é destinado à avaliação do projeto de intervenção.

Durante todo o período de 2 semanas de observação, identificaram-se as fragilidades, os pontos importantes e os interesses dos grupos, de modo a conseguirmos delinear um projeto de intervenção, com base nas observações recolhidas.

As crianças são sem dúvida os principais agentes da sua aprendizagem, tendo capacidade de organizar as suas ações para posteriormente adquirirem o seu próprio conhecimento. É, pois, fundamental a participação ativa das crianças, pois segundo Vasconcelos (2010, p.15) “Não duvidamos que realizar projectos com as crianças é proporcionar-lhes uma valiosa ajuda ao seu desenvolvimento. Com o apoio atento do educador as crianças tornam-se competentes, isto é, “capazes de saber fazer em acção”, tentei permitir sempre ao longo de todas as intervenções que as crianças se desenvolvessem, através das atividades que propunha, tentei que as crianças estivessem envolvidas ao máximo, com a minha ajuda na coordenação e organização das atividades, permitindo às mesmas, autonomia no desenvolver das intervenções, fazendo das crianças o principal agente.

Ao longo de cada estágio foi sempre solicitado aos pares de estágio que elaborassem um portefólio relativamente a toda a sua experiência vivenciada, ao seu período de intervenção e a toda a sua aprendizagem, com o objetivo de ilustrar e analisar todo o trabalho realizado, de modo a fundamentar e explicar quais as metodologias de trabalhos utilizadas ao longo do processo de construção.

Para este relatório realizei uma breve síntese dos portefólios construídos com o meu par de estágio, onde serão apresentados mais em detalhe cada um dos estágios:

(a) Caracterização do meio envolvente; (b) Caracterização Institucional; (c) Caracterização do grupo; (d) Contextualização do Projeto de intervenção; (e) Atividades

1.2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

a. Caracterização do meio envolvente

Segundo os documentos consultados, esta Instituição está inserida na cidade de Santarém. Esta, situa-se junto ao Rio Tejo, estendendo-se por 559 quilômetros quadrados e compreendendo a União de Freguesias de Santarém. (Marvila, S. Salvador, S. Nicolau, Sta. Iria). A localização privilegiada de Santarém concedeu-lhe, desde tempos remotos, um estatuto único, como o ponto de cruzamento de homens, bens e culturas. De concelho essencialmente agrícola tem evoluído, ao longo do último meio século, para uma economia diversificada, constituindo um eixo de articulação de vários sistemas de empresas e transportes.

Na economia municipal destacam-se agropecuária, silvicultura, indústria alimentar, comércio retalhista, a mecânica e a metalomecânica, a construção civil, a restauração e hotelaria. A riqueza histórica de Santarém está bem patente nos seus monumentos e no dédalo ancestral dos arruamentos do centro.

De acordo com a documentação institucional consultada (ISS, 2005), a creche é uma resposta social, desenvolvida em equipamento, de natureza socioeducativa, para acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período diário correspondente ao impedimento dos pais ou da pessoa que tenha a sua guarda de facto, vocacionado para o apoio à criança e à família. São-lhe atribuídas três grandes funções: proporcionar o bem-estar e desenvolvimento integral das crianças através de um atendimento individualizado, colaborar com a família, colaborar no despiste precoce de inadaptações ou deficiências e prevenir e compensar défices sociais e culturais no meio familiar, proporcionando às crianças, atividades pedagógicas e enriquecedoras.

Segundo a Instituição, a mesma afirma que a creche é uma fusão constante de cuidados e educação, promovendo experiências na vida da criança, desenvolvendo e facilitando a sua aprendizagem através de interações físicas e sociais.

Existem ainda princípios fundamentais na creche. Gabriela Portugal (2000) citado pelo documento institucional consultado “apresenta dez princípios educativos, sendo estes: Envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito; Investir em

tempos de qualidade procurando estar completamente disponível para as crianças; Aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas; Investir tempo e energia para construir uma pessoa “total”; Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos; Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças; Modelar os comportamentos que se pretende ensinar; Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades; Construir segurança ensinando a confiança e por último procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis desenvolvimentos.” A importância de respeitar estes dez princípios educativos é fundamental para o desenvolvimento e bem-estar da criança, promovendo sempre há criança novas aprendizagens, um envolvimento total na rotina diária/atividades e respeito pelos seus sentimentos, é importante que o educador se adapte a cada criança individualmente.

b. Caracterização Institucional

De acordo com os documentos consultados na instituição, esta Instituição é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, da responsabilidade da Diocese de Santarém, que tem por objetivo principal desenvolver atividades de ação social e educacional, promotoras da pessoa humana, através de várias respostas sociais.

Segundo os documentos consultados na Instituição a sua Missão, visão e valores, são: O conceito unitário e global da pessoa humana e o respeito pela sua dignidade; O aperfeiçoamento cultural, espiritual e moral da comunidade; O espírito de convivência e de solidariedade social como fator decisivo do trabalho comum, tendente à valorização integral dos indivíduos, das famílias, da comunidade e demais agrupamentos;

Esta instituição disponibilizava duas creches:

Creche 1: Hall; Berçário com fraldário interior; Sala de 1 ano com fraldário interior; Sala de 2 anos com fraldário/WC interior; Copa que serve de refeitório; Instalações sanitárias, para trabalhadores; Sala de arrumos; Vestiário.

Creche 2: Hall; Berçário com fraldário interior e dormitório; Sala de 1 ano com fraldário interior; Sala de 2 anos com fraldário/WC interior; Sala heterogênea com

fraldário/ WC interior; Copa; Refeitório; Despensa; Sala de arrumos; Instalações sanitárias, para trabalhadores; Gabinete de recursos humanos.

“A creche constitui uma das primeiras experiências da criança num sistema organizado, exterior ao seu círculo familiar, onde irá ser integrada e no qual se pretende que venha a desenvolver determinadas competências e capacidades.” (citação retirada dos documentos consultados na Instituição). Este serviço centra-se assim no atendimento individualizado às crianças em ambiente seguro, higiénico, tranquilo e alegre de progressivo convívio com outras crianças, conforme a sua idade.

O CSIS celebrou acordos de cooperação com o Centro Distrital de Segurança Social de Santarém para a resposta social de creche desde 1996. Na Instituição existe também a valência de pré-escolar, que é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida. Segundo os documentos consultados na instituição, o Projeto Curricular da Instituição assume-se como a génese do fio condutor e o produto de todo o processo educativo. O projeto parte da identidade da instituição, articulando-se com a legislação em vigor, as necessidades contextuais, organizacionais e específicas da mesma e com os objetivos curriculares, tendo como meta a mudança e a inovação.

Existia um projeto em vigor no momento do estágio (CSIS, 2020). No documento consultado na instituição, a mesma afirma que “teve como principal preocupação a valorização do desenvolvimento humano em todas as dimensões, na busca permanente da verdade e da alegria de viver, favorecendo assim a maturação progressiva e harmoniosa da sua identidade num projeto de vida a partir dos valores humanos, éticos e cristãos.” Segundo a instituição o projeto “tem como objetivos gerais: Ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, as implicações práticas e expressá-los em relação a si próprias, aos outros, à comunidade e ao mundo em geral; Fomentar nas crianças, atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, assim como interiorizar normas e leis que regem os elementos que o configuram.”

Foram delineadas diversas estratégias pela instituição para fazer cumprir os objetivos deste projeto, tais como: “Elaborando plano anual de atividades e projetos pedagógicos tendo em conta: os objetivos gerais da instituição, do projeto educativo, das orientações curriculares, metas de aprendizagem e do grupo de crianças a que se destina; Desenvolvendo aspectos do carácter da criança de forma positiva; Promovendo intercâmbios com as unidades de infância e de idosos; Proporcionando a colaboração da família na vida da Instituição; Vivenciando datas festivas; Efetuando saídas ao

exterior; Promovendo atividades, ações de formação, palestras e outros eventos; Efetuando avaliações periódicas.”

A metodologia de trabalho utilizada nesta instituição, segundo a mesma, não tem por base um único modelo curricular. Tem sim uma harmonia entre várias metodologias. Desta forma, podemos encontrar dinâmicas trabalhadas nas várias salas da instituição com influências dos seguintes modelos/ metodologias: Modelo escola moderna (MEM); Modelo curricular High Scope; Modelo pedagógico Reggio Emília; Modelo trabalho de projeto; Método de aprendizagem cooperativa. Não foi possível verificar com rigor o que realmente é cumprido pela instituição, pois o estágio teve um período muito curto devido às restrições pela pandemia Covid, logo não foi possível realizar uma avaliação que demonstre a distância entre o que a instituição propõe promover e o que realmente é realizado pela mesma.

Não obtivemos neste estágio informação sobre o projeto de sala.

c. Caracterização da sala

A sala não estava organizada por áreas mas pudemos observar vários materiais e equipamentos, tais como: um espelho; uma mesa de trabalho com duas cadeiras para os adultos; cadeiras para crianças, apenas utilizadas para trabalhos supervisionados; uma mesa pequena; um fogão de brincar; um armário com dossiês onde se encontravam também os lençóis e cobertores devidamente identificados com o nome de cada criança (destinados à sesta); um armário com material pedagógico; um quadro com os aniversários das crianças; fotografias das famílias das crianças; quadro com atividades realizadas pelas crianças; decoração alusiva aos animais da quinta. Em anexo à sala podemos observar: cabides divididos para cada criança.

Na casa de banho observámos um fraldário; três sanitas; um chuveiro; três bacias; compartimentos com objetos para realizar a higiene de cada criança; cabides com as mudas de roupa de cada criança; três lavatórios; um quadro com as necessidades de cada criança.

Perante todos os aspectos que observámos em sala sentimos que, uma vez que era uma sala destinada a duas faixas etárias, não tinha os “cantinhos” definidos. Constatámos que para as crianças de um ano é o ideal, mas para as crianças de dois anos sentimos que está um pouco aquém das necessidades das mesmas, não tendo

assim materiais suficientes para o seu desenvolvimento. Com isto notou-se um desconforto por parte das crianças de dois anos que procuravam algo com que se identificassem mais (ex.: o lençol que estava na cama dos bebés era utilizado como corda para eles correrem, segurando uma criança numa ponta e outra criança na outra ponta, demonstrando que as crianças apesar de tudo «criavam» brincadeiras resignificando os materiais disponíveis. Ainda assim, este tipo de brincadeiras eram comuns e davam origem a conflitos em sala entre crianças e entre educadora e crianças).

d. Caracterização do grupo

A sala onde estive a realizar este estágio era uma sala heterogénea, com idades compreendidas entre um e dois anos. Existiam cinco crianças de um ano do sexo feminino e quatro crianças do sexo masculino (que vestiam bibe laranja), já relativamente às crianças de dois anos (que vestiam bibe azul), existiam quatro do sexo feminino e duas do sexo masculino.

Observei ainda que as crianças de um ano usavam fralda e as de dois anos não, fazendo-o apenas na hora da sesta. Posso ainda referir que existia almoço e lanche diferenciado para o mesmo grupo de crianças. Neste grupo de crianças pude observar que a diferença de idades por vezes tornava difícil a implementação de uma atividade apenas para o grupo em geral, pois as crianças de um ano perdiam facilmente o interesse nas atividades longas, já as crianças de dois anos se as atividades fossem muito curtas ou de baixa dificuldade acabavam por ficar frustradas e desanimadas, perdendo assim o interesse. Não foi possível observar quais as estratégias que a educadora utilizava para superar estas dificuldades na implementação de atividades, pois a mesma encontrava-se doente e quando voltou já a implementação do projeto estava destinada a começar, logo não tivemos tempo de observação dos métodos e estratégias da educadora cooperante, porque o estágio também foi cancelado, entretanto.

Pude constatar e observar que existia uma criança com um problema de saúde, que provocava convulsões, esta mesma criança demonstrou-se num nível de desenvolvimento diferente (positivamente) do restante grupo, o que era bom visto que o seu problema de saúde não influenciava em nada o seu desenvolvimento. De facto, pude perceber ao longo da observação que a criança, ao contrário das restantes, já

dominava as cores, objetos e números. Era ainda notório que existia uma criança da mesma idade que não conseguia articular muitas palavras e quando as articulava não era de forma espontânea e livre, mas sim repetindo o que um adulto dizia. Quando se tentava ter uma conversa com a mesma, apenas obtínhamos “sim” como resposta, a palavra “não”, não era vocalizada, apenas realizava o gesto.

Pude ainda observar neste estágio em específico que, devido à fase pandémica que se atravessava na altura, o contacto com a família tinha sido alterado. Os familiares que levavam as crianças à instituição não tinham autorização para entrar na mesma, deixavam-na à porta e posteriormente a criança era encaminhada por uma auxiliar até à sala. À partida, poder-se-ia pensar que estas medidas afastaram um pouco a escola da família, mas não, pelo contrário. Foram criados grupos de WhatsApp entre pais e educadora, e através do mesmo eram partilhadas informações (fotografias, medos sentidos, etc.) que anteriormente não existiam. As informações que antes eram passadas aos pais através de uma pequena conversa, talvez um pouco superficial e com pouca informação devido ao alargado número de progenitores que se encontravam ao mesmo tempo para recolher os filhos, eram, naquela altura, informações que iam passando aos pais ao longo do dia e de forma mais detalhada e ilustrada, aumentando a sensação de proximidade. Desta forma, considero que apesar de os pais estarem impedidos de estar fisicamente na escola, a relação entre escola e família era robusta e satisfatória, no sentido que os pais recebiam toda a informação e tinham acesso “privilegiado” ao dia-a-dia dos filhos.

Rotina diária:

Entre as 07h30-09h acontecia o acolhimento das crianças. Posteriormente o reforço da manhã costumava ocorrer entre as 09h e as 09h30, de seguida era realizada a higiene pessoal das crianças. O início das atividades orientadas ocorria por volta das 10h30h. O período do almoço tinha início normalmente às 11h30 e de seguida decorria a higiene pessoal das crianças e a sua preparação para a sesta. O decorrer da sesta dependia das crianças, mas no máximo durava até às 15h00, para que posteriormente pudesse ser realizada a higiene e o lanche das crianças. De seguida as crianças costumavam brincar livremente enquanto decorria a recolha das crianças pelos pais, esta recolha das crianças podia ter prolongamento até às 19h00, que era o normal horário de encerramento da creche.

e. Contextualização do Projeto de Intervenção

Estando a trabalhar com um grupo de crianças entre um e dois anos considerámos importante trabalhar o desenvolvimento sensorial. Devido à existência de duas faixas etárias decidimos que as atividades deviam ser direcionadas para estas duas idades de forma individualizada. Assim decidimos que o projeto se iria basear no desenvolvimento da dimensão sensorial através da exploração dos sentidos. Pretendemos planificar e implementar atividades que tinham como objetivo trabalhar a motricidade global e fina das crianças, por meio da exploração de novas sensações e novos materiais e texturas que trabalhavam o desenvolvimento dos sentidos e dos movimentos corporais, estimulando assim a criança para novas aprendizagens com vista à integração do grupo como um todo. É de elevada importância referir que as atividades integraram o grupo como um todo, desta forma é importante gerir as atividades para que ambas as idades se integrem e não percam o interesse facilmente. Uma das maiores dificuldades que encontramos foi a introdução de novos materiais para a realização destas atividades, pois, existiam crianças que demonstraram algum desconforto com o desconhecido. Desta forma foi ainda mais visível a importância de trabalhar esta temática.

A criação do projeto foi com base na abordagem de Maria Montessori, este é caracterizado por uma ênfase na autonomia, liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança.

Muitos dos exercícios desenvolvidos pela educadora, hoje utilizados largamente na Educação Infantil, têm como objetivo chamar a atenção dos alunos para as propriedades dos objetos (tamanho, forma, peso, cor, textura, cheiro, barulho).

Este projeto teve assim como finalidade ajudar no desenvolvimento da curiosidade e na iniciativa exploratória de cada criança, respeitando os seus ritmos e as suas particularidades, tendo as seguintes finalidades: Dar a conhecer novas experiências a nível de texturas e objetos; Despertar a criança para novas sensações; Desenvolver o movimento corporal da criança; Desenvolver na criança a sua autonomia; Transmitir confiança, autoestima e segurança às crianças; Desenvolver o sentido de exploração; Tornar as crianças mais ativas a nível motor; Desenvolver a competência social e comunicacional.

Para desenvolver este projeto foram utilizadas as seguintes estratégias: Trabalhar individualmente com cada criança; Trabalhar em grande grupo; Promover a

exploração de diversas texturas; Estimular as crianças através do afeto e comunicação; Estimular através da imitação; Brincar livremente através da exploração de materiais; Promover a autonomia de exploração e execução de tarefas.

Para este estágio na vertente de creche foi utilizada como estratégia de avaliação para as atividades que foram desenvolvidas neste projeto a observação direta, com objetivo de observar como as crianças reagiam e participavam nas atividades. Outro método de avaliação utilizado foi a interação com as crianças, promovendo a comunicação das mesmas, podendo obter um feedback da atividade e da evolução da capacidade comunicacional das crianças. Existiram ainda algumas reuniões com a educadora no final de cada atividade para avaliar o desempenho das crianças e das discentes, e através deste método a educadora pode dar sempre o seu feedback, para ajudar a melhorar.

Como “futura educadora” o papel que tenho é de elevada importância uma vez que devo apresentar diversos valores, entre si o respeito pelos outros, a ajuda, a cooperação, a sensibilidade, disponibilidade, o trabalho em equipa, a autonomia e a capacidade de gestão de conflitos. No que diz respeito às questões éticas é importante que o educador, e eu como futura profissional, demonstre as melhores estratégias a utilizar com cada criança. A postura e a linguagem utilizada no decorrer do estágio também são muito importantes, tem de ser adequadas ao contexto, devem ser cuidadas e respeitadas.

f. Atividades

Neste projeto foram planificadas diversas atividades que acabaram por não ser implementadas devido ao final antecipado do estágio como já mencionado anteriormente, o objetivo era as mesmas serem implementadas por mim e outras implementadas pelo meu par de estágio, as restantes atividades que já se encontravam planificadas podem ser encontradas em anexo. Irei realizar aqui uma breve síntese panorâmica das atividades que iriam integrar o projeto de intervenção, de modo a criar um fio condutor.

Ordem cronológica das atividades:

- **“Pasta de moldar”; (Anexo B)**

- **“Tapete das sensações”; (Anexo C)**
- **“Desenhar no plástico”. (Anexo D)**

1ª atividade- Boneco de Neve

Introdução da atividade:

Esta atividade serviu de introdução ao tema do projeto de intervenção que teve como objetivo trabalhar a motricidade global e fina das crianças, por meio da exploração de novas sensações, novos materiais e texturas. Esta atividade foi iniciada com a canção “Sou um boneco de neve” com o grupo. De seguida, mostrou-se o algodão e deu-se às crianças para elas sentirem a textura.

Posteriormente o meu par de estágio chamou as crianças duas a duas para a mesa de trabalho e pediu às crianças que espalhassem a cola branca com um pincel nos dois círculos que foram previamente cortados antes da atividade e posteriormente as mesmas colarem o algodão por cima. De seguida fazer a montagem do boneco de neve (colar os dois círculos um ao outro) e colar o chapéu (no círculo mais pequeno que tem a função de cabeça), fazer a montagem da cara do boneco (os círculos pequenos para os olhos, a tira para a boca e a “cenoura” para o nariz. Mais tarde colar os botões como se o boneco tivesse uma camisa, enrolar o tecido à volta da junção dos círculos para fazer o cachecol e colar com cola os braços (os galhos).

Para finalizar esta atividade abordamos com as crianças a estação do ano que se vivia atualmente, o inverno para criar uma ligação entre ambas.

Área de Conteúdo	Objetivos	Recursos
<p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Educação Artística - Sub domínio das Artes Visuais <p>Área do conhecimento do mundo</p>	<p><u>Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de explorações e produções plásticas. • Explorar a textura dos materiais. <p><u>Específicos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • O grupo constrói um boneco de neve durante o tempo necessário para a construção do mesmo. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Algodão; • Cola branca; • Pincel (para espalhar a cola branca); • Cartolina branca (cortar dois círculos grandes redondos); • Cartolina preta (cortar em formato que chapéu, cortar dois círculos pequenos para os olhos e cortar uma tira para a boca); • Cartolina cor-de-laranja (cortar em forma de cenoura);

		<ul style="list-style-type: none">• Botões grandes;• Galhos de árvore;• Tecido castanho;• Mesa de trabalho. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none">• Estagiárias;• Educadora;• Auxiliar.
--	--	---

Tabela I- Objetivos da atividade “Boneco de Neve”

Fonte: Elaboração própria.

Registo da atividade:

A atividade foi dinamizada pelo meu par de estágio, eu apenas auxiliei no que era necessário, mas senti que a atividade foi enriquecedora para as crianças. A adesão à atividade por parte das crianças à atividade foi extraordinária, as crianças estavam muito entusiasmadas tanto na construção do boneco de neve como para ver como tinha ficado o produto final. A atividade correu como tínhamos planeado, mas senti que a reação das crianças foi muito melhor do que o esperado. Depois desta atividade fiquei ainda mais entusiasmada para realizar a minha atividade, pois senti que com este projeto poderíamos observar diversas reações e emoções nas crianças.

A implementação de uma canção para iniciar a abordagem à atividade foi bem conseguida. As crianças reagiram bem e gostaram bastante, senti que como habitualmente a educadora já utilizava este método, as crianças puderam antecipar que iriam realizar uma atividade e por isso ficaram muito entusiasmadas depois da canção. A parte da construção do boneco apenas correu “menos bem” pelo facto de a cola que utilizámos não estar a facilitar a colagem do algodão, mas acabámos por arranjar uma solução com a ajuda da educadora, que esteve sempre disposta a colaborar connosco. Antes das crianças colarem o algodão no “corpo” do boneco de neve a minha colega decidiu dar um pouco de algodão a cada criança para que se pudessem familiarizar com a textura do material e considero esta etapa muito positiva na atividade e na realização da mesma, pois por vezes existem crianças que têm medo de experienciar coisas novas. A parte da colagem foi muito engraçada, sentia-se no “ar” o entusiasmo das crianças e a vontade de tocar no material e explorar.

Um dos aspetos mais interessante nesta atividade foi o facto de termos deixado o produto final a secar antes da hora de almoço e as crianças quando acordaram da

sesta a primeira coisa que quiseram fazer foi ver o boneco de neve e ajudar a colar o mesmo na parede, foi gratificante ver que a atividade que foi planeada foi bem conseguida e obteve um feedback positivo por parte das crianças, que em conjunto participaram na elaboração deste produto.

Decidi colocar apenas esta atividade, embora tenhamos criado várias para o projeto de intervenção, porque foi a única a ser implementada do projeto. Não a protagonizei, porque eu iria implementar a atividade seguinte, mas o estágio foi cancelado devido à pandemia covid 19.



Figura I- "Atividade Boneco de Neve"

1.2.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

a. Caracterização do meio envolvente

Este e o próximo contexto, fazem parte do mesmo agrupamento, pelo que posteriormente não irá constar esta informação para que não exista uma repetição da mesma. Segundo o documento institucional consultado, nomeadamente o Projeto Educativo o mesmo abrange uma grande área geográfica com características muito diferentes, num misto de rural e urbano. O espaço urbano abrange desde o centro da cidade até aos bairros periféricos, trazendo toda uma diversidade social típica das cidades. Nas zonas rurais verifica-se algum envelhecimento populacional e deslocalização diária de uma parte considerável da população ativa para trabalhar na zona urbana. Assim, a população do Agrupamento abrange uma grande diversidade

socioeconómica, cultural e religiosa, já que é um polo de integração de população dos meios rural e urbano com qualificações e literacia muito diversas, de vários grupos sociais, de estrangeiros, de idosos e de casais jovens. Regista um grande número de alunos carenciados e subsidiados pela Ação Social Escolar, com as seguintes percentagens: no âmbito do Pré-escolar- 45%, já no 1º Ciclo-61,5%, no 2º Ciclo- 64,5%, no 3º Ciclo- 53,8%, no Secundário (ensino regular) - 45,7% e por fim no Secundário (ensino profissional) - 54,3%, existindo sinais indicativos de algum empobrecimento dos agregados familiares.

No entanto, também existem agregados familiares com habilitações superiores (ou aproximadas) e boa capacidade económica fazendo, assim, com que o Agrupamento seja o reflexo da sociedade, plural e diversa. Na área de abrangência do Agrupamento existem, a nível cultural global, diversas estruturas recreativas e culturais, bem como um património histórico-cultural valioso que, na perspetiva do agrupamento, enriquecem as realidades educativas e possibilitam o enquadramento cultural da comunidade educativa.

b. Caracterização Institucional

Este Jardim de Infância tinha dois grupos. Este jardim de infância possuía duas salas de aula, uma sala de apoio à prática letiva, uma sala polivalente, um espaço exterior que tem ardósias e giz, trotinetas, triciclos, duas mesas, um escorrega, uma caixa de areia, um comboio de madeira, uma casinha de madeira, material didático, brinquedos de escavação e uma casinha de brincar, existia também na instituição uma sala de trabalho para professores, um refeitório para as crianças e um refeitório para os adultos, uma casa de banho para as crianças e uma para os adultos.

Segundo o Projeto Educativo do agrupamento (2021), o mesmo tem como Missão: Formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber; Oferecer respostas socioeducativas adequadas; Desenvolver competências para o futuro do aluno no prosseguimento de estudos e na inserção no mercado de trabalho; Orientar cada aluno para o percurso educativo mais adequado; Ministrando uma sólida formação pessoal e social, nomeadamente no que respeita ao espírito pluralista, a capacidade de análise crítica, abertura ao diálogo e ao empreendedorismo; Ministrando um ensino de qualidade

que desenvolva o aluno cognitivamente, emocionalmente e socialmente; Promover a concertação de esforços para a progressiva melhoria da qualidade da Escola; Promover a cooperação e o trabalho de qualidade, cuidadoso, rigoroso e sério; Educar para a promoção da saúde (física, mental e emocional), a prevenção de comportamentos de risco; Promover ações e atividades que desenvolvam o gosto pelas ciências, artes, e literatura, o desporto, a consciência ambiental e as bibliotecas escolares como polos agregadores da comunidade.

Princípios e Valores do agrupamento/instituição:

Segundo consulta do Projeto Educativo do Agrupamento (2021), defende-se a ideia de que a Escola deve ser um espaço onde todos tenham lugar, através de um percurso de crescimento e aprendizagem sequencial, fundamentado e articulado, necessitando de encontrar formas diferenciadas de resposta para os problemas da sociedade contemporânea que para ela convergem, sem esquecer o papel transformador da sua ação educativa e formativa. Para tal, a instituição afirma reger-se por valores universais e humanistas de cidadania, liberdade, solidariedade, integridade, respeito e aceitação do outro e das suas diferenças. Espírito de equipa e sentido de pertença, porque em conjunto a mesma afirma fazer o melhor e conseguir mais. Empreendedorismo e proatividade, porque o mundo está em rápida mudança. Através da exigência, qualidade, partilha e cooperação, a instituição afirma que uns com os outros existe uma aprendizagem mais facilitada. A mesma afirma ainda que a sustentabilidade e responsabilidade, do futuro depende da construção consciente do que se faz atualmente.

Alguns destes valores foram observados em contexto de estágio, nomeadamente a promoção do espírito de equipa, partilha e cooperação, com algumas atividades criadas entre as duas salas de jardim de infância, realizando assim aprendizagens mais fáceis para as crianças.

c. Caracterização da sala

O Jardim-de-infância caracteriza-se por ter as suas salas organizadas em áreas (designadas por cantinhos no contexto), em que normalmente as crianças escolham o que pretendiam fazer e onde brincavam de uma forma normalmente autónoma. Perante

estes critérios, a sala onde decorreu o estágio neste Jardim de Infância era também dinamizada de uma forma específica, tendo presente:

- A área dos jogos de chão (jogos de encaixe e construção: legos, peças de madeira...);
- A área da casinha/faz de conta (cozinha e respetivos adereços da mesma, guarda vestidos, bonecos e cama para os mesmos, material de limpeza (de brincar) ...;
- A área dos jogos de mesa (puzzles, jogos de encaixe, jogos de madeira...);
- A área da pintura (cavalete para as folhas, pincéis e material de pintura);
- A área dos recortes e do desenho (revistas e desenhos impressos para recorte, material de recorte e colagem, material de desenho);
- A área da plasticina (plasticinas e material para trabalhar a mesma);
- A área de recursos tecnológicos (secretária, computador e colunas);
- A área da mantinha/tapete (utilizada para conversas em grande grupo).

Posteriormente a sala dispunha ainda de vários materiais necessários para uma sala de Jardim de Infância:

- Mesas de trabalho com cadeiras para cada criança;
- Um Armário com cd's, rádio, outros objetos de exploração científica e as folhas de desenho;
- Um armário com os dossiês de cada criança, as revistas para recorte, tesouras, lápis de cor, lápis de cera, cola e canetas, uma coluna de Bluetooth, as folhas para realizar a pintura, um separador com a fotografia de cada criança para cada uma guardar os seus trabalhos e jogos de mesa;
- Um lavatório onde se podia pendurar os desenhos a secar, onde se encontravam as tintas e os pincéis e posteriormente continha uma prateleira por cima onde se encontravam livros de leitura;
- Um quadro que dispunha de uma tabela de presenças, tabela do tempo e posteriormente tabelas necessárias para algum trabalho em funcionamento;
- Dois quadros onde estavam expostos os trabalhos das crianças;
- Mapa dos aniversários.

A educadora cooperante afirmava seguir a metodologia do movimento da escola moderna essencialmente ao nível da organização do espaço e dos quadros reguladores do grupo. Como não foram realizadas entrevistas formais à mesma não é possível confirmar a veracidade desta afirmação, resultando esta informação de trocas informais durante o período de estágio. Através da consulta do projeto de sala, verificámos que a educadora afirmava utilizar algumas estratégias da pedagogia Reggio Emilia, no que respeita à implicação das crianças nos projetos e ao incentivo à partilha, discussão e resultados obtidos em reunião de grande grupo. A mesma dizia seguir uma metodologia ativa e construtivista em que as crianças eram implicadas na sua aprendizagem, através de projetos que iam ao encontro dos seus interesses e necessidades, tentando proporcionar situações de aprendizagem que fizessem sentido à criança, nas quais pudessem partilhar saberes, colocar hipóteses, fazer previsões e verificá-las, dar opiniões, tomar iniciativas e ser responsáveis pelo que conseguiram fazer, com o apoio do adulto.

No projeto de sala a educadora afirmava incluir sempre as crianças na planificação e na avaliação das atividades, tendo um pouco por base o modelo HIGH/SCOPE, tentando sempre levar as crianças a gerir as suas ações numa perspetiva democrática, levando-as a compreender que os seus comportamentos implicavam sempre o outro, dando também sempre importância à explicação do porquê de as decisões serem tomadas em grande grupo, para que todos pudessem ser ouvidos. Da minha observação no contexto foi possível confirmar esta afirmação da educadora cooperante, pois as crianças eram de facto implicadas na planificação das atividades, com isto quero dizer que muitas vezes eram as mesmas que demonstravam o seu interesse num tema e a educadora decidia incidir sobre ele, abordando o mesmo dando assim às crianças uma perspetiva democrática, sendo que a avaliação das atividades era sempre realizada em grande grupo, para que as crianças pudessem trocar impressões e opiniões acerca das aprendizagens adquiridas.

Nos projetos que a mesma desenvolvia, afirmava sempre ter em conta os conteúdos programáticos e domínios curriculares, dando oportunidade às crianças de planificar, opinar, cooperar e de investigar, por vezes em família. A duração dos projetos era variável dependendo do interesse e persistência das crianças. A educadora cooperante afirmava recorrer também a diversos instrumentos, tais como: calendário do tempo; calendário do mês; mapa de presenças, cada um destes instrumentos

proporcionava, para além da regulação do grupo, atingir objetivos educativos que integravam diferentes domínios e áreas curriculares (conhecimento do mundo, formação pessoal e social, expressão e comunicação). Segundo a mesma, tentava sempre envolver as famílias, através de alguns projetos e valorizar a partilha de atividades com o outro grupo do jardim-de-infância.

Relativamente a estas afirmações da educadora cooperante, pude observar que os conteúdos programáticos e domínios curriculares eram normalmente respeitados e era dada oportunidade às crianças de auxiliar na planificação dando opiniões e cooperando, a parte investigativa segundo a minha observação foi sempre realizada em sala em conjunto com a educadora. Os instrumentos utilizados pela educadora eram de facto utilizados diariamente com o objetivo de orientar o grupo, atingindo objetivos educativos que integravam diversas áreas curriculares e domínios. O envolvimento das famílias foi pouco observado durante o decorrer do estágio, tendo apenas observado a solicitação aos encarregados de educação de materiais para a construção do projeto de intervenção, logo não foi possível verificar quais as estratégias utilizadas pela educadora cooperante para a promoção do envolvimento parental no seio escolar.

d. Caracterização do grupo

A sala onde estive a realizar o estágio era uma sala heterogénea. O grupo era constituído por 10 meninas e 10 meninos. Neste grupo foi muito notória a independência das crianças e a sua autonomia. Este grupo tinha cinco crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente perturbação do desenvolvimento da linguagem, atraso no desenvolvimento global, portador de espectro de autismo, atraso global de desenvolvimento, problemas de agressividade, entre outros que ainda se encontravam em avaliação para se chegar a um diagnóstico. Estas 5 crianças frequentavam a terapia da fala. Pudemos observar que uma criança que tinha problemas de atraso no desenvolvimento global e essencialmente no desenvolvimento linguístico comunicava-se apenas através de sons, quando nos chamava a nós ou a educadora repetia sempre o mesmo som.

Esta mesma criança fazia tudo autonomamente, mas a expressar-se através do desenho por exemplo só realizava garatujas e tinha também de ser lembrada que devia ir à casa de banho se não acabava por não ir e fazia as necessidades fisiológicas na sala. Foi também observável que muitas crianças tinham dificuldades motoras em

realizar determinados exercícios. Existiam três crianças que estavam acolhidas numa instituição, estando ao abrigo de uma medida de proteção. A sala em questão era uma sala em que eram notórias crianças com diferentes condições socioeconômicas, o que permitia à educadora criar um ambiente igualitário entre todos, pelo menos em contexto escolar.

Existia também uma criança que tinha problemas de agressividade, essa mesma criança era uma das três crianças que tomavam medicação diária.

A observação do grupo permitiu concluir que era um grupo inclusivo, as crianças entre si não faziam distinção, não criavam grupos, eram como um só. De facto, o grupo revelava boas relações interpessoais de uma maneira geral, alguma cooperação entre os pares e possuía crianças participativas. Este grupo em geral revelava interesse em realizar atividades no domínio das artes visuais, da música, da educação física e do jogo dramático. Segundo a minha observação, a maioria do grupo revelou bastante interesse em ouvir histórias e música e demonstrava possuir alguma curiosidade pelo que estava à sua volta e por aprender coisas novas.

Na globalidade do grupo revelou-se bastante autonomia ao nível da higiene pessoal e satisfação de necessidades básicas, também das rotinas de sala. Algumas crianças revelaram muita insegurança ao nível afetivo, alguma imaturidade e pouca autonomia ao nível das atividades.

Existiam algumas crianças com barreiras linguísticas, devido ao não domínio da língua e das três crianças com necessidade educativas especiais, apenas uma delas não demonstrava possuir linguagem verbal.

Neste grupo foi evidente a proveniência de algumas crianças de ambientes familiares bastante desestruturados pelo que requeriam atenção constante por parte dos adultos, revelando falta de concentração e dificuldade em cumprir as regras de conduta.

Rotina diária

O acolhimento das crianças iniciava-se às 8 horas e terminava normalmente às 10 horas, embora pudessem existir exceções. A brincadeira livre iniciava-se às 10 horas e terminava por volta das 11 horas. Habitualmente, entre este período de tempo ocorria também uma pausa para o lanche da manhã. As atividades orientadas tinham início logo a seguir ao período de brincadeira livre e podiam decorrer até às 12:15 horas.

Posteriormente era realizada a higiene pessoal das crianças e decorria então o período de almoço. Depois do almoço as crianças voltavam a ter tempo para a brincadeira livre até às 14:30 horas, de seguida existia quase sempre a leitura de uma história e posteriormente voltavam a iniciar-se as atividades orientadas. A partir das 15:30 horas ocorria o lanche para algumas crianças e iniciava-se também as atividades extracurriculares para outras, dependendo dos dias da semana.

No que diz respeito à rotina diária, esta ajuda a criança a orientar-se no tempo e contribui para o seu desenvolvimento e a sua autonomia, pelo que, nesta sala de Jardim de Infância, a mesma estava organizada da seguinte forma:

Manhã: Acolhimento com canções, conversas, poesias, lengalengas, adivinhas, atualização de mapas e calendários. Lançamento de temas/projetos e propostas de trabalho; trabalho em pequeno grupo e individual; higiene e recreio; atividades escolhidas pelas crianças; hora do conto; continuação de atividades iniciadas; higiene e almoço.

Tarde: exploração de histórias, jogos de linguagem; propostas de trabalho de acordo com os projetos iniciados; atividades escolhidas pelas crianças; leitura e exploração de livros/jogos de tapete.

Através da minha observação, percebi que a educadora permitia a cada criança escolher qual a área da sala onde queria estar a realizar atividades, coordenando sempre em conjunto com as crianças todo este procedimento. Foi ainda observável que a rotina era de certa forma flexível, consoante as necessidades do grupo, porque muitas vezes a rotina era agilizada em conformidade com os sentimentos das crianças, com as vontades que demonstravam, essencialmente com base nas necessidades que demonstravam naquele dia, ou naquela semana, de modo que as mesmas se sentissem realizadas.

e. Contextualização do Projeto

No primeiro dia de estágio foi logo definido o projeto. A ideia de criar uma Horta Pedagógica surgiu da mãe de uma aluna. Posteriormente, foi realizada uma conversa com as crianças sobre o que achavam da ideia. Estas mostraram-se muito interessadas

e dispostas a realizar a sua própria horta. As crianças ao mostrarem-se tão entusiasmadas com o projeto a educadora sugeriu a criação do mesmo, foi assim aceite por ambas as partes e começou logo o planeamento.

Mais tarde, com a ajuda da educadora começaram a surgir as planificações das atividades e a existiu uma conversa de como poderia ser introduzido o tema às crianças.

O projeto deveria ser pensado e planeado após duas semanas de observação, mas, visto que a horta é algo que demora a ser elaborada a educadora deu a ideia e a abertura para realizá-la mais cedo, com o intuito de chamar a atenção das crianças para o papel que iria ser desenvolvido por nós e as funções que teríamos em sala de aula. Desta forma existiu logo de início uma informação e orientação da interação para a ideia de uma horta pedagógica e a também uma interação com o grupo mais cedo, para que estes nos vissem como adultas responsáveis por eles. Uma das maiores dificuldades encontradas, de facto, foi o curto espaço de tempo que existiu para a planificação e preparação das atividades que foram implementadas logo na primeira semana de estágio.

O projeto em si foi mais centrado no espaço exterior, sendo que existiram sempre atividades de introdução ao tema, observação e registos que foram realizados em sala.

Em contexto do pré-escolar, o exterior deve ser considerado como uma extensão da sala, sendo assim, mais uma área de atividades e brincadeira, esta Escola tem muita consideração por este espaço e dá muita importância ao mesmo e à sua exploração, posto isto foi importante trabalhar mais este espaço para que as crianças usufruíssem e o explorassem mais.

Um projeto desta natureza justificava-se plenamente, na medida em que, nas primeiras idades, as explorações livres do espaço exterior têm um papel fundamental na aquisição do conhecimento do mundo que rodeia as crianças, explorando-o através dos sentidos. Criar oportunidades para que as crianças possam estar em contacto com a natureza, devido ao facto da maioria delas viver na cidade e não ter de modo algum contacto, “ao manipularem a terra muitos estudantes adquiriram também maior habilidade manual, melhoram a coordenação motora, a habilidade manual além de adquirir mais força nas mãos.” (Cribb, 2010, p.50).

Finalidade do projeto

A criação deste projeto teve como principal objetivo a construção de uma horta pedagógica. As hortas pedagógicas podem e devem desempenhar vários papéis na comunidade escolar. Com a criação deste projeto queremos promover a consciência das crianças para a importância de ter uma alimentação saudável, aprendendo também a dar importância ao meio ambiente e criando nos mais pequenos uma responsabilidade para com o mesmo. Existem muitos benefícios na exploração deste tema, tais como:

1. As hortas nas escolas são boas para a saúde e educação das crianças - As hortas escolares não são apenas para alimentar, mas para promover uma melhor alimentação. As hortas escolares podem melhorar direta e imediatamente a dieta das crianças. A escola é um cenário importante para aprender sobre alimentação e nutrição.
2. As hortas escolares são boas para a aprendizagem- As hortas escolares são boas para aprender: são uma forma altamente prática e direta de educação, onde as crianças podem ver os resultados das suas decisões e ações. Aprender a produzir alimentos não só melhora a saúde, como também pode fornecer uma forma de vida e um aumento da autossuficiência.
3. As hortas escolares ensinam competências de negócio- Muitas escolas usam as suas hortas e o trabalho das crianças para gerar receitas para a escola. Este é um objetivo prático com valor e por vezes vital para a escola e para as crianças. Mas o benefício é multiplicado se a atividade comercial também for tratada como um exercício educativo. Alguns estudantes de áreas rurais irão fazer a sua vida a partir da agricultura.
4. As hortas escolares melhoram o ambiente- O respeito pelo ambiente começa em casa e também na escola. A consciência das crianças em relação aos vários ambientes e a forma como aprendem a tratá-lo vai ajudá-las a crescerem como adultos responsáveis. Projetos que melhorem o espaço da escola criam consciência e orgulho, e aumentam a reputação da escola junto da comunidade.
5. A hortas escolares ajudam e são ajudadas pela família e comunidade- A família e a comunidade podem ser envolvidas no planeamento, aconselhamento, diversão e aprendizagem dos projetos da horta escolar, bem como a dar ajuda prática, perícia, apoio e patrocínios.

6. As hortas escolares promovem competências para a vida: as crianças crescem com a horta-As “competências para a vida” são capacidades pessoais e sociais como a gestão de tarefas, planeamento e organização, responsabilidade, trabalho em equipa, compreender o que se está a fazer, explicá-lo, ter orgulho e aprender com a experiência.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
pela Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa, 2016,
pp. 35-37

A importância da implementação destas “atividades, tanto na sala de aula convencional, como na horta ou em outras atividades extra-classe leva os alunos ao exercício da cidadania. Contribui para adquirirem novos valores, novas percepções e novas formas de pensar, através do trabalho em equipe, da solidariedade, da cooperação, do desenvolvimento da criatividade, da percepção da importância do cuidado, do senso de responsabilidade, de autonomia e, sobretudo da sensibilidade e de assumir novas atitudes em relação à busca de soluções para os problemas ambientais.” (Cribb, 2010, p.54)

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.26) “os espaços de educação pré-escolar podem ser abundantes, mas o tipo de material que existe, bem como a sua organização condicionam a maneira como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento e aprendizagens.” É fundamental que o grupo de crianças perceba-se a forma como o espaço está organizado e como deveria ser utilizado, para que assim existisse um desenvolvimento da independência e autonomia da criança.

O espaço exterior é caracterizado como um espaço educativo pelas suas competências e também pelas oportunidades educativas que pode oferecer, pois, segundo as Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.27) “o espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.)...”

Como descrito nas Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escola (2016, p.27) “as funções do espaço exterior exigem que o/a educador/a reflita sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada, nomeadamente no que se refere à introdução de materiais e equipamentos que apelem à criatividade e imaginação das crianças e que atendam a critérios de qualidade, com particular atenção às questões de segurança.”

Objetivos gerais:

Para este projeto, apesar de ter surgido de uma sugestão da educadora, foi considerado pertinente para trabalhar o que o grupo tinha interesse e o que mais precisava, para isso foram delineados alguns objetivos gerais para serem trabalhados.

- Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

Avaliação

Neste estágio, foi decidido não só implementar um projeto e as atividades que faziam parte do mesmo mas também estabelecer uma estratégia de avaliação que consistia principalmente: na observação direta (com objetivo de observar como as crianças reagiam e participavam nas atividades); interação com as crianças promovendo a sua comunicação para obtermos um feedback da atividade realizada; desenho das atividades propostas (em que através do mesmo existia uma perceção para compreender se as crianças entenderam o principal da atividade que foi tentado transmitir. Para finalizar a avaliação, reunir com a educadora para avaliar o desempenho das crianças na atividade e também o desempenho pessoal, desta forma a educadora poderia dar sempre o seu feedback e ajudar a melhorar. Numa avaliação geral pretendia-se ainda fazer algumas questões ao grupo para entender se eles perceberam e aprenderam algo com cada atividade que foi desenvolvida com os mesmos.

f. Atividades

Neste projeto foram realizadas diversas atividades, algumas implementadas por mim (assinaladas com um asterisco) e outras implementadas pelo meu par de estágio, de modo que neste documento apenas irão constar as atividades implementadas por mim, duas no corpo do documento por tê-las considerado as mais pertinentes e as restantes em anexo, todas as atividades serão apresentadas de seguida por ordem cronológica. Irei realizar aqui uma breve síntese panorâmica de todas as atividades realizadas que integraram o projeto de intervenção, de modo a demonstrar o fio condutor inerente ao projeto.

Ordem cronológica das atividades:

- “Introdução ao tema” * (Anexo F)
- “Maquete/Planta da horta” implementada pelo meu par de estágio para as crianças puderem pré-visualizar a sua horta;
- “Germinação” implementada pelo meu par de estágio para ensinar às crianças o que é a germinação e para que serve.
- “Plantar e Semear na nossa horta” * foi realizada ao longo de diversas semanas com as crianças e em conjunto com o meu par de estágio, foi decorrendo consoante os materiais que as crianças iam trazendo; (Anexo H)
- “Tabela de evolução das plantas/sementes” foi implementada pelo meu par de estágio para que as crianças pudessem observar ao longo das semanas a evolução das plantas e sementes que tinham colocado na horta;
- “Etiquetas de identificação para a horta” implementada pelo meu par de estágio e com o intuito de facilitar às crianças a identificação das plantas e sementes que se encontravam na horta;
- “História “Ainda nada ” implementada pelo meu par de estágio para demonstrar às crianças que a evolução da horta é um processo que pode levar um determinado tempo.
- “Placar dos legumes/frutas da horta” implementada pelo meu par de estágio e com o objetivo de as crianças distinguirem legumes de frutas;
- “Teatro da História “A Revolta dos Vegetais” * explicada mais abaixo neste documento;
- “Construção de um espantalho” *; (Anexo J)

- “Proteção da horta” * (Anexo L)
- “Avaliação do projeto” * (com continuação no - Anexo N)

Deste projeto destaco duas atividades:

1º Atividade: Teatro da História “A Revolta dos Vegetais”

Introdução da atividade: Esta atividade teve início com a leitura de uma história, de seguida foi realizada com as crianças a exploração da história e foi criada uma interligação com o projeto de intervenção. De seguida foi sugerido ao grupo a realização de um teatro com recurso à história apresentada anteriormente. Posteriormente foram realizados os adereços com as crianças e foram ensaiadas as falas para o teatro. Depois de todas as condições estarem reunidas para a realização do teatro, o mesmo foi realizado e apresentado às crianças e comunidade educativa da sala ao lado, mais tarde foi realizada uma conversa com as crianças sobre o trabalho realizado.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Recursos
-------------------------------	-----------------------	----------

<p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita- Comunicação oral;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; • Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade). 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Livro “A Revolta dos Vegetais”; • Folhas brancas; - Material de pintura (lápis de cor, canetas de feltro, etc.); • Cartolinas; • Agrafador.
<p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística - Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recriar uma história em atividades de jogo dramático individualmente e com outros; 	<p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 Estagiária; • Grupo de crianças.
<p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística Subdomínio das Artes Visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Representar personagens e situações através da recriação de uma história; • Apreciar espetáculos teatrais verbalizando a sua opinião e leitura crítica. • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através da recriação em desenho. 	<p><u>Realização do teatro:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa em grande grupo sobre o que achavam da representação que fizeram, da representação dos outros elementos do grupo e sobre o teatro em si (se gostaram de fazer, o que gostavam de fazer mais, etc.).

Tabela II- Objetivos da atividade “Teatro da História” A Revolta dos Vegetais”

Fonte: Elaboração própria.

Registo da atividade:

Na leitura da história as crianças sentiram sempre muito interesse pela mesma e demonstraram muita vontade de voltar a ouvir história, foi perceptível o entusiasmo por parte do grupo em realizar um teatro sobre esta história o que tornou a atividade mais fácil de implementar.

A criação dos adereços foi muito bem sucedida, as crianças demonstraram entusiasmo, desde a escolha das personagens apenas com os moldes dos adereços sem estarem decorados, consegui que todas as crianças quisessem participar no teatro e senti que consegui também que as crianças conseguissem escolher a sua personagem sem que se criasse algum tipo de conflito entre as mesmas, por várias crianças gostarem da mesma personagem, expliquei-lhes que num teatro todas as personagens têm um papel importante.

Já na decoração dos adereços, as crianças demonstraram um grande entusiasmo e predisposição para participar na respetiva decoração, todas as crianças quiseram participar, o que permitiu manter o grupo unido para atingir o mesmo objetivo.

As crianças ficaram muito felizes depois de ver o resultado dos adereços que tinham decorado.

Na realização do teatro, inicialmente foi necessário explicar alguns conceitos chave sobre o teatro e realizar alguns ensaios até à apresentação. Inicialmente senti que o guião que criei tinha de ser um pouco mais adaptado às crianças, mas feitas as alterações senti o grupo sempre bastante entusiasmado na participação e na colaboração. Uma das partes que tenho a destacar foi o facto de algumas crianças terem mais facilidade em decorar as falas e terem ajudado outras crianças, que se sentiam menos à vontade a superar essas dificuldades, tornando o processo um verdadeiro trabalho em grupo, o que foi ao encontro dos objetivos do projeto.

No dia em que realizei o teatro com as crianças houve uma criança que se sentiu muito nervosa para participar e tive de alterar as personagens momentos antes. Consegui que todos participassem, o que para mim penso ter sido um grande objetivo realizado, outro dos objetivos que senti que foi realizado foi a união e o trabalho em grupo que consegui promover, mesmo com um grupo heterogéneo e com algumas crianças com necessidades educativas especiais, todos participaram e demonstraram interesse em realizar as tarefas. Propus alguns objetivos que foram cumpridos com a realização desta atividade tais como recriar uma história em atividades de jogo dramático individualmente e com outros, representar personagens e situações através da recriação de uma história, aprender a apreciar espetáculos teatrais dando a sua opinião e desenvolver capacidades expressivas e criativas através da recriação em desenho, acabando por compreender que maioritariamente foram cumpridos os objetivos com a realização desta atividade.



Figura II- "Atividade Teatro da Revolta dos Vegetais"



Figura III- “Atividade Teatro da Revolta dos Vegetais”

2º Atividade: Avaliação do projeto

Introdução da atividade: Esta atividade foi criada para concluir o projeto de intervenção e como tal, existiu com as crianças uma conversa geral sobre o projeto de intervenção e sobre esta atividade, posteriormente foi criada com as crianças uma árvore onde mais tarde iriam ser colocadas as suas opiniões relativas às questões de avaliação sobre o projeto (o questionário encontra-se no anexo M). Em conjunto com cada criança foi realizado um breve questionário de avaliação e de seguida as respostas foram transcritas para uma folha de papel com o formato de uma folha de uma árvore e cada criança colou a sua folha na árvore de avaliação.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Recursos
<p><u>Área de Formação Pessoal e Social:</u> Consciência de si como aprendiz;</p> <p>Convivência democrática e cidadania.</p> <p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita Comunicação oral;</p> <p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística e subdomínio das Artes Visuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem; • Cooperar com outros no processo de aprendizagem; • Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia. • Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; • Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade). • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tintas; • Cartolina; • Cartão; • Tesouras; • Cola; • Pincéis; • Canetas; <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 Estagiária; • Grupo de crianças.

Tabela III- Objetivos da atividade “Avaliação do projeto”

Fonte: Elaboração própria.

Registo da atividade:

Esta atividade acabou por ser mais difícil de realizar do que inicialmente foi previsto. A decoração da árvore correu muito bem e as crianças demonstraram muito entusiasmo, mas quando passei à parte de conversar com as crianças individualmente para que respondessem às questões que preparei previamente algumas crianças não demonstraram muito interesse na tarefa, algumas crianças por terem dificuldades em expressar-se, outras crianças porque não se sentem muito à vontade em responder a questões ou simplesmente porque queriam ir brincar em vez de estar a responder às questões, o que para mim foi um pouco desmotivador.

Nesta atividade não consegui obter o feedback e a colaboração de todo o grupo pois encontravam-se ausentes algumas crianças ou não podiam responder a todas as questões porque não estiveram presentes no decorrer de outras atividades. Embora, com alguns contratempos e alguma dificuldade para obter as respostas de todo o grupo,

que se encontrava presente, percebi depois de reler as respostas das crianças que o grupo percebeu sempre as atividades e compreendeu sempre os conceitos que pretendemos, eu e a minha parceira de estágio, transmitir.

De certo modo, embora tenha sentido que foi uma tarefa de maior dificuldade o envolvimento do grupo, penso que consegui um bom resultado porque as respostas das crianças permitiram compreender a avaliação que fizeram do nosso projeto e senti que foi um processo muito positivo na sua vida. Com a conclusão deste projeto e em especial nesta atividade tinha alguns objetivos que foram atingidos pelo grupo tais como serem capazes de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem, cooperarem com outros no processo de aprendizagem e desenvolverem uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que os rodeia.



Figura IV- "Atividade Avaliação do Projeto"

1.2.3. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

a. Caracterização Institucional

Esta Escola Básica também faz parte do mesmo Agrupamento do jardim de infância anterior e nela existiam: dois grupos de jardim-de-infância; uma turma de 1º ano; uma de 2º ano; uma de 3º ano; uma de 4º ano.

Relativamente às suas características, esta escola era constituída por dois blocos, um dos blocos tinha: duas salas de jardim-de-infância; uma sala de 1º ano; uma

sala de professores que dispunha de vários gabinetes de atendimento e uma biblioteca; uma casa de banho comum entre um dos grupos de jardim-de-infância e a turma de 1º ano e uma casa de banho integrada na segunda sala de jardim-de-infância. No segundo bloco, existiam 3 salas de aula, duas casas de banho, uma para as crianças e uma para os adultos e uma arrecadação para material de desporto.

Existia ainda um refeitório onde as crianças de toda a escola almoçavam que faz ligação entre os dois blocos mencionados anteriormente.

Em relação ao espaço exterior, este era um espaço amplo onde as crianças podiam brincar à vontade. Neste espaço estavam presentes muitas árvores plantadas em canteiros de terra onde as crianças podiam brincar, tinha também à disposição duas mesas de madeira com bancos onde as crianças se podiam sentar e lanchar, dois bancos de madeira, um toldo (espaço reservado apenas para crianças do jardim-de-infância) decorado à faixa etária destinada com atividades para a mesma, um campo de futebol e uma caixa de areia que tinha um parque com escorrega e outras atividades de motricidade.

Segundo o Projeto Educativo (AAH, 2021), o mesmo afirma ter uma missão com os seguintes objetivos: Formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber; Oferecer respostas socioeducativas adequadas; Desenvolver competências para o futuro do aluno no prosseguimento de estudos e na inserção no mercado de trabalho; Orientar cada aluno para o percurso educativo mais adequado; Ministrando uma sólida formação pessoal e social, nomeadamente no que respeita ao espírito pluralista, a capacidade de análise crítica, abertura ao diálogo e ao empreendedorismo; Ministrando um ensino de qualidade que desenvolva o aluno cognitivamente, emocionalmente e socialmente; Promover a concertação de esforços para a progressiva melhoria da qualidade da Escola; Promover a cooperação e o trabalho de qualidade, cuidadoso, rigoroso e sério; Educar para a promoção da saúde (física, mental e emocional), a prevenção de comportamentos de risco; Promover ações e atividades que desenvolvam o gosto pelas ciências, artes, e literatura, o desporto, a consciência ambiental e as bibliotecas escolares como polos agregadores da comunidade.

b. Caracterização da sala

A sala onde foi realizado este estágio denomina-se por “Sala 2”. Nesta sala, dirigida por uma educadora e uma auxiliar, não era muito grande, mas, apesar do pouco espaço, estava organizada em pequenas áreas específicas que eram essenciais para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Na sala 2 havia as seguintes áreas:

- A área dos jogos de chão/ área do tapete;
- A área da casinha;
- A área dos jogos de mesa;
- A área da plasticina;
- A área do desenho.

À parte das áreas, a sala dispunha de outros materiais que a organizavam e permitiam que as crianças tivessem um espaço acolhedor e propício para trabalharem. Estes materiais eram constituídos por: três mesas com cadeiras (duas mesas redondas e um retangular, sendo que uma das mesas redondas tinha um recipiente incorporado com materiais para trabalhar a plasticina); um tapete com almofadas a volta; dois armários onde se encontravam os materiais pedagógicos (apenas a professora tinha acesso); um armário com canetas de feltro, lápis de cor, lápis de cera, folhas brancas (para as crianças poderem desenhar), dispensador de folhas (para as crianças colocarem os desenhos elaborados), colas, revistas (para realizar recortes) ...; um armário onde se encontravam bolachas (destinadas para o lanche), as águas (uma garrafa para cada criança), plasticinas...; um armário só com jogos de chão; Um quadro de giz (utilizado para dispor os trabalhos realizados); uma casinha com todos os utensílios e brinquedos para ajudar a realizar a brincadeira de faz de conta (incluindo um espelho).

c. Caracterização do grupo

A sala era constituída por um grupo heterogéneo, com idades desde os três aos seis anos de idade. Era um grupo constituído por vinte e cinco crianças, sendo que catorze eram meninas e onze meninos.

No grupo em questão era notória uma diversidade de condições socioeconómicas e socioculturais, o que não impedia todo o grupo de interagir da melhor

forma uns com os outros. Foi também muito notória a diferença de idades, o que fez com que os momentos de reunião em grande grupo fossem mais desafiantes, ou seja, era necessário adotar estratégias que captassem a atenção de todo o grupo em geral para que nenhuma criança se sentisse excluída ou sem motivação.

Na sala onde nos encontrávamos não existia nenhum projeto de sala que pudesse ser consultado, pois a educadora cooperante regia-se pelo projeto institucional, não definindo assim o seu próprio projeto de sala.

Como em qualquer situação existiam forças e fragilidades. Sendo que as forças eram: ser um grupo de crianças alegres, bem-dispostas e ativas; serem pontuais, o que facilitou bastante o início da reunião em grande grupo e as atividades orientadas; manifestarem gosto na realização de novas atividades e projetos; apresentarem curiosidade e desejo de aprender; envolverem-se nas atividades (na sua maioria); revelarem imaginação nas brincadeiras livres (área do faz de conta); manifestarem gosto e motivação nas atividades de educação física, artes visuais, teatro.

Existiram também fragilidades que foram observáveis: na inibição da comunicação e linguagem oral em grande grupo; em que várias crianças, nomeadamente de cinco anos, apresentaram dificuldades na aceitação e cumprimento de regras.

De uma forma geral foi prazeroso a realização de conversas e atividades com o grupo em geral, eles mostraram-se sempre atentos por atividades do seu interesse, foi apenas um pouco desafiante acompanhar um grupo como um só devido à diferença de idades que se faziam sentir. No grupo existia também uma criança com espectro de autismo que não falava e que interagiu muito pouco com o adulto e que, na maior parte das vezes, não realizava as atividades propostas.

Rotina diária:

O acolhimento das crianças costumava ocorrer entre as 8 e as 9 horas, embora pudessem existir exceções. O período de brincadeira livre durava até às 10:30 horas, de seguida as crianças costumavam realizar o lanche da manhã. As atividades orientadas tinham início normalmente às 11 horas e tinham tendência a terminar por volta das 12/12:15 horas, para posteriormente ser realizada a higiene pessoal das

crianças e irem almoçar. Logo a seguir ao almoço surgia mais um período de brincadeira livre que tinha duração normal até às 14 horas. As atividades orientadas surgiam logo de seguida e costumavam durar até às 15:30 horas, período onde depois decorria o lanche da tarde, para que posteriormente as crianças pudessem realizar atividades extracurriculares nos dias assim destinados para tal. A rotina diária desta sala, têm atividades que assentam no período da manhã e atividades que assentam no período da tarde, organizando-se como abaixo está descrito.

Manhã: Acolhimento com canções, conversas, poesias, lengalengas, adivinhas, atualização de mapas e calendários. Lançamento de temas/projetos e propostas de trabalho; trabalho em pequeno grupo e individual; higiene e recreio; atividades escolhidas pelas crianças; hora do conto; continuação de atividades iniciadas; higiene e almoço.

Tarde: Exploração de histórias, jogos de linguagem; propostas de trabalho de acordo com os projetos iniciados; atividades escolhidas pelas crianças; Leitura e exploração de livros/jogos de tapete.

Neste contexto senti que as crianças tinham liberdade para escolher que atividade realizar no seu tempo livre, mas não existia orientação das crianças no sentido de se organizarem, o que por vezes originava conflito entre as mesmas. Senti também que a rotina diária, não era algo que pudesse ser improvisado e alterado, pois nem sempre conseguimos dividir o tempo de modo igual para todas as tarefas ao longo do dia, embora nesta sala em específico fosse quase tudo “cronometrado” o que acabava por restringir muito as crianças a um horário escolar específico, o que nem sempre se revelou benéfico para a dinâmica do grupo.

d. Contextualização do Projeto de Intervenção

No que diz respeito à contextualização do projeto de intervenção decidimos dar seguimento ao tema do projeto curricular, sendo este a educação ambiental com o principal objetivo de desenvolver o espírito crítico e a consciencialização das crianças para os problemas ambientais que existem no nosso planeta, criando nas crianças formas de agir mais ativas.

Sendo este projeto destinado ao Jardim-de-infância, foi baseado nas abordagens destinadas a crianças dos 3 aos 6 anos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.85) “as crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais. Nestas suas explorações, vão percebendo a interdependência entre as pessoas e entre estas e o ambiente. Assim, vão compreendendo a sua posição e papel no mundo e como as suas ações podem provocar mudanças neste.” Tornou-se aqui importante abordar o conhecimento do mundo que facilita a responsabilidade e consciência ambiental, promovendo atitudes e valores comportamentais face ao ambiente que tornam as crianças conscientes do mesmo.

Estes conhecimentos levam a criança a manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente. Dias (2003, citado por Scardua, 2009, p.58) define a Educação Ambiental como um processo que permite desenvolver o conhecimento, as habilidades e a compreensão do Homem, possibilitando adquirir valores e atitudes para lidar com os problemas ambientais e encontrar soluções sustentáveis. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.85) “a abordagem do Conhecimento do Mundo parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem. A exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes.” Este tema foi selecionado pois, tornou-se essencial criar nestas crianças conhecimento sobre a área e motivar os mesmos para o trabalho de modo individual e coletivo, ajudando a combater problemas já existentes e criando uma prevenção do seu aparecimento.

Através da abordagem à temática da educação ambiental, decidimos abordar não só a Área do Conhecimento do Mundo, mas também a Área da Expressão e Comunicação, nomeadamente o Subdomínio das Artes Visuais, da Música e o da Dança, através desta articulação permitiu-nos enriquecer o nosso projeto e tornar o mesmo mais dinâmico e apelativo às crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.55) “A música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram

oportunidades de contactar com diferentes formas musicais. A abordagem à Música no jardim de infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança. Esta abordagem integra-se nas vivências e rotinas da sala, valoriza os interesses e as propostas das crianças, no desenvolvimento de uma prática do ouvir, do “fazer” música e do experimentar e criar música e ambientes sonoros.”

Através das rotinas diárias da sala e das vivências de cada criança, visamos criar uma abordagem que valorize as sugestões das crianças e os seus interesses, no que toca ao desenvolvimento da ação de aprender a ouvir, aprendendo também a produzir música através de experimentos e criações, criando músicas em ambientes sonoros propícios ao desenvolvimento das mesmas. Decidimos explorar este subdomínio com as crianças porque muitas vezes não é explorada no jardim de infância e é fundamental para auxiliar as crianças a alargar horizontes, fomentando nas mesmas o gosto pelas artes.

O Subdomínio da Dança permite às crianças explorarem o seu corpo livremente, auxiliando as mesmas a exprimir as suas emoções. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.57) “a dança, como forma de expressão através de movimentos e ritmos produzidos pelo corpo, está intimamente ligada ao teatro, à música e à educação motora. Através da dança, as crianças exprimem o modo como sentem a música, criam formas de movimento ou aprendem a movimentar-se expressivamente, respondendo a diversos estímulos (palmas, sons, imagens, palavras). A dança favorece o desenvolvimento motor, pessoal e emocional, bem como o trabalho em grupo que se organiza com uma finalidade comum. “Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016, p.49) “as crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/à educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação.”

Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (papel de diferentes dimensões e texturas; tintas de várias cores; diferentes tipos de lápis como pastel seco, carvão, etc., barro, plasticina e outros materiais moldáveis; etc.). Este subdomínio é muito abordado no percurso das crianças pelo pré-escolar e decidimos dar continuidade à abordagem do mesmo no nosso projeto

porque sabemos que as crianças se sentem muito à vontade e motivadas para a realização de trabalhos de arte visual. O nosso projeto foi construído sempre tendo em conta os interesses das crianças.

Tal como diz Fialho (2008, p.1) os projetos a desenvolver com crianças devem ter problemáticas que lhes interessem e por sua vez que sejam identificadas no grupo em geral. É ainda importante ter em conta as motivações, experiências, e por sua vez o meio onde o grupo está inserido.

Desta forma, visto a educação ambiental ser um tema tão importante e tendo o projeto curricular o mesmo tema, em conversa com a educadora e em observação ao grupo decidimos desenvolver o nosso projeto no mesmo sentido “Educação Ambiental”. Pretendemos seguir este tema através de atividades que envolvessem todo o grupo. Sendo este um grupo considerado agitado pela educadora era necessário desenvolver com as mesmas atividades que essencialmente os motivasse, desta forma, podemos desenvolver atividades que tinham como principal objetivo a educação ambiental, mas, utilizamos meios alternativos para desenvolver estes conhecimentos e competências acerca do tema. Na época em que ocorreu o início do projeto tornou-se de fácil realização e introdução ao tema do projeto "Sensibilizar para cuidar do ambiente", tendo sido observado no grupo que o Natal é uma época que interessou a todos e por sua vez eles tiveram uma maior motivação.

Uma das maiores dificuldades que encontramos no desenvolvimento do nosso projeto foi: desenhar atividades ou encontrar histórias que captassem o interesse de todas as crianças independentemente das suas características. No grupo estavam presentes crianças com algumas barreiras linguísticas o que por vezes dificultava a compreensão das atividades por parte das mesmas, mas como futuras profissionais tentamos sempre transpor essas barreiras. Um educador deve sempre adaptar-se ao grupo de crianças e adaptar as atividades consoante o nível de desenvolvimento das crianças e as suas necessidades. Uma sala heterogénea exige também do educador uma adaptação das atividades para captar ao máximo o interesse das crianças e assim proporcionar-lhes novas aprendizagens.

Objetivo Geral do projeto

A criação deste projeto teve como objetivo geral: sensibilizar as crianças para a preservação/ proteção do meio ambiente. Tivemos como ponto de partida a prática dos 3 R's (reduzir, reciclar e reutilizar) e pretendíamos criar atividades que trabalhassem não só este tema em específico, mas muitos outros, fazendo sempre a ponte entre todos. Deste modo tencionamos abranger praticamente todas as áreas de conteúdo.

Avaliação)

A avaliação segue a mesma linha que nos anteriores estágios. (ver ponto **k**)

e. Atividades

Neste projeto foram realizadas diversas atividades, algumas implementadas por mim e outras implementadas pelo meu par de estágio, de modo que neste documento apenas irão constar as atividades implementadas por mim, duas no corpo do documento e as restantes em anexo, irei colocar um asterisco nas atividades que abaixo irão ser apresentadas por ordem cronológica, de modo a assinalar quais as atividades implementadas por mim. Irei realizar aqui uma breve síntese panorâmica de todas as atividades realizadas que integraram o projeto de intervenção, de modo a criar um fio condutor.

Ordem cronológica das atividades:

- “Introdução ao Natal” - implementada pelo meu par de estágio para introduzir a época do ano;
- “Incluir a família no Natal” - implementada pelo meu par de estágio para solicitar aos pais materiais para a atividade seguinte;
- “Construção da árvore de Natal” - implementada pelo meu par de estágio para construir uma árvore de Natal com material reciclável;
- “Árvores de Natal diferentes” * - explicada nos anexos; (Anexo O)
- “Caixa mágica” * - explicada mais abaixo no documento;
- “Caça ao tesouro” * - explicada nos anexos; (Anexo Q)
- “Descobrir os sons” - implementada pelo meu par de estágio para introduzir o tema do som;

- “Explorar e realizar instrumentos musicais” - implementada pelo meu par de estágio, com o intuito de realizar instrumentos musicais e explorar os mesmos;
- “Orquestra” - implementada pelo meu par de estágio para criar uma orquestra com diversos instrumentos musicais;
- “Cantinho do som” - implementada pelo meu par de estágio para criar um espaço musical exterior;
- “Á descoberta da dança” * - explicada nos anexos; (Anexo S)
- “Ritmicamente felizes” * - explicada nos anexos; (Anexo U)
- “Arcos rítmicos” * - explicada nos anexos; (Anexo X)
- “Arcos da amizade” * - explicada mais abaixo no documento.

Deste projeto destaco duas atividades:

1º Atividade: Caixa Mágica

Introdução:

Esta atividade iniciou-se com uma conversa com as crianças sobre o que as mesmas acham estar dentro da caixa. De seguida expliquei às crianças como seria a atividade e desenvolvi a mesma (à vez cada criança foi vendada, se se sentisse à vontade e de seguida colocaram a mão no interior da caixa de modo a tentarem adivinhar o que estava no seu interior através do sentido do tato, à medida que as crianças vão mexendo nos objetos dentro da caixa, fui perguntando o que estavam a sentir e como achavam que era o objeto (forma, textura), as outras crianças poderão ajudar a adivinhar o que estava no interior da mesma, de seguida essa criança retirou esse objeto e mostrou aos restantes colegas). Mais tarde realizei o jogo da mímica recorrendo aos objetos que estavam no interior da caixa.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Recursos
<p><u>Área de Formação Pessoal e Social:</u> Independência e autonomia;</p> <p>Consciência de si como aprendiz;</p> <p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u></p> <p>Domínio da Educação Física;</p> <p>Domínio da Educação Artística;</p> <p>-Subdomínio das Artes Visuais</p> <p>-Subdomínio do Jogo Dramático/ Teatro</p> <p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p><u>Área do Conhecimento do Mundo</u> Abordagem às Ciências: - Conhecimento do mundo social.</p> <p>-Conhecimento do mundo físico e natural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. • Cooperar com outros no processo de aprendizagem. • Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras. • Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de jogo dramático, situações imaginárias e de recriação de experiências do quotidiano, individualmente e com outros. • Inventar e representar personagens e situações, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes propostas, diversificando as formas de concretização. • Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação. • Tomar consciência da sua identidade e pertença a diferentes grupos do meio social próximo (ex. família, jardim de infância, amigos, vizinhança). Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples. • Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Materiais recicláveis (ex.: caixa de cartão, tecidos velhos, objetos que já não utilizamos); • Símbolos de Natal; <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 Estagiária; • Grupo de crianças.

	as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles.	
--	--	--

Tabela IV- Objetivos da atividade “Caixa Mágica”

Fonte: Elaboração própria.

Registo da atividade:

Esta atividade correu muito bem, acho que consegui captar a atenção de todo o grupo e criar alguma união entre as crianças. A atividade obteve um feedback muito positivo por parte das crianças e as mesmas demonstraram muito interesse na participação da atividade e é de realçar que quiseram repeti-la várias vezes.

O ponto menos forte foi a atividade do jogo da mímica, no início as crianças não estavam a conseguir compreender o jogo, posteriormente algumas crianças

conseguiram realizá-lo, mas as crianças mais novas demonstraram algumas dificuldades na compreensão do jogo, mas realizaram as suas interpretações à sua maneira, o que se tornou positivo, porque fez com que o restante grupo tivesse de “puxar” mais pela sua imaginação.

O resultado final da atividade deixou-me muito satisfeita, pois foi ao encontro do que eu tinha idealizado e as crianças demonstraram muita satisfação com o trabalho construído.

Os objetivos que propus foram cumpridos tais como ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem, cooperarem com outros no seu processo de aprendizagem e em situações de jogo, compreenderem e identificarem diferenças e semelhanças entre diversos materiais, utilizarem e recriarem o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de jogo dramático e inventarem e representarem personagens e situações, a partir de diferentes propostas, diversificando as formas de concretização, o que me fez compreender que atividade proposta foi bem sucedida.



Figura V- “Atividade Caixa Mágica”

2º Atividade: Arcos da amizade

Introdução da atividade: Esta atividade foi dividida em dois dias, logo em duas planificações diferentes segundo sugestão da educadora. Esta atividade teve início noutra planificação cuja descrição irá constar no anexo X. Nesta planificação continuei a elaboração dos arcos rítmicos com as crianças. De seguida mostrei o resultado final às crianças e deixando as mesmas experimentarem. Posteriormente coloquei o material

construído no espaço exterior com o auxílio das crianças, num local à escolha das mesmas, deixando as crianças explorarem livremente o produto final.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Recursos
<p><u>Área de Formação Pessoal e Social:</u> -Independência e autonomia; -Consciência de si como aprendiz;</p> <p><u>Área de Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;</p> <p>Domínio da Educação Artística: -Subdomínio das Artes Visuais -Subdomínio da Dança</p> <p><u>Área do conhecimento do mundo:</u> -Conhecimento do mundo físico e natural</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. • Cooperar com outros no processo de aprendizagem. • Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação. • Desenvolver capacidade expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. • Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros; • Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações; • Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa; • Apreciar diferentes manifestações coreográficas, usando linguagem específica e adequada. • Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Material reutilizado (ex.: Fitas de cetim, arcos, fio de pesca, cordel, tampas de garrafa, missangas, pérolas, cápsulas de café, peças de colares antigos, pedaços de manga plástica, guizos, arcos); • Escadote; <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 estagiária; • Grupo de crianças.

Tabela V- Objetivos da atividade “Arcos da amizade”

Fonte: Elaboração própria.

Registo da atividade:

A atividade inicialmente não estava a correr muito bem porque, embora o grupo estivesse a demonstrar interesse e muita colaboração, não estavam a compreender qual o objetivo da atividade, porque eu não estava a conseguir explicar o objetivo concreto da atividade e isso acabou por desmotivá-los um pouco, senti que arranjar uma estratégia para demonstrar qual era de facto o meu objetivo com a realização da atividade se tornou um desafio, pois precisava de agarrar as rédeas da situação ou iria ser uma atividade completamente falhada, o que constituiu de facto um desafio gigante para mim. A estratégia que utilizei foi a de criar um “modelo” previamente feito para as crianças compreenderem como ficava e qual o objetivo pretendido, depois disso senti que facilitou imenso a compreensão das mesmas. Vou realçar o facto de ter realizado pares com crianças de modo a promover a ajuda e a partilha, consegui atingir esse objetivo pois as crianças partilharam materiais e colaboraram juntas na construção dos fios, é também de dar destaque ao facto de algumas crianças conseguirem realizar sequências sozinhas na construção dos fios.

Neste dia não completei a atividade com as crianças, porque foi solicitado pela educadora que realizasse a atividade em dois dias distintos, um para a explicação da atividade e constituição do primeiro modelo e outro para a finalização da atividade e exploração do objetivo final com as crianças, logo foram criadas duas planificações distintas.

O resto da atividade correu muito melhor do que eu esperava, acho que o grupo ganhou uma nova motivação para terminar os arcos e uniu-se ainda mais para acabar o trabalho mais rápido para observarem o resultado final.

Vou dar destaque ao facto de no fim de realizados os arcos, as crianças terem escolhido os locais onde pendurar os arcos, dando ênfase também ao facto de as crianças terem demonstrado muito orgulho no trabalho realizado, dizendo aos coleguinhos da sala ao lado que tinham sido eles a realizar aquele trabalho.

Foi ainda notório um sentimento de responsabilidade que as crianças revelaram, ao demonstrarem aos colegas de toda a comunidade escolar que os arcos eram para preservar e não para danificar, pois foram realizados para toda a escola e tinha sido um trabalho importante. O resultado final da atividade deixou-me muito orgulhosa, porque superou as minhas expectativas, ficou melhor do que eu tinha idealizado e as crianças pareceram-me extremamente realizadas e concretizadas depois desta atividade. Senti

que para além dos objetivos de a atividade terem sido conseguidos, as crianças conseguiram ainda adquirir capacidade de participar nas decisões sobre o processo de aprendizagem, adquiriram capacidade de cooperar uns com os outros no processo de aprendizagem, adquiriram e desenvolveram capacidades expressivas e criativas através de produções plásticas e manifestaram ainda comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.



Figura VI- "Atividade Teatro da Arcos da Amizade"



Figura VII- "Atividade Arcos da Amizade"

Em jeito de conclusão, a realização destes três estágios foi muito positiva, pois consegui experienciar contextos socioeducativos diferentes e ter a oportunidade de observar educadoras cooperantes com métodos de trabalho totalmente distintos.

Os estágios permitem-nos ter contato direto com situações reais do cotidiano das crianças, das famílias e da comunidade escolar. Ter oportunidade de realizar

estágios traz-nos a nós enquanto futuras profissionais inúmeras aprendizagens para a profissão de docente, contribuindo também para a construção da nossa identidade profissional. Através das vivências e experiências que obtive, depois da realização destes estágios consigo afirmar que adquiri capacidades que não detinha antes e enquanto pessoa e futura profissional obtive um crescimento notório.

Posteriormente a estas experiências, deparei-me com uma lacuna existente em todas elas, a participação e envolvimento das famílias na prática da educação de infância. De facto, foi algo com que não consegui observar o que me levou a questionar como devia ser realizada a mesma e qual a importância que tinha, surgindo assim a temática da minha investigação.

Capítulo 2

2.1. Metodologia de Investigação

No presente capítulo, irei expor o percurso investigativo, começando com a questão de partida e discriminando a metodologia de investigação utilizada ao longo da pesquisa, bem como todos os elementos sobre o objeto, amostra e procedimentos.

a. Identificação da questão de investigação e justificação da mesma

Neste trabalho debruçei-me sobre a importância da participação e envolvimento das famílias na prática da educação de infância, procurando explorar quais as implicações de diferentes formas de participação e envolvimento, partindo do olhar das famílias. Decidi explorar esta temática, devido ao interesse que a temática me suscitou e pela necessidade que senti, enquanto futura educadora de infância, de ter mais conhecimento sobre a participação e o envolvimento das famílias no quotidiano escolar da creche e jardim de infância, sobre a forma como a relação entre a instituição educativa e a família é ou não valorizada e respeitada. Tive como objetivo principal compreender a relação entre a posição sociocultural que as famílias ocupam e as modalidades de envolvimento nas salas de creche e jardim de infância e clarificar o papel que estas percebem ter no desenvolvimento do processo educativo. Pretendi ainda compreender quais os meios disponibilizados e estratégias adotadas pelas instituições para estabelecer com as famílias uma relação nas creches e jardins de infância, estimulando, mais ou menos, um envolvimento efetivo com as famílias. A

escolha deste tema resulta de uma preocupação decorrente das diversas observações que fiz nos estágios ao longo do meu percurso formativo, pois nomeadamente nos estágios realizados em mestrado nunca foi muito claro ou explícito qual era a abordagem/estratégia relativa ao envolvimento/participação familiar. As famílias apenas eram solicitadas para trazer material necessário a alguma atividade, nunca sendo diretamente envolvidas, por exemplo, na elaboração dessa atividade, bem como na maioria das ocasiões era definida uma comunicação com as famílias nomeadamente através de recados em papel. Pude assim perceber que muitas vezes não existe um envolvimento efetivo por parte das famílias nas salas de creche e jardim de infância, não sendo este uma prioridade na prática das educadoras, e que este não envolvimento, acaba por ter repercussões na aprendizagem das crianças e no bom funcionamento entre a relação escola-família.

Desta inquietação resultou o seguinte objetivo geral de investigação:

Analisar as representações e experiências das famílias acerca da relação família-escola na educação pré-escolar.

Partindo do objetivo geral de investigação, definiu-se como objetivos específicos do estudo:

- Conhecer as práticas que a escola desenvolve para estabelecer, manter ou reforçar a relação com as famílias e a perspetiva que as famílias têm da sua pertinência, relevância ou utilidade;
- Investigar as barreiras e oportunidades que as famílias identificam na parceria entre família e escola;
- Caracterizar e compreender as formas como as famílias se envolvem e/ou participam no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos;
- Aferir a eventual relação entre diferentes posições sociais das famílias e a relação com a escola na educação pré-escolar.

b. Tipo de estudo

Este estudo teve início através da observação do quotidiano escolar, onde posteriormente identifiquei o principal objetivo desta investigação. A observação é a fase principal “com a finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o fenómeno e

possibilitar a seleção de aspetos que serão mais sistematicamente investigados”. (Lüdke & André, 1986, p.15).

Existem inúmeras técnicas e metodologias que podem ser utilizadas para construir uma investigação, considerando a intenção do presente relatório escolhi um estudo qualitativo, com recurso a algumas técnicas adequadas ao mesmo. Segundo Lüdke & André (1986, p.11) “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”, ou seja, os dados neste método de pesquisa serão sempre recolhidos através do levantamento intensivo acerca da problemática do estudo, fazendo do investigador o primordial instrumento para a utilização desta metodologia.

Em função da problemática deste estudo, e tendo em consideração que pretendo analisar as representações e experiências das famílias acerca da relação família-escola na educação pré-escolar, optei, como referi, por uma abordagem qualitativa.

A análise e recolha dos dados na pesquisa qualitativa “tende a seguir um processo indutivo” (Lüdke & André, 1986, p.13) A pesquisa qualitativa é aquela em que “os dados coletados são predominantemente descritivos”, e “a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto”. Valoriza-se o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”. (Lüdke & André, 1986, p.12). Os dados recolhidos “encontram-se em forma de palavras e não por valores numéricos, tendo assim uma compreensão detalhada, uma vez que são essencialmente de natureza descritiva.” (Bogdan e Biklen, 1994, p.24).

Recorri a entrevistas semiestruturadas, pois “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” (Lüdke & André, 1986, p.34), decidi realizar entrevistas semiestruturadas porque “a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” (Lüdke & André, 1986, p.34).

c. Sujeitos de estudo/ participantes

A seleção dos/as sujeitos/as de estudo é uma etapa fundamental para a elaboração da pesquisa, pressupondo diversidade de perfis, para que os resultados

permitam uma melhor perspetiva dos/as educadores/as das famílias, de modo a contribuir para estabelecer um envolvimento entre a escola e a família mais adequado.

O desenho inicial da amostra da investigação previa realizar as entrevistas mobilizando os estágios no âmbito do mestrado, o que se revelou impossível devido ao não consentimento das educadoras cooperantes.

O critério de inclusão na amostra era ter pelo menos um/a filho/a a frequentar atualmente o pré-escolar. Depois, para obter alguma diversidade de perfis de participantes no estudo, defini algumas categorias, tais como: escolaridade (pretendia ter participantes em número equivalente com graus de ensino considerados mais elevados e menos elevados), frequência das crianças em escola pública ou privada (pretendia ter um número equivalente de encarregados de educação que tivessem atualmente os/as seus/suas filhos/as a frequentar o pré-escolar tanto numa escola pública, como numa escola privada), obter entrevistas de progenitores de ambos os sexos. Estas características permitiriam aferir a relação entre estas diferenças e as suas perceções acerca da relação entre a escola e a família.

O tipo de amostragem que utilizei para a realização desta investigação foi o método da amostragem bola de neve, que “trata-se de uma abordagem intencional, em que o entrevistador consegue de início localizar um grupo de indivíduos com as características desejadas, e depois pede a estes indivíduos para indicarem outros que podem ser igualmente inquiridos” (Figueiredo e Figueiredo, 2011, p.13). Este tipo de amostra, como dita o nome, é uma bola de neve, pois à medida que a recolha de dados se inicia, automaticamente começam a surgir mais participantes em virtude da identificação/recomendação dos principais sujeitos selecionados para participarem no estudo.

Para este estudo acabei por realizar um total de 11 entrevistas a encarregados de educação, sendo apenas um dos/as encarregados/as de educação do sexo masculino. Assegurou-se alguma diversidade no que diz respeito às qualificações escolares: um/a entrevistado/a com o 9º Ano, sete com o 12º Ano e três com Licenciatura, sendo que todos os/as entrevistados/as trabalhavam no momento da entrevista. Os sujeitos entrevistados têm crianças que frequentam instituições

diferentes, o que acabou por ser muito positivo para a recolha de dados, uma vez que são relatadas experiências diversificadas.

Uma das maiores dificuldades sentidas, todavia, foi conseguir ter uma amostra equilibrada em termos de sexo dos/as participantes, dado que a maioria dos sujeitos do género masculino abordados se recusaram a participar no estudo, alegando não deterem conhecimento suficiente para participar no mesmo, o que parece reforçar a ideia de que ainda são as mulheres/mães a assegurar a maioria dos cuidados das crianças pequenas. Outra das lacunas da amostra é o predomínio de entrevistados com ensino secundário. Gostaria de ter conseguido obter participantes com maior diversidade de escolaridade, mais baixas como o ensino básico, ou por exemplo, um maior número de participantes com o ensino superior. Por outro lado, seria interessante ter uma maior diversidade no que diz respeito à situação face ao emprego para conseguir perceber até que ponto esta variável influenciaria os resultados.

d. Técnicas de recolha de dados

O tipo de entrevista que utilizei para esta investigação foi a entrevista semi-estruturada, para a qual construí um guião com 16 questões.

Escolhi a técnica da entrevista devido ao facto de esta possibilitar um acesso direto à linguagem dos sujeitos, tomando possível definir um objetivo de "... organizar conjuntos de dados que descrevam a forma como os sujeitos definem a situação ou tópicos particulares. Está interessado na visão que os sujeitos têm do mundo e na forma como se vêem a si próprios em relação à situação ou ao tópico em causa." (Bogdan & Biklen, 1994, p.111).

Procurei compreender ao máximo as experiências familiares dos/as encarregados/as de educação sobre as estratégias educativas utilizadas pelas educadoras para desenvolver uma relação positiva entre dois pilares importantes da vida de qualquer criança, a escola e a família. Foi construído um guião organizado em blocos temáticos, onde são apresentados os objetivos as questões (Anexo 1).

O guião da entrevista está dividido em quatro blocos, sendo estes: a apresentação, onde se previa uma breve apresentação e legitimação da entrevista; um bloco dedicado ao percurso do/a entrevistado/a, onde se previa abordar o percurso

profissional e académico dos entrevistados; um bloco relativo aos filhos, onde se propôs solicitar aos entrevistados que identifiquem dados relativos aos seus educandos; e por fim, as experiências sociais vivenciadas relativas à relação escola família, onde os/as entrevistados/as irão expor as experiências vividas relativamente à frequência dos seus filhos no pré-escolar.

No primeiro bloco, procurei legitimar a entrevista e motivar o entrevistado de modo a colocar o mesmo à vontade, de modo a obter um discurso mais fluido e natural possível. No segundo bloco teve como objetivo traçar o perfil sociodemográfico do entrevistado, questionando acerca das suas habilitações literárias e qual a sua situação atual face ao emprego. No terceiro bloco pretende-se identificar o número de educandos do entrevistado, o nível de escolaridade que os mesmos frequentam, quando iniciaram os seus filhos o percurso escolar e entender como sentiram a adaptação das crianças à escola. No último bloco procurei identificar as representações dos entrevistados em relação a relação que estabelecem com a escola no pré-escolar, nomeadamente perceber como se faz a transmissão de informações relacionadas com o seu educando e também identificar e conhecer as experiências vividas pelo participante no que diz respeito à relação família-escola.

e. Princípios Éticos da Investigação

Durante o decorrer da investigação tive em consideração várias questões éticas, tendo tido como auxílio o documento da Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, bem como o Regulamento Geral de Proteção de Dados. Nesta investigação foram informados “previamente os/as participantes, ou seus representantes legais, sobre a natureza, os objetivos e a metodologia, benefícios e possíveis riscos da investigação, dispondo-se a prestar os esclarecimentos necessários ao longo de todo o processo de investigação.” (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2014, p.11).

Relativamente aos aspetos dedicados à confidencialidade “os participantes da investigação têm direito à privacidade, à descrição e anonimato” (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2014, p.12). Desta maneira, todas as identidades de todos os intervenientes do estudo foram protegidas, sendo assim em parte nenhuma da elaboração deste relatório foram reveladas as identidades das instituições que as

crianças frequentam, bem como a identidade dos participantes e das crianças. Ao longo da transcrição das entrevistas, bem como referência às mesmas, sempre que foi necessário referenciar uma criança ou alguma instituição foram utilizadas letras.

Em função da divulgação dos resultados da investigação “os/as participantes têm direito a ser informados/as sobre os resultados da investigação e sobre a forma como esses resultados vão ser usados e divulgados, em conformidade com o que for acordado no âmbito do Consentimento Livre e Informado” (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2014, p.12), deste modo todos os participantes leram oralmente um consentimento informado no início da gravação, de modo a consentirem a entrevista e o mesmo pode ser consultado nos anexos, nomeadamente no Anexo 2.

Como consideração final, quero mencionar que o bem-estar e integridade dos participantes foi sempre tida promovendo o “um ambiente de respeito mútuo”, de modo a “a evitar qualquer situação que possa constituir risco ou ameaça ao bem-estar e à integridade” (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2014, p.12) dos participantes deste estudo.

f. Análise documental

Em concordância com Sousa & Baptista (2011, p.89) “A análise constitui-se como uma técnica importante na investigação qualitativa - seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja através da descoberta de novos aspectos sobre um tema ou problema. No caso específico desta investigação a análise documental complementou as informações obtidas através das entrevistas.

A análise documental “pode se constituir uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (Lüdke & André, 1986, p.38).

g. Tratamento da informação recolhida

A análise das entrevistas foi feita seguindo as etapas sugeridas por Bardin (1977). Depois da transcrição integral das entrevistas que realizei, procedi à análise do conteúdo, explorei toda a estrutura do texto, o que me permitiu identificar as categorias e as subcategorias. A análise foi organizada em grelhas onde são apresentadas as

categorias, subcategorias e o número de ocorrências respetivas, sendo que a análise é ainda ilustrada por segmentos de texto correspondentes aos conteúdos apresentados

O instrumento de recolha de dados utilizado foi, como já referido, a entrevista estruturada, com recurso à gravação como procedimento de registo dos dados, utilizando posteriormente a transcrição das entrevistas para facilitar a organização dos dados obtidos.

Capítulo 3

3.1. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo, decorrerá a apresentação e discussão dos resultados alcançados nesta investigação. Esta análise de conteúdo foi, como referido, inspirada na proposta de Laurence Bardin (1977), e as categorias apresentadas ao longo desta análise de dados são de carácter indutivo e dedutivo, ou seja, algumas categorias derivam do enquadramento teórico, outras surgiram da análise empírica.

Em primeiro lugar é importante caracterizar os/as entrevistados/as de modo a perceber o que os distingue e o que os une. De seguida irei explorar a primeira interação dos/as progenitores/as e dos/as seus/suas filhos/as no meio escolar. Posteriormente, será analisada a relação dos/as entrevistados/as com a escola no ensino pré-escolar e por último irei identificar e examinar as experiências sociais vividas pelos/as participantes no que diz respeito à relação família-escola.

Todos os progenitores entrevistados partilharam as suas experiências pessoais relacionadas com o tema em investigação. Em consequência, devido a alguma extensão nas respostas obtidas no registo, decidi dividir a análise dos dados em quatro eixos, todos compostos de categorias que terão várias subcategorias. Os dados foram organizados assim para possibilitar a todos os leitores uma fácil compreensão dos mesmos, identificando padrões e diferenças nos discursos. As respostas completas podem ser encontradas nos anexos que contêm as entrevistas na íntegra.

a. Identificação do/a entrevistado/a

As características de cada entrevistado/a, ou seja, habilitações literárias, profissão, número de filhos, idade dos filhos e quando iniciaram o percurso escolar, foram organizadas numa tabela (tabela 1) de modo a traçar um retrato global da amostra.

Entrevistados	Habilitações literárias	Profissão	Nº de filhos	Idade dos filhos	Quando iniciaram o percurso escolar
A	12º ano	Assistente Operacional	1	5 anos	6 meses
B	12º ano	Esteticista/Cosmetologista	3	5 anos	2 anos
C	12º ano	Auxiliar de serviços gerais	1	5 anos	3 anos
D	12º ano	Terapeuta/Massagista	2	5 anos	2 anos
E	12º ano	Operadora de Caixa	1	4 anos	4 meses
F	12º ano	Operadora de Supermercado	2	5 anos	3 anos
G	9º Ano	Cabeleireira	1	5 anos	2 anos
H	12º ano	Operária Fabril	1	3 anos	6 meses
I	Licenciatura	Encarregado de uma Unidade de compostagem	1	5 anos	3 anos
J	Licenciatura	Animadora Social	2	5 anos	3 anos
K	Licenciatura	Área da grande Distribuição	1	14 meses	7 meses

Tabela VI: Apresentação dos entrevistados.

Fonte: Elaboração própria.

A análise da tabela I permite concluir que estamos perante um leque variado de perfis sociais e económicos. Nesta pequena síntese, criada para demonstrar, que foram realizadas entrevistas a vários progenitores, com habilitações literárias (nomeadamente entre o 9º ano, o 12º ano e a Licenciatura), com profissões que variam entre vários setores, com um número de filhos diferente (sete dos entrevistados/as têm apenas um/a filho/a, três têm dois filhos/as e apenas um tem três filhos/as). A abordagem desta investigação incidiu apenas nas experiências/vivências que os entrevistados/as vivem atualmente com a frequência dos filhos no pré-escolar, logo a maioria das crianças mencionadas nesta análise são crianças que têm idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos de idade (com maior incidência nos 5 anos de idade). O início da frequência destas crianças no pré-escolar começou maioritariamente com 3 anos (ainda que algumas tenham iniciado este percurso com 4 meses, 6 meses ou 2 anos), demonstrando que todas as famílias são constituídas de diferente forma, possuindo características que as distinguem como vou poder demonstrar nesta análise mais abaixo.

Verifica-se, também, que só existe um participante do sexo masculino. Apesar de várias tentativas de entrevistar progenitores do sexo masculino, não foi possível por recusa destes, afirmando sempre não deter conhecimento nenhum relativamente aos seus filhos e à sua frequência no pré-escolar.

Esta ausência coloca várias questões. Uma amostra equilibrada do ponto de vista do género produziria resultados diferentes? Porque é que a maioria dos progenitores do sexo masculino contactados afirma não ter conhecimento suficiente relativamente aos seus filhos/as? Será que se ambos os progenitores estivessem envolvidos de forma igual, relativamente aos seus filhos/as, a sua educação seria diferente? Segundo Ramos, Rodrigues e Correia (2019, p.47) “as medidas políticas têm evoluído no sentido de criar condições para o incremento da participação masculina na vida familiar, em particular nos cuidados aos filhos pequenos, persiste ainda, em franjas da sociedade portuguesa, sobretudo entre indivíduos mais velhos e do sexo masculino, a ideia de que os cuidados às crianças e o trabalho doméstico constituem naturalmente atribuições femininas. Esse arquétipo é aliás muito forte, pois se a representação maioritária da mulher com igualdade plena de direitos é naturalmente positiva, ela não se transpõe direta ou necessariamente para um contexto real de práticas de partilha”,

demonstrando assim que existem ainda atualmente diferenças persistentes não só face ao trabalho do homem e da mulher, mas também no que toca ao cuidado dos/as filhos/as.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Boas memórias na escola	Sim	9
	Não	2
Frequentou o pré-escolar	Sim	6
	Não	5

Tabela VII: Boas memórias escolares e a frequência no pré-escolar.

Fonte: Elaboração própria.

A tabela II analisa as experiências dos/as entrevistados/as em relação à escola. Procurou-se perceber se a experiência e memória dos/as entrevistados/as em relação à escola e ao pré-escolar condiciona, de alguma forma, as atitudes face a este nível de ensino e à forma como estabelece uma relação com o mesmo. Nesta categoria “Boas memórias na escola” podemos afirmar que a maioria dos/as entrevistados/as teve uma boa experiência social relativamente à escola, trazendo com eles boas memórias. Apenas dois dos/as entrevistados/as revelaram não ter memórias positivas relativamente à escola, como podemos observar nos seguintes excertos:

“Não, não são muito boas... sofri de algum bullying na escola, foi algo que marcou as minhas memórias da escola.” (Entrevistada C)

“Nem por isso, tive uma infância muito conturbada, uma juventude conturbada, não muito dentro do normal, com alguns distúrbios familiares e então...muita

coisa, muitas memórias que não ficaram... normalmente as más é que ficam.”

(Entrevistada J)

Ambas as situações tiveram impacto para os/as entrevistados/as e muitas vezes este tipo de situações marca a forma como irão olhar para a frequência dos/as seus/suas filhos/as na escola, sendo possível que projetem os seus sentimentos e as suas desconfianças na educação dos/as seus/suas filhos/as. Estes sentimentos podem reforçar sentimentos de proteção, podendo criar, nos filhos, medos e angústias, moldando a sua personalidade em conformidade com as experiências negativas vividas pelos mesmos, impedindo-os de experienciar por si próprios e aprender com os seus erros, criando em volta das crianças uma “redoma” de vidro.

Através destas três anteriores categorias podemos atestar a diversidade das famílias, impedindo que se pense na Família, como entidade única e homogénea. Cada família tem características próprias e únicas e é assim que deve ser vista. Como sublinha Perrenoud (2001, pp.59-60) "Numa palavra existem FAMÍLIAS, diversas pela sua composição e estrutura, e mais ainda pelas suas condições de vida, pelos seus valores e modo de funcionamento..."

b. Primeira interação com o meio escolar

A análise foi organizada em torno de quatro temas, organizados em várias categorias, sendo elas as seguintes: “Importância da frequência do pré-escolar”; “Processo de adaptação das crianças à escola”; “Sentimento dos/as entrevistados/as face ao processo de adaptação”; “Papel das educadoras face ao processo de adaptação das crianças à escola”.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Importância da frequência do pré-escolar	Necessidade	1
	Desenvolvimento	3
	Importância	3

	Conjunção de ambas (necessidade e importância)	6
--	--	---

Tabela III: Importância da frequência do pré-escolar.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta categoria vários/as entrevistados/as salientam que a frequência do ensino pré-escolar dos/as seus/suas filhos/as resulta sobretudo de necessidade, embora salientem em geral que a frequência das crianças no pré-escolar é importante. Alguns/mas entrevistados/as enaltecem também que a frequência do pré-escolar é importante para o desenvolvimento das crianças como podemos observar nos exemplos a seguir:

“... fez bem na parte do desenvolvimento com as outras crianças...” (Entrevistada A)
“Para mim é importante que ela frequentasse para se habituar à escola e aos colegas...”; “porque achamos que era importante...para o crescimento dele...”.
(Entrevistada C)

Nesta categoria conseguimos verificar que a maioria concorda que a frequência das crianças no pré-escolar é importante a vários níveis. No entanto, muito embora seja importante para os/as entrevistados/as que as crianças comecem a frequentar o meio escolar, existe ainda uma grande necessidade da frequência das crianças na escola devido ao facto de os/as entrevistados/as terem de trabalhar, o que leva a que muitos pais tomem a decisão de inscrever os/as seus/suas filhos/as na escola.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Processo de adaptação das crianças à escola	Adaptação suave	6
	Adaptação problemática	5

Tabela IV: Processo de adaptação das crianças à escola.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão os/as entrevistados/as contam como sentiram a adaptação das crianças à escola e vários entrevistados/as salientam o facto de as crianças terem entrado na escola com no mínimo 2 anos e atribuem a esse facto alguma dificuldade no processo de adaptação, justificando a classificação da adaptação ao meio escolar como problemática. Na sua perspectiva, o facto de as crianças já demonstrarem estar muito habituadas à rotina que viviam com as suas famílias, demonstrando laços muito fortes com os/as entrevistados/as referindo que este sentimento de apego e vinculação dificultou todo o processo, como se pode ver nos seguintes exemplos:

“Não foi fácil, como só foram aos 2 anos, não foi fácil, estavam muito agarrados a mim e à avó.” (Entrevistada B)

“Difícil. O que dificultou foi porque ela era bastante agarrada a mim.”; (Entrevistada C)

“Não foi fácil. Ela ser muito agarrada à família...” (Entrevistada D)

Existem também entrevistados/as que demonstram que quanto mais precoce a entrada das crianças na creche, melhor a adaptação, o que se traduz numa adaptação suave das crianças à escola, como podemos ver nos seguintes excertos:

“Ela foi para a escola com seis meses, portanto sempre esteve habituada à escola. Sim adaptou-se muito facilmente...” (Entrevistada A)

“Foi boa, foi fácil... ele começou logo aos 4 meses por isso acabou por facilitar muito”. (Entrevistada H)

Nesta categoria podemos observar que a entrada precoce na creche parece facilitar uma visão positiva sobre a adaptação das crianças, o que contrasta com a perspectiva comum de que entrar na creche «precocemente» provoca algum tipo de «danos» como se verá a seguir. Uma das maiores barreiras que todos os/as entrevistados/as nomeiam é mesmo o forte vínculo criado entre eles e as crianças, que torna todo este processo mais doloroso e um maior sofrimento, para ambas as partes.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Sentimento dos/as entrevistados/as face ao processo de adaptação	Entrada precoce	2
	Medo	5
	Receio	4
	Ansiedade	3
	Vínculo	4
	Positivo	2

Tabela VIII: Sentimento dos/as entrevistados/as face ao processo de adaptação.

Fonte: Elaboração própria.

Os entrevistados nesta questão demonstram de forma unânime nas suas respostas que sentiram dificuldade no processo de adaptação dos seus filhos à escola e enunciaram como principais condicionantes à entrada precoce na escola, as crianças apresentarem-se ainda com poucos meses de vida, o que gerou nos pais alguma inquietação, como podemos observar nos exemplos a seguir:

“Ao início foi complicado porque ela era muito pequenina... a rotina foi um bocado complicado ao início...” (Entrevistada A)

”Para mim não foi muito fácil, ele era muito pequenino...” (Entrevistada H)

O facto de a criança ainda apresentar uma idade precoce para a sua entrada no seio escolar e também a difícil organização relativamente às rotinas, foi uma das dificuldades demonstrada por dois entrevistados/as.

Alguns entrevistados/as relataram sentir medo, receio e ansiedade, face à entrada dos seus filhos no seio escolar, como podemos observar nos seguintes relatos:

"...quando soube quem era a educadora dos gémeos, mas porque tinha uma ideia diferente lá está..." (Entrevistada B) - medo da personalidade e postura da educadora relativamente a relatos escutados anteriormente por outros pais;

"Um bocadinho complicado, fiquei ansiosa, muito ansiosa porque já sabia que ia ser um bocadinho difícil..." (Entrevistada F)

"Eu acho que se calhar senti-me mais receosa do que eles... Nós cá fora é que temos sempre aquele receiozinho, aquelas dúvidas, aquela ansiedade..." (Entrevistada J)

Relativamente a outros/as entrevistados/as foi sublinhado o facto de o vínculo entre progenitor/a e filho/a, ser já bastante forte e acabar por condicionar o processo de adaptação, fazendo os pais sentir saudades e frustração face à entrada das crianças na escola, como podemos observar nos seguintes excertos:

" Foi um bocado complicado também, porque estava habituada a tê-la comigo em casa..." (Entrevistada C)

" ...o facto de ela tar agarrada a mim e ter de dizer "tem que ser, tem que ser..." (Entrevistada D)

"Muito complicado... muito complicado, muitas saudades dela. Tive medo de a tratarem-na mal..." (Entrevistada G)

A análise evidencia diversidade de experiências no que diz respeito ao processo de adaptação. Por um lado, a entrada precoce parece produzir processos de adaptação menos «dolorosos» para as crianças (ou pelo menos elas exprimem menos esse desconforto). Por outro, tendo em conta a importância que os filhos assumem nas famílias do ponto de vista afetivo, a entrada no ensino pré-escolar é sempre um processo difícil para as famílias, embora com significados e sentimentos diferentes. Estes resultados vão ao encontro do que refere Perrenoud (2001, p.57) quando diz que "Para analisar o que a escola faz às famílias, é necessário, em primeiro lugar, reconhecer que nem todas as famílias vivem da mesma forma a escolaridade dos filhos: experiência feliz para alguns, é para outras um verdadeiro calvário, uma fonte de conflitos ou humilhações."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Papel das educadoras face ao processo de adaptação das crianças à escola	Acompanhamento contínuo da criança	5
	Abertura ao diálogo com os/as entrevistados/as	3
	Trabalho em equipa com os/as entrevistados/as	3
	Falta de preocupação com as crianças	2
	Discriminação das crianças	1
	Importante a incutir regras	1
	Desenvolvimento da criança	4

Tabela IX: Papel das educadoras face ao processo de adaptação das crianças à escola.

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao papel das/os educadoras/os face ao processo de adaptação das crianças à escola, vários/as entrevistado/as refere haver vantagens na continuidade pedagógica, ou seja, ser sempre o/a mesmo/a educador/a desde a adaptação inicial ao seio escolar até ao final desta etapa das crianças na creche/jardim de infância, como podemos observar nos exemplos a seguir:

“É assim, foi sempre a mesma educadora, ela desde a sala do berçário até à sala dos 5 anos, tem sido a mesma educadora. Portanto, ela está há 5 anos com a mesma pessoa.” (Entrevistada A)

” Foi sempre a mesma, é importante porque ajudou-o imenso a ele se adaptar, ajudou-o muito, mesmo.” (Entrevistada F)

É fundamental que exista diálogo entre os/as entrevistados/as e os/as educadores/as, para que se concretize o trabalho de parceria em prol do bem-estar da criança, não só na adaptação das crianças à escola, mas também para que se

desenvolva uma boa relação entre dois pilares de elevada importância na vida de cada criança, os/as entrevistados/as e o/a educador/a.

Vários entrevistados frisaram essa mesma importância, como é visível nos dos seguintes excertos:

” Foi sempre a mesma educadora e aliás, gostei muito porque funcionamos muito em equipa, porque a X teve... não sei se foi de entrar para a escola, teve ali umas... uns transtornos obsessivos, não sei se foi a maneira de ela lidar com a ida para a escola... eu e a educadora falamos muito nesse sentido e tentamos as duas e conseguimos durante um ano tirar-lhe ali aquelas manias, portanto houve muito... falávamos muito...” (Entrevistada D)

“...fomos ganhando confiança uma com a outra porque eu acho que um pré-escolar ou uma creche tem que haver muito... então quando há ali algum problema sempre falamos as duas para... estamos na mesma equipa e então como é que havia de agir em casa para eles terem um melhor comportamento na sala e funcionamos muito em equipa e quando há alguma coisa falamos sempre...” (Entrevistada B)

Apesar de a maioria dos relatos fazer um balanço positivo da parceria com a Educadora, alguns/mas entrevistados/as relataram vivências negativas relativamente ao papel das educadoras no processo educativo dos seus filhos, tais como falta de preocupação com as crianças e discriminação das mesmas, como podemos observar nos seguintes excertos:

“Ela teve sempre a mesma educadora desde os três anos... Não senti que o papel dela tenha sido importante porque não se preocupou muito a X, ela também sofreu um bocadinho de bullying na escola e não foi muito fácil conseguir falar com a professora dela.” (Entrevistada C)

“Acho que a primeira educadora podia ter sido diferente... muito diferente, acho que devia dar mais importância ao que as crianças dizem... valorizar o que elas se queixam. A que tem atualmente acho que está ótima assim.” (Entrevistada E)

“Por acaso ali na creche correu muito bem, que era uma educadora espetacular... por acaso foi uma educadora espetacular, por acaso até na

transação do tirar a chuchinha, pronto ela foi espetacular. Na pré-escolar quando eu ‘tava lá no colégio X não correu nada bem, não gostei nada da educadora, parece que ela punha um bocadinho de parte a menina e não trabalhava com ela...” (Entrevistada G)

Um/a educador/a de infância é uma das pessoas com o qual a criança contacta de forma intensa e frequente fora da sua segurança familiar, pelo que é importante que essa pessoa seja alguém responsável, de confiança e que saiba transmitir afeto, o afeto constitui de facto uma das principais pontes no processo de adaptação da criança ao novo contexto em que vai estar inserida.

A análise desta questão permitiu corroborar a ideia de que um/a educador/a tem um papel de destaque na vida de uma criança e da sua família e que este facto é reconhecido pelas famílias. O seu papel deve ser acompanhar o crescimento e desenvolvimento de cada criança, pois compete-lhe transmitir informações importantes aos pais e sejam relevantes ao seu bem-estar e desenvolvimento, uma vez que é uma pessoa de referência que passa muito tempo com a criança. Esta deve ter uma abordagem inclusiva e estimulante para cada criança, considerando a sua singularidade e características. Katz e Goffin por exemplo, referem alguns aspetos específicos da profissão dos educadores de infância em relação às restantes profissões:

papel extensivo e amplo do educador de infância, que deve assumir responsabilidade por todas as necessidades das crianças e, também pelas correspondentes tarefas “desenvolvimentais”; diversidade de objectivos e de ideologias subjacentes à educação de infância; vulnerabilidade da criança; enfoque na socialização; relação com os pais; questões éticas que estão inerentes à vulnerabilidade da criança; currículo integrado.

(Katz e Goffin, 1990, cit. por Vasconcelos, 2009, pp.63-64)

Já Godschimied & Jackson (2006, p.27) sublinham a importância do trabalho dos profissionais de educação, tendo os mesmos que possuir a consciência da importância do seu trabalho e do que é desenvolvido com cada criança para que todas as

experiências vividas no contexto escolar “(...) sejam não somente satisfatórias em si mesmas, mas promovam qualidades como curiosidade, criatividade, concentração e persistências em face de dificuldades, o que será útil a elas nos anos seguintes na escola.”

c. Relação com a escola

A análise do conteúdo relativo à dimensão “relação com a escola” resultou em diversas categorias, tais como: “Conhecimento sobre a rotina diária”; “Modalidades de obtenção de conhecimento do que vai ocorrendo na escola”; “Método de realização da transmissão de recados”; “Tempo de transmissão da informação (timing adequado)”; “Diferença na transmissão de informação”; “Conhecimento de todas as atividades realizadas em sala”; “Conhecimento sobre o projeto de sala”; “Sentimento de à vontade com a educadora da criança para realizar qualquer tipo de diálogo”; “Realização de diálogo face ao sentimento de necessidade de trocar ideias com a educadora”.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Conhecimento sobre a rotina diária	Sim	10
	Não	1
Modalidades de obtenção de conhecimento do que vai ocorrendo na escola	Através da criança	5
	Conversar com a educadora	6
	Conversar com a auxiliar/coordenador	2
	Email	2
	Plataforma	1
Método de realização da transmissão de recados	Plataforma	4
	Verbalmente	7
	Email	4

	Papel	3
	Caderneta	1
Tempo de transmissão da informação (timing adequado)	Sim	8
	Não	3
Diferença na transmissão de informação	Sim	3
	Não	8

Tabela X Rotina diária e informação

Fonte: Elaboração própria.

Na categoria “Conhecimento sobre a rotina diária” a maioria dos/as entrevistados/as afirmou conhecer a rotina diária dos filhos, seja através dos filhos ou em conversas, pontuais ou mais regulares, com o/a educador/a, como podemos observar pelos seguintes exemplos:

“Sim, isso foi logo ponto assente que no início na primeira reunião que a educadora, por acaso deu logo o plano.” (Entrevistada A)

“Sim, um bocadinho... pela aquilo que ele me conta, penso que seja assim... não é que eu fale muito... uma vez por acaso falo com a educadora a saber se está tudo bem e isso...” (Entrevistada F)

“Sim, a professora fala bastante das tarefas que fazem, das rotinas...” (Entrevistada G)

De acordo com Perrenoud (2001, p.47) "O que a criança diz da escola à família ou da família à escola não se limita aos juízos que reproduz. Quando chega da escola, frequentemente fala do que se passou durante o dia, das suas angústias, das suas alegrias, do que ouviu, viu, fez, recebeu e das suas reacções. Algumas crianças contam todos os seus feitos e gestos, enquanto outras não dizem quase nada sobre as suas vivências escolares, mesmo quando se trata de acontecimentos dramáticos ou felizes." Em concordância com o autor, verifica-se que algumas crianças sentem muita

necessidade de contar o seu dia a dia e todos os acontecimentos ao longo do seu dia, mas isso não quer dizer que seja a maioria, porque cada criança tem a sua personalidade, nem todas são iguais e muitas não partilham as suas conquistas, mágoas ou receios. Por essa razão, é importante que a transmissão de informação sobre as rotinas seja feita por um adulto que atentamente observa a criança e seleciona a informação relevante para garantir o bem-estar da criança no contínuo escola-casa, ou seja, a criança não deve ser entendida como mensageira desresponsabilizando o adulto da sua função de informar e partilhar com a família a informação relevante.

Na categoria “Modalidades de obtenção de conhecimento do que vai ocorrendo na escola” os/as entrevistados/as fizeram referência a várias modalidades: através da criança, conversar com a educadora, conversar com a auxiliar/coordenador, email ou plataforma (em várias combinações possíveis). Estas foram as formas de obter informações do dia a dia das crianças, dos recados ou até de alguma situação em particular. Apesar da diversidade de meios, do ponto de vista substantivo, segundo Perrenoud (2001, p.52) "Os pais têm poucos meios para saber exactamente o que o seu filho diz e faz nas aulas, inversamente o professor está reduzido a um conjunto de suposições sobre a sua atitude em casa."

No que diz respeito à maneira “Método de realização da transmissão de recados”, os/as entrevistados/as enumeraram diversas formas tais como: plataforma, verbalmente, email, papel e caderneta, sendo estas as várias formas como recebem recados por parte da educadora. Os meios de transmissão de informação devem, no entanto, ser adequados ao recetor da informação e nem sempre há esse cuidado. Em concordância com Mata e Pedro (2021, p.40) "Muitos dos meios usados recorrem a formas de comunicação escrita, podendo utilizar não só texto como também imagens ou esquemas, no sentido de facilitar o acesso à mensagem. De facto, complementar a esta comunicação escrita existem meios de comunicação oral que, podendo ser mais ou menos formais, desempenham um papel importante na interação entre os profissionais e as famílias" esta sugestão visa facilitar a comunicação entre a família e a escola, de modo a criar estratégias para ultrapassar barreiras que possam existir ao nível da transmissão de informação, nomeadamente de natureza social e cultural.

Na categoria "Tempo de transmissão da informação (timing adequado)" foi de forma unânime registada a unidade de registo afirmativa, embora três dos/as

entrevistados/as relatem que na sua experiência ocorreu a transmissão de informação fora de prazo ou com prazo curto para realizar o que lhes era solicitado, o que modera a ideia de que o timing da informação é sempre adequado Sustentando a ideia anterior de que a informação ainda é insuficiente e a sua transmissão vem algumas vezes com atraso na sua transmissão, de acordo com Montado (2001, p.155) "Em primeiro lugar, os contactos e a comunicação entre professores e os pais desenvolveram-se. A informação dirigida aos pais melhorou, mesmo que ainda seja considerada insuficiente."

Tal como na categoria anterior, quando questionados se a informação poderia ser transmitida de forma diferente, os/as mesmos/as três entrevistados/as afirmam que podia ter sido transmitida a informação com maior antecedência para a realização do que era pedido. As informações atualmente devem ser transmitidas de forma adequada à pessoa a quem queremos transmiti-la, sendo sensato que se diversifiquem os canais e os meios. Como referem Mata e Pedro (2021, p.37) "Quanto mais diversificados os meios usados, mais as hipóteses de se integrar todas as famílias, de a informação chegar atempadamente e de facilitar a comunicação."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Conhecimento de todas as atividades realizadas em sala	Sim	7
	Não	4

Tabela XI: Conhecimento de todas as atividades realizadas em sala.

Fonte: Elaboração própria.

Na categoria "Conhecimento de todas as atividades realizadas em sala" a maioria dos/as entrevistados/as afirmam deter o conhecimento das atividades realizadas em sala e do seu porquê. Mas quatro dos/as entrevistados/as diz não ter qualquer conhecimento das atividades realizadas em sala, sem ser através da partilha pelos seus/suas educandos/as em casa e enunciam que gostavam de obter maior conhecimento sobre o assunto e estar mais presentes na obtenção desse conhecimento, como podemos observar através dos seguintes excertos:

" Não, não sei. Sei que pronto, andam a aprender porque a X quando vem para casa diz e fala sobre o dia dela. Agora ter conhecimento do que eles fazem por parte da educadora, não. Gostava de saber mais sim..." (Entrevistada A)

" Não... e também não sei porque são feitas porque nem tenho conhecimento de quais são... Claro que sim, é bom para a gente saber também o que eles fazem em sala..." (Entrevistada C)

" Não... não, algumas sei porque o X conta. Sim gostava, gostava de estar mais a par..." (Entrevistada F)

" Não... sei que são para o desenvolvimento, mas não sei muito mais." (Entrevistada H)

"É assim não posso garantir que sei de tudo o que é que se passa, porque é assim não sei se sei, mas pelo menos sinto que me passam grande parte das informações de atividades que realizam..." (Entrevistada K)

Pude observar, também, que os/as entrevistados/as que afirmam ter conhecimento, especulando saber, mas ao mesmo tempo mostrando alguma dúvida de que realmente se passa, será que sabem exatamente para que é que são realizadas as atividades em sala? E será que conhecem a globalidade das atividades que todos os dias se realizam em cada sala de aula? Ou conhecem apenas aquelas que os/as educadores/as partilham enviando fotografias, expondo os trabalhos, ou apenas pensam ter esse conhecimento porque os seus educandos vêm para casa e falam do que fizeram no seu dia a dia? Não deixa de ser conhecimento superficial. A literatura refere que é preciso que exista uma comunicação coesa de informações importantes, para promover uma parceria no acompanhamento e desenvolvimento da criança, segundo Mata e Pedro (2021, p.47) "São necessários bons canais de comunicação, com uma utilização adequada, que permitam uma troca de informação (positiva, clara, objetiva) frequente, mantendo todos os intervenientes em contacto, acompanhando o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças. Esta dinâmica comunicacional, na qual, em muitos casos, a criança também está envolvida, permite ajustar expectativas, contributos e ações, facilitando a sua coerência e consistência."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
	Sim	5

Conhecimento sobre o projeto de sala	Não	6
Sentimento de à-vontade com a educadora da criança para realizar qualquer tipo de diálogo	Sim	9
	Não	1
Comunicação com educadora em caso de sentir necessidade	Quando vou buscar/levar à escola (informal)	5
	Marco reunião (formal)	6

Tabela XII: Projeto de sala e diálogo.

Fonte: Elaboração própria.

Na categoria “Conhecimento sobre o projeto de sala” existiu um/a entrevistado/a que disse que atualmente não conhece o projeto de sala, mas em anos anteriores foi-lhe apresentado. Todos/as os/as entrevistados/as que demonstram conhecer o projeto de sala referem que obtiveram conhecimento do mesmo, numa reunião de início do ano, como podemos ver através destes exemplos:

” Sim é logo dado no início...” (Entrevistada B)

” Sim, na reunião do início do ano...” (Entrevistada D)

” Conheço. A educadora fez tipo um site onde pôs tudo o que pretendia realizar durante o ano letivo e vai pondo fotos e vai escrevendo o que é que fazem e porquê.” (Entrevistada E)

” Conheço, foi numa reunião tivemos no... temos sempre no início do ano letivo...” (Entrevistada G)

” Sim, nas reuniões isso foi sempre apresentado...” (Entrevistada J)

Os/As entrevistados/as que demonstraram não ter conhecimento do projeto de sala, nunca tiveram oportunidade de o conhecer e alguns nem sabem o que é um projeto de sala como podemos observar nos seguintes exemplos:

“... Nunca até agora soube o que isso era.” (Entrevistada A)

“Não, nunca me foi dado a conhecer até hoje e nem sei o que é...” (Entrevistada C)

“Não, nunca me foi dado a conhecer...” (Entrevistada F)

“Não sei o que é..., portanto não sei se têm, não faço ideia... nunca ouvi falar, não sei mesmo dizer o que é.” (Entrevistada K)

Nesta questão existiu um número de ocorrências superior na subcategoria “Não”, o que revela, por um lado, haver práticas diferenciadas no que diz respeito à partilha dos projetos educativos e de sala (normalmente num momento inicial do ano letivo). Por outro lado, o não conhecimento pode ocorrer por desatenção ou falta de comparência nesses momentos de partilha. Em todo o caso, é um aspeto importante que deve levar à melhoria e diversificação das formas de partilha dos documentos/linhas orientadoras da ação pedagógica.

Na categoria “Sentimento de à-vontade com a educadora da criança para realizar qualquer tipo de diálogo”, uma das entrevistadas não faz parte de nenhuma das subcategorias, respondeu a categoria o seguinte:

“ Mais ou menos, sinto que ela não comunica muito connosco, talvez por ser nova e nos estar a conhecer... com a antiga educadora sentia-me mais à vontade...” (Entrevistada H)

Existe ainda um dos/as entrevistados/as que refere que atualmente sente-se à vontade para o diálogo com o/a educador/a, mas que anteriormente numa outra instituição, teve uma má experiência relativamente a esse tema, como podemos observar no excerto a seguir:

“ Sim, atualmente nenhum distanciamento... Mas senti naquela do Colégio X, no pré-escolar... achava um bocadinho distanciada...” (Entrevistada G)

Como referem as autoras Mata e Pedro (2021, p.37) "A comunicação presencial, “cara a cara” é muito importante, pois permite ajustar de imediato interpretações erradas da mensagem, ou dificuldades sentidas, facilita a compreensão e promove a

proximidade." A comunicação pessoal é diferente de qualquer outra, qualquer ser humano consegue esclarecer as suas dúvidas e receios, olhando nos olhos de outra pessoa, a comunicação realizada através deste meio auxilia numa melhor compreensão e acaba por ajudar também a criar proximidade entre as pessoas, de modo que estas se conheçam melhor.

Na categoria "Comunicação com educadora em caso de sentir necessidade" a maioria dos/as entrevistados/as demonstra que marca primeiro uma reunião quando sente necessidade de dialogar com o/a educador/a do seu filho/a, ou seja, agendam um momento de interação, conferindo formalidade à situação. Alguns/mas entrevistados/as afirmam dialogar quando vão buscar os/as seus/suas educandos/as à escola, ou seja, capitalizam os momentos de interação informal para partilhar e obter informação. Haver espaço para a comunicação informal é, portanto, um elemento-chave que permite o estabelecimento de laços de confiança. É sabido que é importante que exista uma boa comunicação entre a escola e a família, para que se possa promover uma relação estável e de compreensão e mútuo respeito. De acordo com Mata e Pedro (2021, p.34) "A comunicação eficaz entre a escola e a família é um dos elementos considerados chave para promover a colaboração das famílias e até a construção de parcerias. Quando profissionais e pais comunicam eficazmente, é mais fácil desenvolver relações de confiança, pois existe maior proximidade e uma melhor compreensão de dificuldades, papéis e objetivos mútuos."

d. Experiências da relação escola-família

No que diz respeito às experiências da relação entre a escola família, foram criadas várias categorias, tais como: "Iniciativas que a escola costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias"; "Hábito de receber tarefas em casa por parte das educadoras"; "Regularidade do envio das tarefas"; "Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma"; "Organização em casa para a realização de tarefas"; "Importância para a criança e o seu envolvimento"; "Variação do interesse da criança, conforme a idade e relativo à realização de tarefas"; "Como se poderia promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos"; "Oportunidades de os/as entrevistados/as estarem presentes na escola"; "A opinião dos/as entrevistados/as é tida em consideração quando estão

presentes na escola”; “Sentimento de barreiras em relação à escola”; “As educadoras lidam com as famílias e as crianças em função das suas origens e características”; “Sentimento de discriminação na escola”; “Formas de envolver mais na vida escolar”; “Iniciativas que poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas”.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Iniciativas que a escola costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias	Inexistente	2
	Efemérides	4
	Diálogo	1
	Ocasões específicas	2
	Atividades/Trabalhos	3

Tabela XIII: Iniciativas que a escola costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias.

Fonte: Elaboração própria.

Na categoria “Iniciativas que a escola costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias”, emergiram cinco subcategorias: inexistente, efemérides, diálogo, ocasiões específicas e atividades/trabalhos. Na subcategoria “inexistente” dois entrevistados/as não reconhecem nenhum tipo de iniciativa, o que parece indicar que a haver iniciativas estas não são percebidas como tal.

” Nenhuma...” (Entrevistada C)

” Nenhuma, não faz atividades com os pais...” (Entrevistada H)

Verificou-se que alguns entrevistados/as referem as efemérides, ou seja, momentos pontuais e festivos, como exemplo de momentos em que participam na vida escolar:

” Não sei... lembro-me que o meu marido ainda participou num espetáculo de Natal juntamente com a sala... no Dia do Pai ele foi à escola e fizeram jogos, como foi com o Dia da Mãe também...” (Entrevistada A)

” Naqueles dias específicos, no Dia da Mãe e isso...” (Entrevistada D)

” Agora é, há o dia dos avós, há o dia dos pais, há o dia de ir almoçar à escola...cantar os parabéns com eles.” (Entrevistada F)

Esta abordagem ao envolvimento das famílias é muito comum, sendo as famílias solicitadas a estar presentes em ocasiões festivas e pontuais. Estas ocasiões são com frequência sensíveis, exigindo precaução por parte dos profissionais: sensibilidade intercultural, atenção às situações familiares das crianças (crianças sem mãe, ou pai, em acolhimento residencial...). Por outro lado, a ocasionalidade não contribui necessariamente para a consistência e regularidade da comunicação e participação.

Na subcategoria “diálogo” um dos entrevistados respondeu:

” Foi mostrar abertura ao diálogo, no meu entender.” (Entrevistado I)

Na subcategoria "ocasiões específicas" dois dos/as entrevistados/as responderam:

” Podemos lá ir almoçar com eles... temos um dia que podemos ir visitar...” (Entrevistada E)

“Temos o almoço... almoçar com o filho, ainda não fui, mas hei de ir e participamos também no fim do ano... no ano passado teve lá uma festinha...” (Entrevistada G)

Por fim na subcategoria “atividades/trabalhos” dois dos/as entrevistados/as responderam:

” Muitas atividades, muitos trabalhos também para envolver a família.” (Entrevistada B)

” É assim, através de algumas atividades, por norma eles fazem algumas atividades para envolver a escola e a família”. (Entrevistada J)

A análise desta categoria espelha a diversidade de formas adotadas pelas instituições para promover ou garantir alguma presença dos pais na escola. Seja em cumprindo um calendário de efemérides, sejam momentos específicos ligados ao quotidiano da escola, mas dependentes da iniciativa das famílias, seja ainda a produção de trabalhos, verifica-se que existe os/as entrevistados/as reconhecem algum esforço

por parte das instituições, valorizando diferentes tipos de iniciativas. É importante sublinhar, no entanto, que a participação não se reduz a momentos festivos. Como referem Mata e Pedro (2021, p.12) "Os pais participam no quotidiano dos filhos no jardim de infância de formas muito diversas, interagindo com eles e os/as educadores/as da sala, falando com os filhos sobre o que fizeram no jardim de infância, conversando com os pais dos colegas ou ainda quando convidam os colegas dos filhos para brincarem em casa."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Hábito de receber tarefas em casa por parte das educadoras	Sim	4
	Não	3
	Às vezes	4
Regularidade do envio das tarefas	Excessiva	5
	Regular	6

Tabela XIV: Tarefas para casa

Fonte: Elaboração própria.

Procurou-se saber como perspectivavam os/as entrevistados/as a prática hoje em dia habitual de envolver a família em tarefas a executar em casa. A maioria dos/as entrevistados/as respondeu positivamente. Os/As entrevistados/as dividem-se, porém, na avaliação desta prática, havendo cinco que consideram excessivos, e outros em quantidade aceitável.

Através destas duas categorias, que se complementam, podemos observar que é habitual o envio de tarefas para casa, tarefas estas que são enviadas e que são consideradas por alguns/mas entrevistados/as excessivas, já por outros/as o seu envio é considerado normal. Esta apreciação depende das características de cada família, das suas rotinas e do impacto que estas tarefas acabam por ter no dia a dia de cada família.

De acordo com Mata e Pedro (2021, p.57) "As atividades integradas nas rotinas familiares são as mais fáceis de executar para os pais, e podem ter um grande impacto no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.... Este tipo de atividades tem a vantagem de não ser normalmente considerado intrusivo nem como uma sobrecarga, pois não necessita de um tempo adicional próprio, já que as situações estão integradas no quotidiano das famílias. Para além disso, tem uma outra grande vantagem que é o facto de as aprendizagens se fazerem de modo contextualizado em situações que fazem sentido, de modo holístico, facilitando a integração dos saberes, a compreensão e a sua aplicação/utilização posterior." Em concordância com o autor, apenas nestas condições mencionadas anteriormente pelo mesmo, é que este tipo de atividades é benéfico para as famílias, de outro modo é acaba por ser uma intrusão na vida familiar, pelo que as educadoras devem gerir de forma sensível as tarefas que solicitam, tendo em conta a disponibilidade, características e capacidades de cada família.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma	Desenvolvimento	4
	União	7
	Envolvimento	6
	Tempo de qualidade	8
	Precoces	1

Tabela XV: Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta categoria "Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma", os/as entrevistados/as enumeram diferentes subcategorias, tais como:

Subcategoria	Exemplos de ocorrências
Desenvolvimento	<p><i>” para também desenvolvermos a parte da família, de estarmos todos juntos e de ajudarmos...” (Entrevistada A)</i></p> <p><i>” Sim acho que são para nós podermos trabalhar com os nossos filhos e saber o que eles fazem...” (Entrevistada B)</i></p> <p><i>” Sim são, mesmo para eles... para eles aprenderem mais alguma coisa, como estarem concentrados e ajudar a fazer aquelas pequenas coisas.” (Entrevistada F)</i></p>
União	<p><i>” Eu acho que são válidas... Mesmo para unir pai e filho... os pais e os filhos, para unir e para perceber como é que eles trabalham, o que é que fazem em sala... eu acho que é importante.” (Entrevistada D)</i></p>
Tempo de qualidade e Envolvimento	<p><i>” Eu acho que era importante este tipo de trabalhos, porque assim também os podíamos ajudar a fazer os trabalhos... estávamos mais em família a fazer trabalhos com eles para a escola...” (Entrevistada C)</i></p> <p><i>” Acho que são. Dão-nos mais tempo de qualidade.” (Entrevistada E)</i></p>
Precoces	<p><i>”Acho que este tipo de tarefas são precoces, na minha opinião” (Entrevistado I)</i></p>

Tabela XVI: Subcategorias da categoria “Importância da realização de tarefas em conjunto com os/as entrevistados/as e o porquê da mesma”.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta categoria podemos compreender que para alguns/mas entrevistados/as estes tipos de tarefas são de extrema importância porque lhes proporciona tempo de qualidade, ajuda a estabelecer uma maior união entre pais e filhos, para além de ajudar a que os/as entrevistados/as se sintam envolvidos no quotidiano escolar, promovendo

nas crianças algum tipo de desenvolvimento. Na ótica destes/as entrevistados/as é benéfica a realização deste tipo de tarefas que são enviadas para casa.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Organização em casa para a realização de tarefas	Trabalho em família	10
	Trabalho individual da criança	1

Tabela XVII: Organização em casa para a realização de tarefas.

Fonte: Elaboração própria.

Procurou-se saber, também, como se organiza a família para a execução destas tarefas. A maioria dos/as entrevistados/as afirma tentar sempre reunir toda a família para realizar este tipo de tarefas, dando muita importância à sua realização, como podemos observar no excerto seguinte:

” Normalmente é quando chego do trabalho ou ao fim de semana, se assim for possível, no fim de tudo orientado despendemos esse tempo com tempo para fazer, todos juntos claro...” (Entrevistada J)

Apenas um dos entrevistados afirma que se organizam de forma a colocar a criança a trabalhar neste tipo de tarefas individualmente, tal como podemos ver através deste excerto:

“Se fosse hábito, organizávamos-mos de igual forma para com as outras tarefas, partiria por arranjar sempre tempo disponível para conseguir colocá-la em trabalho, que é mesmo assim.” (Entrevistado I)

Apesar de considerarem as tarefas importantes, também é verdade que estas tarefas podem resultar em alguma frustração. Por um lado, devem participar. Se participam nas mesmas e não tem um bom desempenho podem ser julgados pelos outros pais, ou pela escola, se não sabem ou podem fazer e não fazem, são igualmente julgados, se compram tudo já feito para a tarefa, podem também ser julgados negativamente. Ou seja, para as famílias não será fácil porque existem padrões muito

altos, estabelecidos pelas famílias e pela escola, e expectativas igualmente altas. Tal como refere Diogo (2017, p. 93) "E são as elevadas expectativas sociais depositadas na educação familiar e na educação escolar, tornando-as tarefas acrescidamente complexas e exigentes, que nos permitem visualizar duas faces de uma mesma moeda, de um lado a crença na importância do envolvimento parental, de outro a crítica à sua insuficiência."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Importância para a criança e o seu envolvimento	Sim	11
	Não	0
Variação do interesse da criança, conforme a idade, relativo à realização de tarefas	Varia	7
	Não Varia	4

Tabela XVIII: Importância do envolvimento e variação do interesse das crianças nas tarefas.

Fonte: Elaboração própria.

De facto, quando analisada a Importância das tarefas solicitadas à família para a criança e o seu envolvimento, a totalidade das ocorrências foi positiva, ou seja, os/as entrevistados/as consideram que devem ter um bom desempenho. No entanto, tentando perceber se existe variação do interesse da criança, conforme a idade na realização de tarefas, verifica-se que a maioria dos/as entrevistados/as sentiu que o interesse dos seus/suas educandos/as foi aumentando com a idade (ou seja, houve tarefas para serem executadas basicamente pelas famílias, uma vez que as crianças não tinham interesse ou capacidade), embora três dos/as entrevistados/as tenham afirmado que não variou com a idade como podemos observar nos seguintes excertos:

" Até agora notei que foi sempre igual o interesse dela..." (Entrevistada C)

" Ela sempre gostou muito, acho que foi regular ao longo dos anos." (Entrevistada D)

" Tem sido sempre igual, ele gosta muito de ajudar a fazer essas coisas." (Entrevistada F)

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Como se poderia promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos	Trabalhos sobre temas abordados em sala	1
	Uso de tecnologias	1
	Leitura de histórias	1
	Ir à sala falar de algum tema	2
	Visitar monumentos	1
	Realizar passeios com as crianças para início da abordagem a alguma temática	1
	Atividades ao ar livre	1
	Trabalhos de português e matemática	1

Tabela XIX: Promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos.

Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados acerca de “Como se poderia promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos”, os/as entrevistados/as enumeraram várias possibilidades tais como: trabalhos sobre temas abordados em sala, o uso de tecnologias, leitura de histórias, ir a sala falar de algum tema, visitar monumentos, realizar passeios com as crianças para início da abordagem a alguma temática, atividades ao ar livre e trabalhos de português e matemática, foram algumas das sugestões dos/as entrevistados/as para a promoção do envolvimento familiar na vida escolar dos filhos. É unânime a vontade que os/as entrevistados/as demonstram de querer participar mais na vida escolar seja de que maneira for, todos sentem que não é solicitada a sua presença tantas vezes como gostariam, demonstrando com frequência

sentir que se fossem mais incluídos, acompanhamento dos/as filhos/as no seu percurso escolar seria facilitado e isso seria benéfico, não só para o desenvolvimento das crianças como para que os pais sintam segurança e confiança na instituição que os seus filhos frequentam. De facto, Sarmento & Freire (2011, citado por Mata e Pedro, 2021, p.68) referem que "Uma participação responsável e um envolvimento pleno dos pais nas atividades em contexto educativo proporciona-lhes oportunidades para participarem no processo de desenvolvimento e de educação dos seus filhos."

Questão	Subcategoria	Nº de ocorrências
Oportunidades de os/as entrevistados/as estarem presentes na escola	Efemérides	8
	Ocasões específicas	4
	Reuniões	4
	Atividades em sala	1

Tabela XX: Oportunidades de os/as entrevistados/as estarem presentes na escola.

Fonte: Elaboração própria.

Nesta categoria "Oportunidades de os/as entrevistados/as estarem presentes na escola foram enumeradas diversas situações como: efemérides, ocasiões específicas, reuniões e atividades em sala. A maioria das ocorrências incidiu nas subcategorias "Efemérides" e "Reuniões", como por exemplo podemos observar nos seguintes excertos:

"Muito poucas, tirando o Dia da Mãe ou o Dia do Pai, ou as festas de final de ano ou de Natal... muito poucas." (Entrevistada A)

"Sem ser no dia dos pais, é só nas reuniões." (Entrevistada F)

Os/As entrevistados/as referem que, de facto, são poucas as vezes que estão presentes na escola, também por falta de iniciativa por parte das instituições, uma vez que apenas é solicitada a sua presença em momentos como reuniões ou efemérides.

Sem estes momentos, são escassas as oportunidades para que os/as entrevistados/as estejam presentes na escola e esse facto pode causar nas famílias algum distanciamento da escola. Walker, Wilkins, Dallaire, Sandler e Hoover-Dempsey (2005, citado por Mata e Pedro, 2021, p.17) sublinham que "Identificam-se três grandes dimensões que permitem compreender este processo: as crenças dos pais sobre o seu envolvimento e participação; as solicitações e convites para o seu envolvimento e a percepção do contexto pessoal de vida."

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
A opinião dos/as entrevistados/as é tida em consideração quando estão presentes na escola	Sim	9
	Não	1
Sentimento de barreiras em relação à escola	Sim	1
	Não	10
As educadoras lidam com as famílias e as crianças em função das suas origens e características	Sim	7
	Não	4
Sentimento de discriminação na escola	Sim	3
	Não	8

Tabela XXI: Opinião dos/as entrevistados/as, barreiras que interferem e discriminação.

Fonte: Elaboração própria.

Pareceu-nos igualmente importante perceber se “A opinião dos/as entrevistados/as é tida em consideração quando estão presentes na escola”, sendo que a maioria dos/as entrevistados/as afirma ser ouvido e poder dar a sua opinião quando está presente na escola dos seus filhos, embora uma das entrevistadas admita que a sua situação é negativa relativamente a este aspeto, como podemos ver no excerto a seguir:

” Não... sinto que não fui ouvida...” (Entrevistada C)

Existe ainda uma das entrevistadas que afirma não poder responder a esta questão porque não teve ainda oportunidade de estar presente em mais nenhum evento da escola, porque o filho frequenta a pouco tempo a escola e em todos os eventos realizados não teve conhecimento pois o mesmo encontrava-se doente, como se percebe pelo excerto a seguir:

“Lá está, não posso responder porque não houve, que eu tenha conhecimento, a não ser para nos dar a conhecer o local.” (Entrevistada K)

Os/As educadores/as devem demonstrar abertura para que os/as pais deem as suas opiniões, exponham o seu ponto de vista, tendo sempre em consideração a opinião de cada um, isso permite às famílias a criação de um sentimento de à-vontade e transmite também confiança e segurança, na relação com o meio escolar. Efetivamente, de acordo com Mata e Pedro (2021, p.61) "Para que o/a educador/a tenha consciência das dificuldades dos pais, das suas conceções e potencialidades para a participação, é essencial o tipo de comunicação que estabelece com estes e a forma como se criam oportunidades para os ouvir, para dar resposta às suas interrogações e dificuldades, e, deste modo, conseguir ir adequando as solicitações, com vista a desenvolver tarefas e atividades cada vez mais ajustadas ao grupo de crianças e famílias.", sendo assim os momentos de interação e diálogo têm de garantir espaços e tempos de auscultação, e não uma comunicação unívoca, da escola para a família.

Na categoria “Sentimento de barreiras em relação à escola uma das entrevistadas afirma sentir barreiras relativamente à sua relação com a escola, sendo elas as seguintes:

“...é o conhecimento que eu não tenho sobre a escola...sobre as tarefas não é... e a falta de vontade da educadora também...” (Entrevistada C)

Outra das entrevistadas refere que atualmente não existe nenhuma barreira que interfira com a sua relação com a escola, mas que anteriormente existiu e explica qual:

“...Mas antes já... lá ‘tá a educadora não falava muito comigo, era a despachar... acho que era falta de vontade da educadora.” (Entrevistada G)

Relativamente a esta categoria a maioria dos/as entrevistados/as não identifica nenhum tipo de barreira que interfira com a sua relação com a escola. A instituição, bem como os seus elementos, devem ainda assim ter sempre consciência de todas as barreiras e dificuldades que os/as entrevistados/as demonstram, de modo a criarem estratégias para combater qualquer barreira que interfira com a relação família-escola. Tal como alertam Mata e Pedro (2021, p.50) "Só tomando consciência destas múltiplas dificuldades e barreiras à comunicação se podem ir descobrindo, experimentando e analisando estratégias e meios cada vez mais eficazes e adequados às características das famílias. Apesar de existirem barreiras cuja origem está além do controlo dos profissionais, existem outras que se atenuam ou eliminam com o desenvolvimento de estratégias adequadas."

Quanto à perceção dos/as entrevistados/as se “Os/As educadores/as lidam com as famílias e as crianças em função das suas origens e características” a maioria dos/as entrevistados/as responde que sim a esta questão, embora a maioria também diga que não o sentiu diretamente, mas foi testemunha de situações de discriminação:

” Sim em certos aspetos, sim... há pessoas que têm mais dificuldades, mais carências e acho que devem ser ajudadas de maneira diferente. “(Entrevistada F)

” Pelo menos ali no Colégio X, sim. Mas ali no Jardim Y, não. Senti no Colégio X que não falavam de maneira igual para todos e com todos, a informação também não era dada a todos da mesma maneira e ao mesmo tempo... “(Entrevistada G)

” Algumas sim, infelizmente. Às vezes as pessoas são, olham e são criadas etiquetas e sim, algumas isso acontece...” (Entrevistada J)

Uma das entrevistadas relata uma situação positiva em que a educadora em questão lidou com a família e com a criança de acordo com as suas características e origem, como podemos observar no seguinte excerto:

“... tive oportunidade de ver, porque à minha frente estava uma menina, indiana, digo menina porque era claramente mais nova do que eu, mas já era mãe

pronto... e não falava nada de português, nem uma palavra e reparei que a educadora do filho dela que falou em inglês com ela e portanto, não houve nenhuma barreira entre as duas o miúdo ficou super bem, ela continuou a falar com o miúdo em inglês e reparei que quando foi por o menino na sala com os colegas que os amiguinhos foram logo ter com ele, portanto não, não acho que... não lidam de... ou seja eu acho que elas lidam, lidam de maneira diferente mas que isto tem que ser visto pelo lado positivo ou seja tem o cuidado de famílias que possam ter algumas limitações, como neste caso, era o caso da língua, elas adaptaram-se..." (Entrevistada K)

Tal como alguns dos entrevistados o seguinte autor afirma que estudos comprovam que as educadoras e as instituições não lidam de igual forma com as famílias de acordo isto sob influência das suas características e origens (numa ótica negativa). Ainda que haja, como no caso relatado, disponibilidade em adaptar e acolher o diferente, persistem na escola em Portugal, começando no ensino pré-escolar, desigualdades e preconceitos que condicionam, mesmo que inconscientemente, a forma como crianças e famílias são tratadas. Segundo Silva (2007, p.4) "A sociologia da educação tem vindo a demonstrar que a escola não trata por igual todas as culturas existentes na respectiva sociedade, logo, na própria escola, dado que estamos a falar da escola para todos."

Por esta razão procurou-se perceber se os/as entrevistados/as partilhavam de algum tipo de "Sentimento de discriminação na escola". Três dos/as entrevistados/as contaram três situações onde se sentiram discriminados/as, tais como:

"...na escola antiga... ela era um pouco deixada de parte e acho que também por parte da educadora e da auxiliar, não foi feito nada para incluir." (Entrevistada E)
"Só no Colégio X, no Jardim Y, nunca. Houve um miúdo, lá no Colégio X que levou um brinquedo e na altura não se podia levar e ele como era filho de doutores, pode entrar com o brinquedo, mas a minha nunca podia levar..." (Entrevistada G)

Nesta questão a maioria dos entrevistados/as afirma nunca se ter sentido discriminado na sua relação com a escola dos seus filhos. Aqueles que descrevem

situações de discriminação, evocam situações que prejudicam as famílias como as crianças, criando sentimentos de revolta, tristeza e injustiça, originando potencialmente uma deterioração não só da relação família/escola, como do bem-estar da criança na instituição. Segundo Silva (2007, p.6) "...a relação escola-família, ao não ter em conta as distâncias culturais e sociais entre escolas e famílias, ao ignorar a clivagem sociológica (em termos de classe social, de género e de etnia) que por ela perpassa, pode constituir-se num meio de aprofundamento de desigualdades escolares e sociais." É, portanto, muito importante estar consciente da diversidade, mas também das desigualdades, de modo que os/as profissionais não sejam agentes da reprodução das desigualdades, mas antes promotores da inclusão.

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Formas de envolver mais na vida escolar	Atividades ao ar livre/ em sala	5
	Convidar para almoçar	1
	Projetos escolares com a família	3

Tabela XXII: Formas de envolver mais na vida escolar

Fonte: Elaboração própria.

Quando instados a apresentar "Formas de envolver mais na vida escolar" os/as entrevistados/as enumeram algumas das suas propostas, tais como: convidar para almoçar, atividades ao ar livre/ em sala e projetos escolares com a família. Como podemos observar na Tabela 19, o maior número de ocorrências faz parte da categoria atividades ao ar livre/ em sala como por exemplo:

" Se calhar desenvolverem mais atividades onde os pais possam estar mais presentes, por exemplo ir almoçar com eles um dia, algum tipo de atividade que façam ao ar livre que nós pais pudéssemos ter acesso também e participar com eles..." (Entrevistada A)

" Não sei, talvez ser envolvido para além disso dos desfiles... quando estão naquelas atividades em si que já estão a prepará-los para o futuro..." (Entrevistado I)

Todos/as os/as entrevistados/as demonstram disponibilidade para participar mais, embora frisem que não são solicitados/as tantas vezes como gostariam, demonstrando também alguma impotência relativamente a este tema, como podemos ver no excerto seguinte:

”É assim se fosse convidada para ir ali mais vezes, ia mais vezes, mas fora isso não posso fazer nada.” (Entrevistada F)

É importante envolver as famílias, valorizando as mesmas na sua diversidade. Relativamente a este assunto, Mata e Pedro (2021, p.16) "Envolver os pais significa conhecer e valorizar as diferentes culturas em presença, reconhecendo o facto de os pais terem projetos educativos para os seus filhos distintos e culturalmente situados. A criação de eventos e projetos que permitam dar voz aos pais e à expressão dos seus pontos de vista reforça o seu papel e o desejo de se envolverem.”

Categoria	Subcategoria	Nº de ocorrências
Iniciativas que poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas	Construção de hortas	1
	Ir à sala falar de profissões	1
	Desfiles	1
	Criação de canções	1
	Informações mais regulares sobre a evolução das crianças	1
	Atividades sobre dias específicos	2
	Atividades com irmãos	1
	Preparação para transição escolar	1
	Atividades ao ar livre	2

	Teatros	1
--	---------	---

Tabela XXIII: Iniciativas que a escola poderia desenvolver para envolver mais as famílias.

Fonte: Elaboração própria.

Quanto às “Iniciativas que a escola poderia desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas” os/as entrevistados/as enumeram algumas propostas tais como: construção de hortas, ir à sala falar de profissões, desfiles, cantar canções, informações mais regulares sobre a evolução das crianças, atividades sobre dias específicos, atividades com irmãos, preparação para a transição escolar e atividades ao ar livre, distribuindo-se o número de referência de forma equitativa, demonstrando a vontade que as famílias apresentam de estar o máximo de tempo presente no percurso escolar dos seus filhos, seja de que maneira for ajudando a fortalecer laços entre a família e a escola e também entre progenitores e filhos.

3.2. Considerações finais

Através desta investigação pretendi aprofundar alguns aspetos relacionados com o envolvimento parental, nomeadamente desenvolver uma compreensão sobre o envolvimento promovido pelas escolas e a implicação desses resultados, que por consequência medem o nível de satisfação das famílias implicadas neste estudo. Este estudo contribui com a perspetiva dos progenitores acerca do que a escola pode fazer para potencializar as práticas de envolvimento parental.

Esta investigação teve como principal objetivo compreender a relação entre a posição sociocultural que as famílias ocupam e as modalidades de envolvimento nas salas de creche e jardim de infância e clarificar o papel que estas percebem ter na evolução do processo educativo. Pretendi ainda compreender quais os meios disponibilizados e estratégias adotadas pelas instituições para estabelecer com as famílias uma relação nas creches e jardins de infância, estimulando, mais ou menos, um envolvimento efetivo com as famílias.

Uma análise globalizante dos resultados permite afirmar que, considerando a diversidade social das famílias, existem formas diferenciadas de lidar com a escola, nem todas sentem a mesma coisa, nem todas têm as mesmas vivências e experiências, demonstrando também que os/as progenitores/as se envolvem de forma diferente e significativa no que diz respeito às dimensões de participação, nomeadamente em atividades escolares, em atividades de aprendizagem em casa e na comunicação família-escola. Além disso, as modalidades de relação com a escola não são estanques e mudam ao longo do tempo, conforme múltiplas variáveis que afetam a vida das famílias (o nascimento de um filho, um desemprego, uma perda...). Perrenoud (2001, p.60) refere precisamente que "O que a escola faz a cada família em particular é uma realidade mutável, ambivalente: a relação com a escola pode flutuar ao sabor dos acontecimentos familiares ou escolares, evoluir no sentido de progressão das crianças nos respectivos percursos escolares. Pode apresentar contradições: certos pais experimentam em relação à escola sentimentos que alternam entre constrangimento, frustração ou stress relativamente a alguns aspectos, enquanto que passa por ser estruturante, libertadora e positiva noutros." Esta citação reflete maioritariamente o que foi demonstrado através dos resultados desta investigação, pois todos os participantes exprimem o que tem sentido ao longo do percurso dos seus filhos no pré-escolar, seja com a sua entrada para este contexto ou através de experiências que vivenciaram positivas ou negativas no que diz respeito à sua relação com a escola dos seus filhos.

Os resultados apontam para práticas de participação e envolvimento não muito consistentes e regulares, como é exemplo a solicitação da presença dos pais em momentos festivos ou formais (reuniões), não prevendo um acompanhamento mais presencial do desenvolvimento dos seus filhos. Especialmente durante a pandemia, o acompanhamento foi claramente impossibilitado, sendo importante perceber se estas barreiras estão ou não a ser levantadas ou se se mantiveram práticas de fechamento da escola às famílias. De facto, percebemos que muitas vezes a família obtém informação sobre os mesmos apenas em reuniões periódicas, ou nalguns casos, nos momentos de levar e trazer a criança (momentos aliás, muito importantes).

Uma estratégia comum atualmente é o modo para criar envolvimento parental no seio escolar através de tarefas solicitadas às famílias, maioritariamente de trabalhos manuais. Ao longo dos estágios fui testemunhando esta abordagem. Estas tentam

promover o envolvimento das famílias, promovendo também uma boa relação família e criança. Na minha perspetiva, e com base no estudo que realizei, nem todos os pais têm conhecimento, vontade e tempo para a realização destas tarefas, não obstante terem vontade e empenho. Existem muitas dificuldades no cumprimento destas tarefas tais como a falta de informação, pois nem sempre é transmitida no tempo suposto, e muitas vezes a comunicação não é realizada de forma ajustada às características de comunicação das famílias. A baixa perceção de eficácia é também um fator importante, pois muitos pais não se sentem à vontade em realizar determinado tipo de tarefas, muitas vezes por falta de confiança nas suas capacidades e muitas vezes por ser considerado para os mesmos uma tarefa difícil. Adicionalmente, pode ocorrer falta de compreensão dos objetivos e do valor da tarefa, uma vez que muitas vezes não é explicado para que servem as tarefas, porque é importante a participação dos pais e até que competência pretende desenvolver nos seus educandos, se é que a atividade tem alguma intencionalidade pedagógica, e por último a falta de tempo, pois muitas famílias devido aos seus horários de trabalho, estas tarefas podem ser impossíveis de cumprir. Ou seja, embora as famílias entrevistadas demonstrem vontade e empenho em colaborar, e façam-no com prazer em alguns casos, percebemos que para algumas estas tarefas não deixam de ser objeto de alguma frustração e pressão. De acordo com Perrenoud (2001, p.77) "Não poderíamos sustentar que a escola acrescenta pura e simplesmente novas tarefas às tarefas tradicionais da família. Mais do que isso, é preciso ver a escolarização como uma fonte de estruturação dos investimentos familiares, no quadro de uma divisão do trabalho muito pouco negociável, uma vez que a escola fixa unilateralmente o que faz e o que deixa que a família faça." Podiam e deviam ser criadas alternativas e estratégias que respondam a estas dificuldades sentidas pelas famílias, ajudando assim a desenvolver projetos que envolvam a escola e a família, sem se sustentar apenas na ideia de um produto, mas sim para promover o desenvolvimento e interação positiva com as suas crianças.

Nesta investigação consegui ainda observar que as barreiras sentidas pelas famílias podem ser diversas e por vezes impercetíveis, tais como: barreiras de comunicação, ao nível dos meios de comunicação, que devem ser de fácil acesso e com linguagem adequada ao recetor; barreiras psicológicas relacionadas com medos e receios, também devido a dificuldades linguísticas e experiências de comunicação pouco positivas, que acabam por originar constrangimentos relativamente à exposição

oral e escrita; e as barreiras culturais, sendo que deve haver diversificados meios e formas de partilha de informação para que exista uma comunicação fluída entre pais e professores, sensíveis aos costumes e hábitos de cada cultura. Segundo Mata e Pedro (2021, p.14) "As diferenças de valores, objetivos e expectativas de educação dos pais e dos profissionais pode constituir, também, uma dificuldade no relacionamento e comunicação entre ambos. Estas divergências são em muitos casos agravadas pelo distanciamento social, pela pressão do mundo laboral, pela ausência de debate sobre estas matérias e também pelas memórias pouco satisfatórias dos pais sobre a sua vivência escolar." Foi demonstrado através dos resultados obtidos como alguns/mas entrevistados/as sentiram que as suas diferenças, constituíram momentos de divergência e dificuldade em se envolverem no seio escolar, o que conseqüentemente no futuro trouxe aos/às progenitores/as reticências em comunicar "abertamente" com os/as educadores/as e expor-se em "trocas de ideias" no contexto escolar, fazendo com que os mesmos chegassem a sentir que existia uma barreira na relação com a escola causada pelo distanciamento que se foi criando.

O envolvimento parental na escola tem benefícios notórios não só nas crianças, como também nas famílias e no meio escolar. Em concordância com Mata e Pedro (2021, p.83) entendo que "Os benefícios associados ao envolvimento parental não se restringem às crianças, pois, quando este é conseguido de forma eficaz, as aprendizagens, ganhos e melhorias estendem-se a pais, profissionais e a até ao estabelecimento educativo em geral e ao seu projeto educativo.", nesta investigação foi reforçada esta premissa de que quando é conseguido um envolvimento parental positivo, existem inúmeros benefícios que são trazidos a todos os envolvidos, alguns desses benefícios trazidos desta relação, segundo Mata e Pedro (2021, p.59) "A participação e envolvimento dos pais em contexto familiar, quando respeita as especificidades das famílias, pode trazer vários benefícios que não se limitam às aprendizagens que possam vir a ser feitas pelas crianças. Podem assim contribuir: Para uma valorização do papel das famílias e das vivências quotidianas em contexto familiar; Para o desenvolvimento de crenças mais positivas de autoeficácia por parte dos pais, quando percebem que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos; Para uma maior proximidade entre pais e filhos; Para uma melhor compreensão do projeto curricular de grupo dos seus filhos; Para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos seus

filhos; Para o desenvolvimento de relações mais positivas e de maior proximidade entre os pais e o/a educador/a; Para que o/a educador/a tenha um melhor conhecimento dos pais, das suas necessidades e potencialidades; Para que o/a educador/a consiga ajustar as atividades que desenvolve com as crianças às suas realidades, tornando-se estas mais significativas; Para que o/a educador/a ganhe gradualmente mais competências para promover o envolvimento e participação dos pais; Para uma visão mais positiva das crianças sobre os seus pais; Para uma compreensão, por parte das crianças, da continuidade de saberes, aprendizagens e valores entre os dois contextos.”.

É preciso não esquecer, como refere Almeida (2005, p.12) que "...não se percebe o que se passa dentro da escola, o que é a escola, sem compreender o que se passa fora dela. A família constitui, sem dúvida, um poderoso e persistente agente de construção e de erosão do relevo escolar. Por isso uma escola não é igual a outra escola; por isso também, não raro, coexistem várias escolas dentro da mesma escola." As implicações que esta afirmação da autora tem sobre a formação e prática de um/a educador/a, são vastas pois é necessário que o/a educador/a adquira formação e prática também ao nível do envolvimento parental, criando por exemplo programas de envolvimento parental que permitam práticas intencionais logo desde o primeiro contacto que estabelecerem com as famílias.

Existe a necessidade de que um/a educador/a se apresente disponível para ajudar as famílias a compreender e conhecer o contexto em que os seus filhos estão inseridos, deste modo será iniciada uma relação entre a família e a escola, permitindo ao educador/a e à família adquirir a capacidade de desenvolver a sua expressividade e também desenvolver a capacidade de escuta, porque é importante que exista uma comunicação aberta e fluída entre os dois pontos de vista, que são a escola e a família, para que ambas as partes compreendam que a escola nunca irá existir sem a família, demonstrando às famílias que a escola não deve apresentar-se nunca contra as mesmas e sim, sempre do seu lado para promover o desenvolvimento em conjunto das crianças que nela se encontram inseridas. Segundo Mata e Pedro (2021, p.47) “Certamente que, existindo uma boa comunicação, os pais ficam com uma visão mais clara dos objetivos educacionais e da sua relação com as práticas desenvolvidas. Conseguem assim ter consciência do que se está a aprender e fazer não só uma melhor monitorização dos progressos dos seus filhos, como também atuar de forma mais

consistente com as abordagens desenvolvidas nos contextos educativos. Estas ações intencionais vão conduzir a uma valorização do seu papel enquanto pais e até a uma melhor compreensão e valorização do papel dos profissionais. Uma comunicação fluida e de qualidade permite aos profissionais um melhor conhecimento das famílias, das suas expectativas e dos seus esforços e práticas. Isto conduz a uma maior valorização dos seus contributos e permite ajustes e complementaridades. Assim as respostas educativas são mais holísticas e consistentes. Por sua vez, as crianças, ao serem envolvidas, apercebem-se da proximidade entre os dois contextos, da importância da comunicação entre eles. Vão também tomando consciência dos objetivos, dos seus progressos e da sua valorização.”, ou seja, uma comunicação fluída, acarreta inúmeros benefícios à criação de uma relação escola-família positiva, que conseqüentemente influencia também o desenvolvimento das crianças.

Considerando relevantes os resultados obtidos, não é possível deixar de destacar as limitações neste estudo, nomeadamente no que diz respeito ao desequilíbrio de género da amostra. No futuro será interessante replicar esta investigação com uma amostra de participantes maioritariamente do sexo masculino, para conseguir avaliar as diferenças que possam existir entre a perspetiva masculina e feminina, no que toca ao envolvimento parental escolar. Outra das limitações que este estudo pode apresentar será o número limitado de participantes, o que não permite realizar uma análise de dados mais abrangente e significativa.

Em suma, os resultados obtidos nesta investigação não podem ser generalizados ao contexto de Pré-escolar, porque existem realidades que podem não ter sido abrangidas neste estudo. Ainda assim, pode concluir-se que “o estabelecimento de relações de confiança e de parcerias entre os profissionais de educação e os pais vão ser, de igual forma, fatores a ter em conta, porque possibilitam a ambos ter um melhor conhecimento da criança, dos seus pontos fortes e das suas fragilidades, construir estratégias educativas comuns, ultrapassar os problemas de uma forma mais eficaz e gratificante e, não menos importante, criar uma imagem valorizada do papel educativo de ambos, aos olhos da criança, dando-lhe segurança” (Deslandes, 2001, citado por Mata e Pedro, 2021, p.11).

Através desta investigação consegui obter um maior conhecimento sobre o envolvimento parental que é, ou não, realizado nas escolas, auxiliando-me a

compreender quais as lacunas existentes no envolvimento parental e como criar estratégias para numa prática futura puderem ser introduzidas da melhor forma, pois não existem «receitas» definidas no que toca ao envolvimento parental, é preciso que um/a educador/a se adapte às crianças e às famílias, desenvolvendo estratégias de acordo com as características do público alvo. Estes resultados vieram demonstrar que ainda existe muito trabalho que deve ser realizado ao nível da relação escola-família, para que o nível de satisfação das famílias seja mais elevado, seja ao nível da comunicação e informação, bem como ao nível das atividades realizadas na “sala” ou em casa, tendo sempre em consideração as famílias e as suas particularidades, promovendo dinâmicas de participação com o intuito de melhorar a satisfação que as famílias sentem em relação à sua participação no meio escolar.

Existem ainda princípios orientadores para realizar a promoção do envolvimento parental, tais como:

1. Criar relações de confiança, proximidade e empatia, pois não haverá envolvimento se as famílias não se sentirem próximas do/da educador/a nem dos outros profissionais;
2. Existir vontade tanto dos profissionais como das famílias. Se os profissionais tiverem receios, não acreditarem na importância do trabalho colaborativo, não tiverem disponibilidade, não vão conseguir envolver e levar as famílias a participar;
3. Planear e organizar os objetivos e estratégias a implementar, analisar recursos, ações e timings. Refletir sobre a sua implementação e encontrar formas de melhorar;
4. Conseguir continuidade, regularidade e frequência nas ações e estratégias, uma vez que ações isoladas e pontuais não promovem o envolvimento;
5. Inovar e diversificar estratégias e ações, de modo a que não se tornem meras rotinas e até desadequadas ao grupo e às famílias e que estejam ajustadas aos diferentes tipos de famílias;
6. Criar uma ‘escola amiga das famílias’ onde estas não se sintam como estranhos, mas sim integradas, bem-vindas e elementos válidos;
7. Estabelecer canais de comunicação diversificados, de modo a que a comunicação seja fluida, frequente e bidirecional;

8. Partilhar responsabilidades, com objetivos comuns, atribuindo a profissionais e a famílias papéis diferentes, mas complementares e igualmente importantes;
9. Ter respeito pela especificidade do papel das famílias, pelas suas necessidades e pelos seus saberes, promovendo a sua participação sem os considerar ajudantes dos profissionais, ajustando as ações às rotinas e vivências familiares;
10. Respeitar, compreender e apreciar a diversidade das famílias (social, cultural, religiosa, etc.) e conseguir que esta seja uma mais-valia e enriqueça o trabalho na sala;
11. Compreender os obstáculos e dificuldades com que se deparam muitas famílias, de modo a apoiá-las para um envolvimento cada vez mais consistente;
12. Ter disponibilidade para ouvir as famílias, para as compreender, aprender com elas e valorizá-las, de modo a promover sentimentos de autoeficácia positivos, para que todos se sintam competentes no apoio que podem dar aos filhos;
13. Ter uma atitude reflexiva contínua que permita compreender a eficácia das estratégias e ações e a forma como as famílias se sentem, e encontrar meios alternativos, caso seja necessário.

Mata e Pedro (2021, p.84-85)

Para desenvolver um envolvimento parental ativo e positivo é, pois, necessário que todos os/as educadores/as tenham em conta os princípios orientadores acima mencionados, pois são uma base fundamental a ter em conta para que cada profissional consiga criar e desenvolver as suas próprias estratégias com base nas características das famílias com quem se for cruzando ao longo da sua prática profissional.

Reflexão

A terminar este percurso formativo e investigativo, é importante retornar ao ponto de partida deste relatório final, os estágios, assim como elencar de algumas questões e inquietações que considerei pertinentes como ponto de partida para a investigação, abordando posteriormente o processo investigativo e terminando com uma visão da educação de infância, como forma de encerramento deste percurso académico.

A formação inicial por onde todos os professores têm de passar “é um processo, escalonado e delimitado no tempo, de aquisição e desenvolvimento da profissionalidade e profissionalismo docentes” (Estrela & Caetano, 2012, p.220). Todo este processo de formação inicial é “uma fase de um processo de desenvolvimento pessoal, de socialização e construção da identidade profissional que, através de um exercício de reflexão crítica, convida à desconstrução de modelos e de conceitos da profissão interiorizados pela experiência de aluno” (Estrela & Caetano, 2012, p.220).

Esta formação tem como objetivo potenciar futuros docentes que sejam “práticos reflexivos, capazes de analisar as situações de ensino e os contextos institucionais e sociais em que ocorrem e construir conhecimento profissional a partir da experiência” (Estrela & Caetano, 2012, p.220).

É, portanto, nos estágios, que abrangem três âmbitos educativos diferenciados (analisados na primeira parte deste trabalho) que os discentes se familiarizam com mais do que uma valência, e acumulam diferentes experiências, desafiando-se a aplicar os conhecimentos adquiridos no contexto escolar.

Neste curso em particular, existe uma obrigatoriedade relativamente a ter um par de estágio, o que considero muito positivo, porque permite-nos aprender a trabalhar em equipa, transmite-nos também o sentido de organização, coordenação e planeamento de atividades, oferecendo ainda um apoio, alguém com quem podemos partilhar momentos positivos e negativos, dúvidas, proporcionando tranquilidade e confiança.

Na licenciatura realizei um estágio sem par e senti-me de forma totalmente diferente, sinto que devia também ser obrigatória a realização de pelo menos um dos estágios de modo individual, pois futuramente iremos estar sozinhas a agir sem suporte.

No que diz respeito ao balanço dos três estágios, concluo que com o decorrer desta experiência fui evoluindo a minha competência de reflexão e análise, de valência para valência.

Relativamente à minha prática, não me é possível fazer a mesma análise, devido ao facto de terem sido experiências completamente distintas.

No primeiro estágio, tive um local de estágio diferente do que foi inicialmente escolhido, uns dias antes da realização do estágio fui informada de que a escola não estava disposta a acolher estagiárias.

Na instituição onde acabei por realizar o estágio não tive oportunidade de estabelecer uma relação com a equipa educativa, uma vez que após duas semanas, por motivos alheios à instituição, a mesma teve de encerrar portas devido a restrições impostas devido à Pandemia que impuseram o encerramento dos estabelecimentos escolares. Embora tenha existido este fator, tive oportunidade de contactar com duas auxiliares da sala, que me acolheram muito bem, só conheci a educadora cooperante na segunda semana de estágio, pois a mesma encontrava-se doente, mas foi muito acolhedora para connosco e tentou logo pôr-nos a par do que estava a desenvolver no âmbito do projeto de sala. Embora tenhamos sido colocadas à vontade para desenvolver atividades no âmbito do projeto de intervenção, apenas a minha colega de estágio teve oportunidade de intervir. Neste estágio observei algumas estratégias relativamente à promoção da relação da família com a escola e como a educadora cooperante tentava ultrapassar a barreira existente na comunicação devido à pandemia.

No segundo estágio estabeleci uma boa relação com a comunidade educativa, senti-me muito bem acolhida tanto pelas crianças como pelas pessoas que constituíam a equipa educativa. Neste estágio consegui intervir até ao fim e senti que realizei atividades muito benéficas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sendo que consegui estabelecer um relacionamento excelente com as mesmas. Em relação à educadora cooperante, tinha estratégias muito distintas para organizar a turma e conseguia captar o seu interesse e atenção com diversos métodos, o que foi muito importante de aprender.

Neste estágio não consegui entender como era promovida a relação família-escola, pois nunca foi solicitada a presença dos pais na escola para realizar atividades com as crianças, a comunicação era realizada através de recados no caderno individual de cada criança, era assim realizada a comunicação entre a educadora e os pais, o que me deixou com algumas dúvidas sobre a promoção da relação família-escola, deixando um pouco a ideia de que a mesma era deixada de lado.

No último estágio o grupo de crianças era diferente do que até então tinha observado, existiam várias culturas e vários níveis sociais, crianças com barreiras a

nível linguístico e fragilidades socioeconómicas. Era um grupo com diferentes idades, desde os 3 até aos 7 anos. Inicialmente foi um choque porque era uma realidade diferente da que estava habituada, mas posteriormente talvez tenha sido das experiências mais enriquecedoras a que tive possibilidade de estar exposta. Foi desafiante do primeiro ao último dia, testando sempre as minhas capacidades. Todavia, reconheço todos os aspetos positivos e todas as capacidades que adquiri. Foi neste estágio em particular que senti que devia explorar a temática específica que decidi investigar, pois verifiquei que existiam diversas barreiras ao nível de envolvimento parental no quotidiano escolar. Não observei serem promovidas iniciativas e a promoção de uma boa comunicação também não foi observada, até porque várias famílias tinham uma barreira linguística que as impedia de compreender o que era transmitido em reuniões e recados e não observei muito esforço para que esta barreira fosse ultrapassada. Senti também que as formas de comunicação selecionadas constituíam uma barreira, os recados eram transmitidos através de um caderno e muitas crianças não o tinham, o que resultava por vezes na não entrega dos recados. Não observei nenhuma estratégia para ajustar as modalidades de comunicação às características culturais e económicas das famílias. A convicção de que a informação e a comunicação deveriam ser transmitidas de maneira equitativa e inclusiva a todas as famílias, sem qualquer barreira, muito menos barreiras resultantes das suas origens e características tornou-se um aspeto que senti que devia desenvolver.

Neste último estágio senti que as crianças não tinham todas as mesmas oportunidades de aprendizagem, era um grupo com uma grande diversidade de idades, acabando por ser desenvolvidas mais atividades com o grupo de crianças mais velhas, do que com as mais novas, o que não promovia de todo a inclusão, tal como as crianças com algum tipo de fragilidade cognitiva ou do neuro desenvolvimento não eram incluídas em atividades. Depois destas observações decidi que um dos meus maiores objetivos era promover a inclusão e o sentido de união, quis tornar o grupo mais solidário e coeso, tentando sempre incluir todas as crianças de forma equitativa, para que distribuísse oportunidades de forma justa. Não foi uma tarefa fácil, nem todos tinham o mesmo apoio em casa, a escola anteriormente não respondia às crianças de forma equitativa, por mais que eu explicasse as atividades de forma clara, algumas crianças ficavam desinteressadas ou não compreendiam porque estavam em fases de desenvolvimento diferentes e por isso mesmo tive de me ir adaptando e criar novas estratégias para cativar os seus interesses, adaptando-me sempre ao nível de aprendizagem de cada

um, porque é mesmo este um papel de um educador, moldar-se perante as características e a individualidade de cada criança.

Através destes estágios consegui observar como eram ou não criadas estratégias para criar e manter uma boa relação entre a família e a escola. Em tempo de pandemia houve quem adotasse muito os meios de comunicação digital, através de vídeos e fotografias enviadas aos pais, em grupos criados com objetivo dessa partilha. De facto, hoje em dia, muitas das vezes as informações são transmitidas aos pais através de plataformas ou aplicações disponíveis, mas nem sempre sinto que isso seja uma solução, porque existem famílias que não tem acesso a esse tipo de recursos, ou não se sentem à vontade com os mesmos, exigindo que se adotem estratégias diversificadas e inclusivas. Por outro lado, a disponibilização permanente de informação mediada por tecnologias pode ao contrário do que é sua intenção afastar mais as famílias da escola, tornando-os meros recetores passivos da informação que a escola entende partilhar. Adicionalmente, será que a comunicação deve ser realizada de igual forma para todos ou deve ser realizada consoante as características e origens dos/as progenitores/as/crianças? Se quando os pais apresentarem barreiras linguísticas, o/a educador/a deve tentar adaptar-se para transmitir o melhor possível a informação? Se a educadora pedir materiais aos pais para trazer no dia seguinte, será que os pais irão ter oportunidade de comprar devido aos seus horários de trabalho e a sua possibilidade financeira? Se os pais não puderem comparecer na escola nas épocas festivas ou não fizerem sentido na sua cultura como o Natal ou a Páscoa, deverão ser propostas novas atividades em que a família tenha oportunidade de comparecer? Se a educadora enviar para casa atividades de trabalhos manuais, por exemplo, será que os pais irão ter oportunidade de realizar as mesmas e irão gostar de realizar esse tipo de atividades, será que se irão sentir à vontade para as realizar, existirão mais opções? Quais serão as estratégias de envolvimento parental que existem? Será que os/as educadores/as devem pensar mais “fora da caixa” no que toca às estratégias de envolvimento parental?

Estas foram algumas das questões que me surgiram através das observações realizadas nos diversos estágios, o que me levou então à temática escolhida para a investigação.

No que diz respeito ao processo de investigação, uma das maiores dificuldades que encontrei foi a não colaboração das educadoras cooperantes para a realização da pesquisa em contexto escolar, o que acabou por não me dar outra opção sem ser recorrer à estratégia bola de neve, ou seja, através de pessoas “conhecidas” que tinham

crianças a frequentar o pré-escolar. Optei por realizar onze entrevistas semiestruturadas, numa abordagem qualitativa ao problema de investigação.

Pensar o envolvimento parental no meio escolar atualmente passa por “questões de poder, valores políticos e culturais, que fazem com que à partida nem todos tenham as mesmas possibilidades, nem sequer as mesmas conceções de qual pode ser o seu papel, a sua possibilidade de agir.” (Cardona, Piscalho, Uva, Luís e Tavares, 2013, p.16). Este tipo de barreiras faz com que muitas vezes exista uma má relação entre a família e a escola. Para podermos trazer “maior qualidade educativa das instituições implica necessariamente aumentar o envolvimento de pais e famílias. Portanto, há que preparar os/as educadores/ as para a importância deste trabalho.” (Cardona, Piscalho, Uva, Luís e Tavares, 2013, p.47), muitas vezes não existe uma preparação intensiva dos futuros profissionais acerca da importância deste tema, estabelecer uma relação saudável entre a escola e a família é importantíssimo para o desenvolvimento das crianças, deve existir um trabalho de colaboração que seja mútuo, tanto na escola como em casa.

Precisamos de compreender que existem múltiplas formas de envolvimento e para isso é preciso “caraterizar os vários tipos de envolvimento que podemos analisar, há diferentes aspetos a considerar: formas de ajuda aos pais/famílias em casa; formas de comunicação; formas de envolvimento entre pais/famílias e as instituições educativas; formas de envolvimento dos pais/famílias em atividades de ensino-aprendizagem realizadas em casa; formas de envolvimento dos pais/famílias na gestão das instituições educativas.” (Cardona, Piscalho, Uva, Luís e Tavares, 2013, p.12), todos estes tipos de envolvimento são necessários ter em conta para poder criar estratégias que resultem ao máximo no objetivo de solidificar uma relação entre o meio escolar e a família. Por vezes, verifica-se que alguns/umas educadores/as sentem que por vezes o envolvimento parental no meio escolar é algo menos positivo, pois têm “receio de pôr em risco a sua autonomia profissional, considerando que a área pedagógica deve ser exclusivamente técnica. Outro tipo de variáveis verifica-se ao nível das dinâmicas institucionais existentes: por vezes, independentemente da vontade dos/as educadores/as, torna-se difícil organizar um envolvimento parental ativo.” (Cardona, Piscalho, Uva, Luís e Tavares, 2013, p.16), por vezes este tipo de receios por parte dos docentes dificulta o desenvolvimento desta relação, mas por vezes estes receios são também sentidos pelos pais e é preciso desmistificar e dissipar estes medos para que

sejam ultrapassadas barreiras consideradas iniciais, para que posteriormente seja de fácil estruturação este tipo de relação.

Contudo, é necessário que “o/a educador/a tenha consciência das dificuldades dos pais, das suas conceções e potencialidades para a participação, é essencial o tipo de comunicação que estabelece com estes e a forma como se criam oportunidades para os ouvir, para dar resposta às suas interrogações e dificuldades, e, deste modo, conseguir ir adequando as solicitações, com vista a desenvolver tarefas e atividades cada vez mais ajustadas ao grupo de crianças e famílias.” (Mata e Pedro, 2021, p.61).

Os educadores precisam de apelar aos pais para que exista "uma participação responsável e um envolvimento pleno dos pais nas atividades em contexto educativo proporciona-lhes oportunidades para participarem no processo de desenvolvimento e de educação dos seus filhos." Sarmiento & Freire (2011, citado por Mata e Pedro, 2021, p. 68) é necessário que seja demonstrado à família a sua importância neste processo de desenvolvimento das crianças e os benefícios que esta relação irá trazer aos seus filhos.

É necessário também demonstrar aos profissionais, à comunidade escolar e às famílias os benefícios que uma relação saudável entre a família e a escola irão trazer a todos os envolvidos.

Realizei todo o meu percurso na Escola Superior de Educação de Santarém, conheci diversas pessoas, com percursos de vida diferentes, com conceções diferentes o que contribuiu para que estes anos se tornassem mais enriquecedores, através da partilha de impressões e experiências. Recebi muitos conselhos e críticas construtivas que me auxiliaram a mudar para melhor, questionando práticas e preconceitos.

A partilha reflexiva é algo que todos os profissionais e futuros profissionais desta área devem conservar para um futuro próximo, pois a mesma será sempre um suporte para a prática.

Através da realização deste relatório final e do Mestrado, finaliza-se todo um percurso formativo, adquirindo assim qualificações para exercer a prática de educadora de infância.

Tenho, no entanto, consciência de que esta profissão exige um esforço e uma devoção permanente, desta maneira irei fazer de tudo para não permitir esquecer quaisquer práticas e conhecimentos que obtive ao longo de todos estes anos de formação, bem como ao longo de toda a minha vida na qualidade de discente.

Relembrando sempre que um/a educador/a ou professor/a não consegue mudar o mundo por completo, mas pode e deve contribuir fazendo a diferença na vida das crianças e das suas famílias que por ele irão passar no decorrer dos seus anos de carreira.

Esta profissão traz-me alguns receios/medos no futuro que se avizinha, mas tenho também grandes certezas, errar é algo que faz parte do ser humano, irei errar e irei aprender com os meus erros, melhorando-me sempre como profissional e como pessoa, dando sempre o máximo de mim, superando-me sempre. Quero contribuir para que as crianças encarem as suas dificuldades como algo positivo, como uma aprendizagem que os irá ajudar a crescer, a fortalecê-los. Irei fazer das crianças com quem tiver oportunidade de me cruzar neste caminho que é a vida, cidadãos empáticos e com sentido de reflexão, que sejam sempre ativos e atentos para com o mundo que os rodeia e para com as outras pessoas que em comunidade irão viver com eles.

Referências Bibliográficas

- Agrupamento de escolas (2021). *+Projeto Educativo*.
Retirado de: https://static.aealexandreherculano.pt/images/downloads/documentos-orientadores/aeah_-_projeto-educativo-2021_25.pdf
- Almeida, A. N. *Análise Social*, vol. XL (176), 2005, 579-593/. *O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate*.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*.
Retirado de: <https://apei.pt/wp-content/uploads/2019/11/carta-de-principios.pdf>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70- Persona.
- Beltramel, G. R. e Bottolill, C. (2010). *Retratos do envolvimento paterno na atualidade*.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, S. B. Santos & T. M. Baptista, Trads.). Porto: Porto Editora.
- Caetano, A. P. & Silva, M. L. (2009). *Ética profissional e Formação de Professores*. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, 8, 49-60.
- Cardona, M. J. (Coord.) (2013). *Envolvimento parental na educação de crianças pequenas. Guião de trabalho para profissionais de educação de infância*. Psicossoma Editores: Viseu.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para a Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. (2.a ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Cribb, S. (2010). *Contribuições da Educação Ambiental e Horta escolar na promoção de melhorias ao ensino, à saúde e ao ambiente*.
- Diogo, A. M. (Setembro 2017). *Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas, e evidências*. Universidade dos Açores.
- Dutschke, M. S. B. (2009). *A Importância da participação dos Pais na Escola. Proposta de um modelo efectivo de participação dos pais*.
- Estrela, M. T. & Caetano, A. P. (2012). *Reflexões sobre a formação ética inicial de professores. Interações*.
- Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em educação*.
- Ferreira, M., & Tomás, C. (2018). *“O pré-escolar faz a diferença?” Políticas educativas na educação de infância e práticas pedagógicas*. Revista Portuguesa de Educação.
Retirado de:
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-9187201800030006
- Fialho, I. (2008). *Promover a educação ambiental no Jardim-de-Infância. Algumas propostas*.
- Figueiredo, A & Figueiredo, F. (2011). *Teoria da Amostragem. Apontamentos teóricos e exercícios. Complementos de Estatística*.
- Gil, A. C. (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6.a ed.). São Paulo: Editora Atlas.

- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 Anos: O Atendimento em Creche (2ª ed.)*. Artmed.
- Horta, M. H. (2012). *Relação Escola/Família em Portugal: uma perspetiva histórica*. Universidade do Algarve.
- Júnior, E., Oliveira, G., Santos, A. & Schnekenberg, G. (2021). *Análise Documental como percurso Metodológico na Pesquisa Qualitativa*. Cadernos da Fucamp.
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *A abordagem por projectos na educação de infância (2.a ed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lüdke, M & André, E. D. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Lima, J. Á. (2002). *Pais e professores um desafio à cooperação. Coleção em foco*. Editora ASA.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5.a ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Mata, L. & Pedro, I. (2021). *A partição e envolvimento das famílias, Construção de parcerias em contextos de Educação de Infância*. Editor: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Montado, C. & Perrenoud, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível. Para uma análise Sociológica das Interações entre a Família e a Escola*. Celta
- Monteiro, R. (Coord). (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Ministério da Educação.
- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura pela Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa, (2016). *Criar e Gerir uma horta escolar- Um manual para professores, pais e comunidades*.
- Ramos, V., Bettencourt, L., Rodrigues e Correia, R. B. (2019). *Atitudes face à divisão do trabalho familiar em Portugal em 2002 e 2014: mudanças e continuidades*.
- Roldão, M. C. (2008). *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Saber (e) Educar*.
- Santos, M., Fonseca, T. & Matos, F. (2009). *Que se ganha com o Trabalho de Projecto?*.
- Sarmento, T. & Marques, J. (2006). *A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas*.
- Sarmento, T. (2005). *(Re)pensar a interação escola-família*. Revista Portuguesa de Educação. Universidade do Minho. Braga, Portugal.
- Sarmento, T. & Freire, I. (2011). *Fazer a escola acontecer: A colaboração crianças-professores-pais como prática de cidadania*. Revista ELO.
- Scardua, V. M. (2009). *Crianças e o Meio Ambiente: A importância da Educação Ambiental na Educação Infantil*. Revista FACEW 3.
- Seabra, T. (1997). *Estratégias familiares de educação das crianças*. Sociologia- Problemas e Práticas.
- Silva, P. (set. 2007) *Associações de pais, interculturalidade e clivagem sociológica: algumas questões*. Revista Eletrônica de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Silva, P. (2006). *Pais-Professores: Reflexões em torno de um estranho objecto de estudo*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria.
- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 2014. *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica-Carta Ética*.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Tomás, C & Trevisan, G. (2021). *Sociologia da Infância em Portugal, Memórias, Encontros e Percursos. Secção Temática Sociologia da Infância*. Associação Portuguesa de Sociologia.
- Vasconcelos, T. (2009). *Prática pedagógica sustentada: Cruzamento de saberes e de competências*. Lisboa: Edições Colibri.
- Vasconcelos, T. (2010). *Trabalho por Projeto na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Vasconcelos, T. (2011). *Trabalho por Projetos em Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/ Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Vieira, M. M. (2006). *Em torno da família e da escola: Pertinência científica, Invisibilidade Social*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Anexos

Anexo A- Sala de creche



Figura VIII- "Imagem da Sala de creche"

Anexo B- Planificação da Atividade nº2- “Pasta de Moldar”

Introdução da atividade: Esta atividade não foi realizada.

Área de Conteúdo	Objetivos	Execução da Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
Área do conhecimento do mundo	<p><u>Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Explorar novos materiais com diferentes texturas; <p><u>Específicos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • As crianças com a ajuda da estagiária colocam todos os ingredientes necessários no recipiente para explorarem e conhecerem os materiais, isto, no tempo que a estagiária achar necessário 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunir o grupo na manta; • Cantar a canção dos sentidos; • Colocar todo o material necessário para a criação da massa de modo a que todas as crianças vejam; • Chamar uma criança à vez para ir colocando os ingredientes no recipiente para fazer a massa; • Pedir à vez a uma criança que se dirija ao recipiente e amasse a massa; • Distribuir uma pequena quantidade de massa por cada criança para que elas explorem o material e se quiserem criem algo (uma figura, um objeto, um alimento, etc). 	<ul style="list-style-type: none"> • Cantar uma canção para introduzir a atividade; • Fazer massa de moldar à base de água e farinha para as crianças explorem a textura do material (a massa é feita à base de água e farinha para que não hajam riscos se as crianças levarem a massa à boca. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Farinha; • Água; • 1 Recipiente grande (ex: 1 alguidar). <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiárias; • Educadora; • Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico; • Preenchimento da tabela do Bem estar.

Figura IX- “Planificação da Atividade nº2- “Pasta de Moldar “ ”

Anexo C- Planificação da atividade nº 3- “Tapete das Sensações”

Introdução da atividade: Esta atividade não foi realizada.

Área de Conteúdo	Objetivos	Execução da Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Educação Artística - Subdomínio das Artes Visuais 	<p><u>Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Permitir que as crianças explorem novos materiais e textura através do sentido do tato e com os pés <p><u>Específicos:</u></p> <p>As crianças exploram os materiais com as mãos e caminham</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As estagiárias constroem previamente um “tapete” com diferentes materiais colados no mesmo (massa, algodão, areia, conchas, lixa, tecidos...) • Reúne-se o grupo de crianças no tapete e canta-se a 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar um tapete que promova novas experiências e sensações, bem como a exploração de materiais e as suas texturas. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Um tapete velho; • Cola; • Massa; • Algodão; • Areia; • Lixa; • Tecidos. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Estagiárias; • Educadora; • Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico; • Preenchimento da tabela do Bem estar.
	<p>descalças por cima dos mesmos durante um determinado tempo para que explorem todos os materiais.</p>	<p>canção dos sentidos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coloca-se o tapete dos sentidos no chão; • Pede-se que as crianças observem quem está a realizar a atividade; • Chama-se uma criança de cada vez para percorrer o tapete primeiro mexendo com as mão em todos os materiais e 			

		<p>depois que percorra o tapete descalça para sentir todos os materiais com os pés;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa-se com o grupo no final da atividade para tentar perceber se descobriram algo (apesar de nem todas as crianças falarem consegue-se perceber através dos seus gestos e 			
		<p>movimentos corporais).</p>			

Figura X- "Planificação da Atividade nº 3- "Tapete das Sensações" "

Anexo D- Planificação da Atividade nº 4- “Desenhar no plástico”

Introdução da atividade: Esta atividade não foi realizada.

Área de Conteúdo	Objetivos	Execução da Atividade	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Área do conhecimento do mundo</p> <p>Área da expressão e comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> Domínio da Educação Artística - Subdomínio das Artes Visuais 	<p><u>Generais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Permitir que as crianças desenhem livremente através da exploração da motricidade fina. <p><u>Específicos:</u></p> <p>As crianças desenham com os dedos sobre o plástico que contém tinta, esta atividade</p>	<ul style="list-style-type: none"> Canta-se a canção dos sentidos com o grupo; Cola-se uma folha branca no chão e coloca-se tinta por cima; Cobre-se a folha e a tinta (sem a espalhar) com película aderente de modo a que a tinta não saia; 	<ul style="list-style-type: none"> Fazer um desenho de uma forma diferente através da exploração da motricidade fina e exploração de novos materiais e conceitos. 	<p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Folha de papel cavalinha A₂ Tintas de várias cores; Película aderente; Fita cola. <p><u>Humanos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Estagiárias; Educadora; Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta; Registo fotográfico; Preenchimento da tabela[do Bem estar.
	<p>está estipulada] para mais ou menos 10 minutos para cada criança.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Chama-se uma criança para para desenhar (explorar e espalhar a tinta) na folha, com os dedos através do plástico (repete-se o mesmo procedimento para cada criança; Identifica-se o trabalho de cada criança; Expõe-se o trabalho na sala. 			

Figura XI- “Planificação da Atividade nº 4- “Desenhar no plástico” ”

Anexo E- Sala / Espaço- exterior do Jardim de Infância

Sala:



Espaço exterior:



Figura XII- "Imagens da sala e espaço exterior do Jardim de Infância"

Anexo F- Planificação da atividade “ Introdução ao tema”

Introdução da atividade:

Iniciei a atividade com uma explicação da mesma, de modo a introduzir o projeto pedagógico “Horta Pedagógica”. Coloquei uma música sobre uma horta e de seguida realizei uma pequena conversa com as crianças para compreender o acham ser uma horta e o que pode existir na mesma, posteriormente cada criança disse o que gostaria de trazer para colocar na horta. No final da conversa com as crianças e em conjunto com as mesmas foi elaborado um recado dirigido aos pais a fim de solicitar o auxílio de cada pai para fornecer materiais para a elaboração da horta.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
- Área de Formação Pessoal e Social: Independência e autonomia; Consciência de si como aprendiz;	- Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros; - Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. - Cooperar com outros no processo de aprendizagem.	- Colocar o grupo de crianças sentado no tapete; - Explicar que vamos fazer uma atividade intitulada como horta pedagógica; - Colocar uma música que fale de uma horta (Xana Toc Toc “A Horta”); - Realizar uma pequena conversa com o grupo sobre o que acham que a horta pode ter, o que queriam que tivesse e o que podem trazer de casa; - Elaborar um recado dirigido aos pais em conjunto com as crianças para saber o que	- Folhas brancas; - Material de escrita.	- Registo escrito com a interação das crianças
- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).	cada um quer pedir aos pais para trazer;		

Figura XIII- “Planificação da Atividade- “Introdução ao tema” ”

Registo da atividade:

Esta atividade foi muito bem recebida por parte das crianças, foi notório o seu entusiasmo relativamente à elaboração de uma horta. A introdução da canção sobre a horta permitiu não só aguçar o entusiasmo das crianças pela construção da mesma, como também as ajudou a pensar em todos os elementos que eram necessários para criar uma horta. A participação do grupo na conversa foi total, todas as crianças quiseram dar a sua opinião, contar vivências que já tinham relativamente ao tema, nomeadamente existiu uma criança que partilhou com o grupo que os pais e os avós têm uma horta e habitualmente a mesma ajuda não só no cultivo, como também nos cuidados que a horta precisa de ter para que os alimentos cresçam como é previsto que aconteça. Existiu outra criança que questionou se no fim de os hortícolas/frutas crescerem poderia comer e isso deu azo a que outra criança sugerisse que fizéssemos sopa para todas as outras crianças da escola.

Estes pequenos comentários não só ajudam a que o tema da conversa se expanda, mas também a que a discussão não se torne monótona para as crianças e que surjam sempre mais ideias e novos comentários entre as crianças. A ajuda das crianças na construção do recado foi fundamental para perceber o que cada criança queria plantar/semear na horta, os desejos das crianças são importantes de compreender e colocar os encarregados a par dos mesmos é fundamental, é também essencial estabelecer uma boa relação escola-família. Foi possível observar uma grande adesão ao projeto com esta atividade e perceber que o grupo estava em completo unísono relativamente ao tema.

Anexo G- Resultado da atividade “Introdução ao tema”



Figura XIV- “Resultado da Atividade- “Introdução ao tema” ”

Conversa sobre a Horta Pedagógica

Canção da Xana Toc-Toc

P: O que fala a canção?

R: Fala de Legumes e frutas.

A cenoura é uma fruta ou um legume?

R: “Legume” (todos têm a mesma opinião)

N- “Pêra também é uma fruta.”

Lista do material necessário para a horta:

“O que vão querer trazer para a horta?”

T- “Cenoura, alface, hortelã”

P- “Hortelã é uma coisa para pôr na canja.”

S. S.- “Tomates, abóboras”

P- “Cebola, terra, coentros”

Pedido de cada um direcionado aos pais:

P – “Pai por favor arranja umas sementinhas para plantar a hortelã e terra.”;

S. S.: “Manda-me umas sementinhas por favor?”;

T: “Pai, por favor traz hortelã para mim.”;

D – “Pai, quero alfaces para trazer.”;

J– “Pai, por favor dá-me sementes de abóbora.”;

L. F.– “Pai, traz uma planta de morango.”;

L – “Mãe, por favor traz sementes de coentros.”;

M – “Mãe, eu quero que tragas sementes de salsa.”;

G– “Mãe, podes mandar-me por favor uma planta de cebola?”;

S. C. – “Pai, traga umas sementes de tomates por favor.”;

B – Mãe, podes comprar-me uma planta de meloa por favor?”;

P – “Alface”;

Y– “Melancia”;

N– “Tomate”;

L– “Morango”;

Anexo H- Planificação da atividade “Plantar e semear na nossa horta”

Introdução da atividade:

Primeiro começamos por preparar o terreno com as crianças. Posteriormente escolhemos em conjunto com as crianças onde colocar as sementes e as plantas, posteriormente cada criança irá colocar as sementes/plantas no buraco que foi aberto para esse fim, pedimos a cada criança que aconchegue com terra as plantas/sementes de modo a tapar o buraco. O processo irá ser repetido com todas as crianças para que todas tenham as mesmas oportunidades. O terreno terá que ser regado todos os dias ou dia sim, dia não. Esta atividade vai decorrer durante algumas semanas conforme as crianças vão trazendo as sementes e as plantas e até que seja visível algum produto final.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social: Consciência de si como aprendiz;</p> <p>- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</p> <p>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</p> <p>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</p> <p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente de modo adequado à situação</p>	<p>- Preparar o terreno (encinhar, tirar as ervas...);</p> <p>- Escolher onde se vão colocar as sementes e as plantas;</p> <p>- Chamar uma criança à vez, pedir que pegue na planta/semente e coloque no buraco que foi aberto para esse fim;</p> <p>- Pedir à criança que tape o buraco com terra já com a planta/semente lá dentro;</p> <p>- Aconchegar a planta/semente para que e produza da melhor forma;</p> <p>- Repetir este procedimento com todas as crianças de modo a plantar/semear todas as plantas/semente;</p> <p>- Regar o terreno (todos os dias ou dia sim dia não);</p>	<p>Materiais:</p> <p>- Plantas de frutas/legumes;</p> <p>- Sementes de frutas/legumes;</p> <p>- Encincho;</p> <p>- Regador;</p> <p>- Terra;</p> <p>- Covetes de esferovite.</p> <p>Humanos:</p> <p>- Educadora;</p> <p>- 2 Estagiárias;</p> <p>- Grupo de crianças.</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>- Registo fotográfico;</p> <p>- Conversa com o grupo e educadora para ter o seu feedback.</p>
<p>Área do Conhecimento do Mundo: Introdução à metodologia científica; Conhecimento do mundo físico e natural;</p>	<p>(produção e funcionalidade).</p> <p>- Apropriar do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever, encontrar respostas, experimentar, recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las;</p> <p>- Descrever e procurar explicações para fenómenos e</p>	<p>- Decorar a horta com pequenas flores e girassóis (semeados).</p> <p>Esta é uma atividade que vai decorrer durante algumas semanas conforme as crianças vão trazendo as sementes e as plantas. Será também necessário regar o terreno enquanto este não der o fruto/legume final.</p> <p>Sendo o espaço destinado à horta não muito grande, serão ainda utilizadas covetes (de esferovite) para plantar/semear algumas das frutas/legumes que serão colocadas ao lado do canteiro.</p>		

	transformações que observa no meio físico e natural.			
--	--	--	--	--

Figura XV- "Planificação da Atividade- "Plantar e semear na nossa horta" "

Registo da atividade:

Esta foi uma atividade que decorreu durante mais ou menos duas semanas, ao ser material pedido aos pais nem todos trouxeram ao mesmo tempo. Foi uma atividade que captou muito a atenção das crianças, conforme iam trazendo as plantas/sementes pediam logo para mostrar aos amigos, ao qual nós aproveitávamos a ocasião e perguntávamos se eles conheciam aquela planta ou semente e pedíamos para dizer o que achavam que era. Foi visível que o que todos conheciam mais facilmente era a planta da alface. Assim que as primeiras crianças trouxeram a terra foi logo preparando o canteiro onde seria a horta, por iniciativa nossa ao arrancar as ervas do canteiro as crianças observavam e queriam fazer igual, sendo que como em todas as atividades despertou mais interesse a uns do que a outros, transformações que observa no meio físico e natural, posteriormente juntou-se também a terra no canteiro. Esta foi uma parte da atividade que nem todos quiseram participar, no entanto, os que participaram gostaram e fizeram-no com entusiasmo.

Após a preparação do canteiro, íamos pedindo à criança que trouxe a planta/semente para ser a primeira a semear/plantar (isto enquanto o resto do grupo se encontrava a brincar), as outras crianças ao observar iam-se aproximando e pedindo para o fazer também, posto isto achamos que a atividade foi bem-sucedida, tirando a parte da preparação da terra que não foi tão apelativa, todos gostaram da plantação

propriamente dita. Foi ainda visível o interesse de todos em querer pegar no regador² para regar a horta no final.

Anexo I- Resultado da atividade “Plantar e semear na nossa horta”



Figura XVI- “Resultado da Atividade- “Plantar e semear na nossa horta” ”

² Esta atividade decorreu durante alguns dias conforme as crianças iam trazendo as plantas e sementes para a horta e foi conjunta com o par de estágio

Anexo J- Planificação da atividade “Construção de um espantalho”

Introdução da atividade:

Comecei por sentar o grupo na manta e ler a história da “Horta do Senhor Lobo”. De seguida conversei em grande grupo sobre a exploração da história e criei uma interligação com o projeto “a horta pedagógica” e através de perguntas sobre a história, perguntei às crianças qual a melhor solução para afugentar os pássaros que estão a comer os legumes e frutas da nossa horta. Depois de a maioria sugerir a construção de um espantalho, decidi explicar a atividade.

A atividade foi orientada com duas crianças de cada vez, fui perguntando que materiais queriam utilizar para a construção da cabeça do espantalho segundo os materiais disponíveis. De seguida pedi para cada criança desenhar ou recortar conforme o que a mesma escolheu e desenhar ou colar para formar a cara do espantalho. Posteriormente perguntei que material as crianças queriam utilizar para fazer o cabelo do espantalho e ajudei na colagem do material escolhido para realizar o cabelo do espantalho, perguntei ainda às crianças qual o material que querem utilizar para encher o corpo do espantalho e ajudei as crianças no processo. No final da atividade reuni em grande grupo com as crianças para mostrar o produto final, depois fui com as crianças ao exterior e perguntei em que local da horta as crianças queriam colocar o espantalho.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social: Consciência de si como aprendiz;</p> <p>- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita- Comunicação oral;</p>	<p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</p> <p>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</p> <p>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</p> <p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente de modo</p>	<p>- Sentar o grupo na manta;</p> <p>- Ler a história da “Horta do Senhor Lobo”;</p> <p>- Conversa em grande grupo (exploração da história e interligação com o projeto “a horta pedagógica e através de perguntas sobre a história perguntar às crianças qual a melhor solução para afugentar os pássaros que estão a comer os legumes e frutas da nossa horta);</p> <p>- Breve explicação da atividade;</p> <p>- Atividade orientado com duas crianças de cada vez;</p> <p>- Perguntar que materiais querem utilizar para a construção da cabeça do</p>	<p>Materiais:</p> <p>-Roupas velhas;</p> <p>-Chapéu;</p> <p>-Trapos para enchimento;</p> <p>-Paus;</p> <p>-Jornal;</p> <p>-Revistas;</p> <p>-Tesouras;</p> <p>-Cola;</p> <p>-Palha;</p> <p>-Lã;</p> <p>-Luvas;</p> <p>-Botões;</p> <p>-Canetas;</p> <p>-Corda;</p> <p>-Um projetor;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>-Interesse na atividade;</p> <p>- Resultado final do espantalho;</p> <p>- Registo fotográfico.</p>

<p>- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Educação Artística e subdomínio das Artes Visuais.</p> <p>- Área do Conhecimento do Mundo.</p>	<p>adequado à situação (produção e funcionalidade).</p> <p>-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.</p> <p>-Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles.</p>	<p>espantalho segundo os materiais disponíveis;</p> <p>- Pedir para desenhar ou recortar (conforme o que a criança escolheu) e desenhar ou colar para formar a cara do espantalho;</p> <p>- Perguntar que material as crianças querem utilizar para fazer o cabelo do espantalho;</p> <p>-Ajudar na colagem do material escolhido para realizar o cabelo do espantalho;</p> <p>-Perguntar às crianças qual o material que querem utilizar para encher o corpo do espantalho e ajudar as crianças no processo;</p> <p>-Reunião em grande grupo para mostrar o produto final;</p> <p>- Ir com as crianças ao exterior e perguntar em que local da horta as crianças querem colocar o espantalho;</p>	<p>-Um computador;</p> <p>Humanos:</p> <p>- 1 Estagiária;</p> <p>- Grupo de crianças.</p>	
		<p>-Perguntar às crianças que nome querem escolher para o espantalho;</p> <p>- Conversa em grande grupo sobre o que acharam da atividade realizada;</p>		

Figura XVII- “Planificação da Atividade- “Construção de um Espantalho” ”

Registo da atividade:

Nesta atividade senti bastante entusiasmo por parte das crianças, as mesmas mostraram muito à vontade na manipulação dos materiais como na construção do mesmo, senti que as crianças se foram completando na construção do espantalho pois por exemplo se a criança x escolheu palha para fazer o cabelo do espantalho, quando chegasse a vez da criança y participar na atividade ia dar continuidade ao que a criança x estava a fazer, sempre cada criança indo dando o seu toque pessoal ao espantalho.

As crianças mostraram-se sempre predispostas a realizar a tarefa e adoraram o resultado final, dando até um nome ao espantalho. Nesta atividade tentei ao máximo dar autonomia às crianças deixando que as mesmas escolhessem quais dos materiais que coloquei a disposição queriam utilizar, como iriam dar forma ao corpo do espantalho, que enchimento usar, que nome escolher para o mesmo e até em que sítio da horta queriam colocar o mesmo.

Senti que a mensagem que queria passar às crianças foi bem compreendida e que as mesmas compreenderam qual o intuito da construção de um espantalho, até porque em conversa com as mesmas compreendi que era uma grande preocupação para elas o facto de os pássaros andarem a comer as plantas e as sementes da horta, depois de conversar com as crianças e elas sugeriram colocar um espantalho na horta decidi realizar esta tarefa. Sinto que os objetivos desta atividade foram cumpridos e que as crianças tiveram uma participação interessada e ativa na mesma, conseguindo envolver todo o grupo na mesma.

Anexo K- Resultado da atividade “ Construção de um espantalho”



Figura XVIII- “Resultado da Atividade- “Construção de um espantalho” ”

Anexo L- Planificação da atividade “Proteção da horta”

Introdução da atividade:

Sentei o grupo na manta e conversei em grande grupo com as crianças, através de perguntas sobre como proteger a nossa horta e o que existe noutras hortas para afastar os pássaros, de seguida realizei uma breve explicação da atividade. A atividade foi orientada com uma criança de cada vez e perguntei a cada crianças o que queria pintar no cd e auxiliar no processo, de seguida levei as crianças até ao espaço exterior e em conjunto pendurei os cd's na fita previamente colocada no exterior. De seguida conversei em grande grupo com as crianças sobre o que achavam do resultado final. Para a segunda parte da atividade voltei a sentar o grupo na manta e perguntei às crianças sobre como proteger a nossa horta e o que existe noutras hortas para afastar os pássaros, seguiu-se uma breve explicação da atividade.

Mais uma vez a atividade foi orientada com uma criança de cada vez e fui questionando a cada criança o que queria pintar no cata-vento, auxiliando no processo. No final levei as crianças até ao espaço exterior e em conjunto escolhemos o local para colocar o cata-vento na horta, de seguida conversei em grande grupo com as crianças sobre o que acharam do resultado final.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social: Consciência de si como aprendiz;</p> <p>- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita- Comunicação oral;</p>	<p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</p> <p>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</p> <p>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</p> <p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguir comunicar eficazmente</p>	<p>Fita de cd's:</p> <p>-Sentar o grupo na manta;</p> <p>- Conversa em grande grupo (através de perguntas sobre como proteger a nossa horta e o que existe noutras hortas para afastar os pássaros);</p> <p>- Breve explicação da atividade;</p> <p>- Atividade orientada com uma criança de cada vez;</p> <p>- Perguntar a cada crianças o que quer pintar no cd e auxiliar no processo;</p> <p>- Levar as crianças até ao espaço exterior e em conjunto pendurar os cd's na fita previamente colocada</p> <p>-Conversa em grande grupo sobre o que acharam do resultado final;</p> <p>Cata-vento:</p>	<p>Materiais:</p> <p>-Cordel;</p> <p>-CD's;</p> <p>-Tintas;</p> <p>-Pincéis;</p> <p>-Eva;</p> <p>-Tesouras;</p> <p>-Paus de espetada;</p> <p>-Arame;</p> <p>-Botões;</p> <p>-Cana;</p> <p>-Cola;</p> <p>-Tesoura;</p> <p>-Rolhas;</p> <p>Humanos:</p> <p>- 1 Estagiária;</p>	<p>- Observação direta;</p> <p>-Interesse na atividade;</p> <p>- Resultado final da proteção da horta;</p> <p>- Registo fotográfico.</p>

<p>- Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Educação Artística e subdomínio das Artes Visuais.</p> <p>- Área do Conhecimento do Mundo: Abordagem às Ciências - Conhecimento do mundo físico e natural</p>	<p>de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).</p> <p>-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.</p> <p>- Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os</p>	<p>-Sentar o grupo na manta; - Conversa em grande grupo (através de perguntas sobre como proteger a nossa horta e o que existe noutras hortas para afastar os pássaros); - Breve explicação da atividade; - Atividade orientada com uma criança de cada vez; -Perguntar a cada criança o que quer pintar no cata-vento e auxiliar no processo; - Levar as crianças até ao espaço exterior e em conjunto escolher o local para colocar o cata-vento na horta; -Conversa em grande grupo sobre o que acharam do resultado final;</p>	<p>- Grupo de crianças.</p>	
	<p>objetos feitos a partir deles; Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.</p>			

Figura XIX- “Planificação da Atividade- “Proteção da horta” ”

Registo da atividade:

Na construção do cata-vento, existiram algumas dificuldades pois não estava a conseguir que tivesse a dimensão que tinha idealizado para que todas as crianças conseguissem decorar o mesmo, mas depois arranjei solução e consegui que todas as crianças pudessem decorar livremente o cata-vento, as crianças adoraram o resultado final e mostraram-se sempre muito participativas tanto na ajuda com a construção como na decoração como na implementação do mesmo na horta.

Na construção da fita com cd's, na parte da pintura dos cd's existiu uma grande parte das crianças que simplesmente quis pintar o cd em vez de desenhar, o objetivo

era que desenhassem algo simbólico de modo a deixarem a sua marca no cd, acho que esse foi um aspeto mais negativo na elaboração da atividade, outro aspeto menos positivo foi que a primeira tinta que usei depois de secar saltou toda dos cd's e algumas crianças tiveram de voltar a pintar, embora as mesmas crianças não tenham demonstrado desagrado pois até queriam pintar mais do que um cd e esse pequeno percalço permitiu que decorassem de novo o seu cd.

Embora não tivesse o grupo completo na elaboração desta atividade tinha uma grande parte e por isso consegui ainda que a fita ficasse com a maior parte da marca das crianças, nesta atividade consegui também explicar às crianças para que servia a fita que foi construída com os cd's e posteriormente foi colocada na horta com ajuda das crianças.

Anexo M- Resultado da atividade “Proteção da horta”



Figura XX- “Resultado da Atividade- “Proteção da horta” ”

Anexo N- Avaliação do projeto (“Horta Pedagógica”)

Criança nº 1

1. Como apareceu a nossa horta? R: Não me lembro;
2. Porque é que a fizemos? R: Para comermos;
3. Como a fizemos? R: Ferramentas, terra, sementes, plantas e água;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Regar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Ferramentas e terra;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Temos de regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Bichos-de-conta;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para afastar os passarinhos e não comerem a horta;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para os passarinhos não comerem a horta.

Criança nº 2

1. Como apareceu a nossa horta? R:
2. Porque é que a fizemos? R:
3. Como a fizemos? R:
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R:
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R:
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R:
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R:
8. Que animais apareceram na nossa horta? R:
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para espantar os passarinhos;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Também para espantar os passarinhos.

Às seguintes questões (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8) não pode responder pois esteve ausente nesse período;

Criança nº 3

1. Como apareceu a nossa horta? R: Eu não sei;
2. Porque é que a fizemos? R: Para nós termos legumes como na história da revolta dos vegetais;
3. Como a fizemos? R: Abrimos um buraco, pomos uma semente depois tapamos e regamos e ela vai crescer;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Gostei de pôr o espantalho, ele é fofinho e gosto do nome dele;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Meloa;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: A gente tem de regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Vi um passarinho;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para não comerem a nossa horta;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Foi também para não comerem.

Criança nº 4

1. Como apareceu a nossa horta? R: A mãe da Bia;
2. Porque é que a fizemos? R: Porque nós gostamos da horta;
3. Como a fizemos? R: Nós tínhamos terra e depois pusemos sementes e plantas e depois regamos;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Gostei das alfaces;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Não trouxe nada;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Semear;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Não vi nenhum;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para os passarinhos não comerem;

10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para brilhar e afastar os passarinhos;

Criança nº 5

1. Como apareceu a nossa horta? R: Tivemos de plantar;
2. Porque é que a fizemos? R: Para a gente comer;
3. Como a fizemos? R: Semeamos e plantamos;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Semear e plantar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Pimentos e feijão;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Temos de tapar com terra e regar para as coisas crescerem;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Pássaros;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para afastar os pássaros;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para afastar também os pássaros.

Criança nº 6

1. Como apareceu a nossa horta? R: Nós fomos por lá as sementes e as plantinhas;
2. Porque é que a fizemos? R: Para comer;
3. Como a fizemos? R: Água, terra, sementes e plantas;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Regar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Sementes de cenoura e salsa;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Por as plantinhas;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Não vi lá nenhum;
9. Porque fizemos um espantalho? R: esteve ausente da escola.
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: esteve ausente da escola.

Criança nº 7

1. Como apareceu a nossa horta? R: Fomos lá fora e pusemos as sementes e as plantas;
2. Porque é que a fizemos? R: Para comer;
3. Como a fizemos? R: Terra, sementes, água e plantas;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Regar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Não trouxe nada;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Semear, por sementes;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Caracóis, bichos-de-conta e marias café;
9. Porque fizemos um espantalho? R: esteve ausente da escola;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: esteve ausente da escola;

Criança nº 8

1. Como apareceu a nossa horta? R: Nós plantamos a horta;
2. Porque é que a fizemos? R: Para ter frutinhas e também legumes;
3. Como a fizemos? R: A gente usou sementes e plantas e água;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Eu gostei de regar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Morangos;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Temos de regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Caracóis, bichos-de-conta e minhocas;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para os passarinhos não comerem a nossa horta;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para os passarinhos fugirem todos.

Criança nº 9

1. Como apareceu a nossa horta? R: Nós plantamos e depois nós regamos para crescer;
2. Porque é que a fizemos? R: Para nós comermos;
3. Como a fizemos? R: Plantamos, semeamos e regámos;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Regar;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Eu não trouxe nada;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Semear;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Pomos água para elas crescerem;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Minhocas e caracóis;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para afastar os passarinhos da nossa horta e não comerem a horta;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para a luz afastar os passarinhos.

Criança nº 10:

1. Como apareceu a nossa horta? R: A minha mãe trouxe um morangueiro para fazer uma horta;
2. Porque é que a fizemos? R: Porque a minha mãe teve a ideia;
3. Como a fizemos? R: Com terra, plantinhas e sementes;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Por plantas;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Meloa e morangos;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Semear;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Passarinhos e caracóis;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para assustar os passarinhos;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para a luz afastar os passarinhos.

Criança nº 11:

1. Como apareceu a nossa horta? R: Porque nós regamos muito;
2. Porque é que a fizemos? R: Para termos legumes e frutas;

3. Como a fizemos? R: Nós semeamos e plantamos;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Gostei mais de plantar, gosto mais de plantas do que de sementes porque as sementes voam com o vento;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Morangueiros e coentros;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Formigas;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para afugentar os pássaros;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Também para afugentar os pássaros, o meu avô também faz isso.

Criança nº 12:

1. Como apareceu a nossa horta? R: Para fazer comida;
2. Porque é que a fizemos? R: Para termos comida, alfaces para comer;
3. Como a fizemos? R: Pusemos sementes e plantas de alface e morangos;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Foi plantar, semear e comer as alfaces;
5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Alfaces, morangos e sementes;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Plantar;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regamos;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Caracóis e pássaros;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para os passarinhos não comerem as nossas coisas;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Foi para os passarinhos.

Criança nº 13:

1. Como apareceu a nossa horta? R: Nós todos tivemos a ideia da horta;
2. Porque é que a fizemos? R: Para deixar mais bonita, para os legumes e as frutas crescerem e nós comermos;
3. Como a fizemos? R: Pusemos plantas e sementes;
4. O que mais gostaram de fazer na horta? R: Comer as alfaces;

5. O que é que se lembram de trazer para a horta? (quais os produtos que trouxeram). R: Tomateiros;
6. Gostaram mais de semear ou de plantar? R: Semear;
7. Depois de plantarem ou semearem o que é preciso fazer na horta? R: Regar;
8. Que animais apareceram na nossa horta? R: Marias café;
9. Porque fizemos um espantalho? R: Para os passarinhos se assustarem e não comerem a nossa horta;
10. Porque pintamos cd's e os colocamos na horta? R: Para os passarinhos não comerem a nossa horta.

Anexo O- Sala do Jardim de Infância



Figura XXI- "Imagens da sala de Jardim de Infância"

Anexo P- Planificação da atividade “Árvores de Natal diferentes”

Introdução da atividade:

A atividade foi iniciada através de uma conversa com as crianças sobre ideias para decorar a nossa sala para a época natalícia, de seguida realizei uma breve explicação da atividade às crianças e elaboração da mesma. Posteriormente, distribui as crianças pelas mesas e de seguida distribui pinheirinhos em cartão previamente preparados e as diversas massinhas para que as crianças pudessem colar na disposição que quisessem, posteriormente as crianças pintaram as massinhas com tintas, no final fui com as crianças colar na sala as decorações realizadas.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social: Independência e autonomia; Consciência de si como aprendiz;</p> <p>- Área de Expressão e Comunicação:</p>	<p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.</p> <p>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</p>	<p>- Recepção (brincar livremente nas diferentes áreas da sala);</p> <p>- Acolhimento (canção do bom dia e conversa sobre o fim de semana);</p> <p>- Conversa com as crianças sobre ideias para decorar a nossa sala;</p> <p>- Explicação da atividade às crianças e elaboração da mesma (distribuir as crianças pelas mesas e de seguida distribuir pinheirinhos em cartão previamente preparados e as diversas massinhas para que as crianças possam colar na disposição que quiserem, posteriormente as crianças irão pintar as massinhas com tintas)</p> <p>- Lanche;</p> <p>- Brincadeira livre no exterior;</p> <p>- Continuação da realização da atividade;</p> <p>- Higiene:</p>	<p>- Material reciclável;</p> <p>- Massas de diversas formas;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Tintas;</p>	<p>- Registo fotográfico;</p> <p>- Resultado final da atividade;</p> <p>- Conversa com a educadora.</p>
<p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>Domínio da Educação Artística: Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.</p> <p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.</p>	<p>- Almoço;</p> <p>- Brincadeira livre;</p> <p>- Canção “pinheirinho”;</p> <p>- Leitura de um livro;</p> <p>- Lanche;</p> <p>- Atividade de prolongamento.</p>		

Figura XXII- “Planificação da Atividade- “Árvores de Natal diferentes” ”

Registo da atividade:

A atividade correu bem, acho que o grupo esteve sempre com atenção e mostraram-se muito colaborativos, mesmo sendo a minha primeira intervenção. Existiram pontos menos fortes nesta atividade, pois as massas tornaram-se de difícil colagem no cartão e acabarem por descolar, mesmo antes de passar pelo processo de pintura. Vou realçar o facto de terem sido disponibilizados dois tipos de formato de massa, de modo às crianças realizarem sequências na colagem das massas no cartão e algumas crianças conseguiram realizar sequências e outras crianças não conseguiram.

O resultado final da atividade deixou-me muito satisfeita, pois foi ao encontro do que eu tinha idealizado e as crianças demonstraram muita satisfação com o trabalho construído. A leitura do livro também correu bem, as crianças gostaram da história escolhida e no fim até quiseram ser eles a contar a mesma. Em relação à canção do pinheirinho, as crianças demonstraram cada vez mais vontade no canto da mesma.

Anexo Q- Resultado da atividade “Árvores de Natal diferentes”



Figura XXIII- “Resultado da Atividade- “Árvores de Natal diferentes” ”

Anexo R- Planificação da atividade “Caça ao tesouro”

Introdução da atividade:

Iniciei a atividade com uma explicação da mesma às crianças. A elaboração da mesma consistiu em distribuir diversos símbolos em cartão colocados no exterior previamente preparados, de seguida formei vários grupos com as crianças e distribuí uma fotografia de cada símbolo, de seguida encaminhei as crianças ao exterior e pedi às mesmas que começassem a caça ao tesouro. No final da atividade, juntei o grupo e realizei uma contagem dos símbolos que cada grupo conseguiu encontrar, aproveitando também para explorar a área da matemática.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Área de Formação Pessoal e Social: Independência e autonomia; Consciência de si como aprendiz;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação:</p> <p>-Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>-Domínio da Matemática: Números e Operações;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. - Cooperar com outros no processo de aprendizagem. - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recepção (brincar livremente nas diferentes áreas da sala); - Acolhimento (canção do bom dia e conversa em grande grupo); - Explicação da atividade às crianças e elaboração da mesma (Diversos símbolos em cartão serão colocados no exterior previamente preparados, de seguida formar vários grupos com as crianças e distribuir uma fotografia de cada símbolo, de seguida encaminhar as crianças ao exterior e pedir as mesmas que comecem a caça ao tesouro, no final da atividade, juntar o grupo e realizar uma contagem dos símbolos que cada grupo conseguiu encontrar); - Lanche; - Brincadeira livre no exterior; 	<ul style="list-style-type: none"> - Material reciclável (cartões); -Folhas; - Lápis. 	<ul style="list-style-type: none"> - Registo fotográfico; - Resultado final da atividade; - Conversa com o grupo sobre a atividade; - Preenchimento da tabela do bem-estar e envolvimento.
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuar a atividade; - Higiene; - Almoço; - Brincadeira livre; - Realização de um recado aos pais (sobre a realização de um cabaz de natal); - Canção “pinheirinho”; -Leitura de uma história; - Lanche; - Atividade de prolongamento. 		

Figura XXIV- "Planificação da Atividade- "Caça ao Tesouro" "

Registo da atividade:

A atividade não correu tão bem como eu esperava, acho que o grupo demonstrou muito interesse e mostrou-se muito colaborativo, inicialmente. Existiram pontos menos fortes como por exemplo as crianças mais novas não conseguiram acompanhar a atividade. Vou realçar o facto de ter realizado grupos com crianças mais novas e crianças mais velhas de modo a promover a união, o espírito de equipa e a entreajuda, mas esse objetivo não foi conseguido e algumas crianças mais novas acabaram por perder o interesse na atividade.

O resultado final da atividade não me deixou totalmente satisfeita, pois não foi ao encontro do que eu tinha idealizado, embora a maioria das crianças demonstraram muita satisfação na realização da atividade. A elaboração do recado não chegou a ser realizada, pois já se encontrava a ser realizado um cabaz da própria Instituição com a colaboração de toda a comunidade escolar. A leitura do livro também correu bem, as crianças gostaram da história escolhida e no fim quiseram falar sobre o livro. Em relação à canção do pinheirinho as crianças já se sentem à vontade com o canto da mesma.

Anexo S- Resultado final da atividade “Caça ao tesouro”



Figura XXV- “Resultado da Atividade- “Caça ao Tesouro” ”

Anexo T- Planificação da atividade “À Descoberta da dança”

Introdução da atividade:

Iniciei a atividade pedindo ao grupo que se sentasse nas cadeiras em frente ao projetor e de seguida projetei alguns vídeos sobre “Ginástica rítmica com fitas”, posteriormente conversei um pouco com o grupo sobre os vídeos. Depois reuni com o grupo de modo a explicar a próxima atividade. Em pequeno grupo realizei a atividade enquanto o resto do grupo brincou livremente, acompanhei o mesmo até uma das mesas de trabalho de modo a seguir todo o processo de construção das fitas de ginástica rítmica. Primeiramente distribuí as fitas para que cada criança pudesse decorar a sua fita com canetas têxteis e só depois prender a fita aos paus, previamente preparados, com a supervisão de um adulto.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> Independência e autonomia; Consciência de si como aprendente; <p>- Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.</p> <p>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</p> <p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.</p>	<p>- Receção (brincar livremente nas áreas);</p> <p>- Acolhimento (canção do bom dia, conversa sobre o fim de semana e marcar as presenças);</p> <p>- Pedir ao grupo que se sente nas cadeiras em frente ao projetor e de seguida projetar alguns vídeos sobre “Ginástica rítmica com fitas”, conversar um pouco com o grupo sobre os vídeos;</p> <p>- Lanche;</p> <p>- Brincadeira livre no exterior;</p> <p>- Reunir com o grupo de modo a explicar a próxima atividade (em pequeno grupo realizar a atividade enquanto o resto do grupo brinca livremente, acompanhar o mesmo até uma das mesas de trabalho de modo a seguir todo o processo de</p>	<p>- Computador;</p> <p>- Projetor;</p> <p>- Material reutilizado (ex.: Fitas de cetim, paus, fita cola, camarões, argolas);</p> <p>- Canetas têxteis;</p>	<p>- Registo fotográfico;</p> <p>- Interação e participação do grupo;</p> <p>- Conversa com a educadora.</p>
<p>-Área da expressão e comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Domínio da Educação Artística: Subdomínio da Dança 	<p>-Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros;</p> <p>-Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações;</p> <p>-Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa;</p> <p>-Apreciar diferentes manifestações coreográficas, usando linguagem específica e adequada</p>	<p>construção das fitas de ginástica rítmica, primeiramente distribuir as fitas para que cada criança possa decorar a sua fita com canetas têxteis e só depois prender a fita aos paus, previamente preparados, com a supervisão de um adulto);</p> <p>- Higiene;</p> <p>- Almoço;</p> <p>- Brincadeira livre;</p> <p>- Continuação da atividade;</p> <p>- Brincadeira livre nas áreas;</p> <p>- Lanche;</p> <p>- Atividade de prolongamento.</p>		

<ul style="list-style-type: none"> • Subdomínio das Artes Visuais <p>-Área do conhecimento do mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; - Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles. - Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente. 			
---	--	--	--	--

Figura XXVI- "Planificação da Atividade- "À descoberta da dança" "

Registo da atividade:

Nesta atividade, acho que ter mostrado um vídeo fez suscitar maior interesse das crianças na realização da atividade, pois a empolgação das crianças depois do visionamento do vídeo foi totalmente diferente. Outro ponto forte foi eu ter construído um modelo da fita para as crianças perceberem como seria o resultado final, deixei todas as crianças experimentarem esse exemplo e acabei por conseguir captar ainda mais a atenção e o interesse das mesmas.

Existiram pontos menos fortes como por exemplo algumas crianças não quiseram decorar a sua fita, apenas queriam construí-la. Neste dia não conseguimos concluir esta atividade, porque cada criança tem o seu ritmo de trabalho e temos de saber respeitá-lo.

Anexo U- Resultado da atividade “À descoberta da dança”



Figura XXVII- “Resultado da Atividade- “À descoberta da dança” ”

Anexo V- Planificação da atividade “Ritmicamente felizes”

Introdução da atividade:

Nesta atividade continuamos a atividade anterior de construir as fitas de ginástica rítmica e posteriormente levei o grupo até ao exterior, de seguida expliquei a atividade às crianças e distribui as fitas previamente construídas, de seguida coloquei uma música com um ritmo lento e uma música com um ritmo acelerado para que as crianças pudessem explorar as fitas consoante o ritmo das músicas. Posteriormente elaborei com as crianças uma pequena coreografia com recurso às fitas de ginástica rítmica construídas previamente e foi gravado um vídeo com a coreografia. Mais tarde reuni com as crianças em grande grupo mostrando o resultado final da coreografia construída.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> Independência e autonomia; Consciência de si como aprendiz; <p>- Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. Cooperar com outros no processo de aprendizagem. Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação. 	<ul style="list-style-type: none"> Receção (brincar livremente nas diferentes áreas); Acolhimento (canção do bom dia, marcar presenças); Continuar a construção das fitas de ginástica rítmica; Lanche; Brincadeira livre no exterior; Continuação da construção; Levar o grupo até ao exterior (caso seja possível meteorologicamente); Explicação da atividade às crianças (distribuir as fitas previamente construídas e de seguida colocar uma música com um ritmo lento e uma música com um ritmo acelerado para que as crianças possam 	<ul style="list-style-type: none"> Coluna; Pen /Telemóvel; Material reutilizado (ex.: Fitas de cetim, paus, fita cola, camarões, argolas); Canetas têxteis; 	<ul style="list-style-type: none"> Registo fotográfico; Interação e participação do grupo; Conversa com a educadora.
<ul style="list-style-type: none"> Domínio da Educação Artística: Subdomínio da Dança 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros; Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações; Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa; Apreciar diferentes manifestações coreográficas, usando linguagem específica e adequada. Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. 	<ul style="list-style-type: none"> explorar as fitas consoante o ritmo das músicas); Higiene; Almoço; Brincadeira livre; Elaboração de uma pequena coreografia com recurso às fitas de ginástica rítmica construídas previamente; Gravação de um vídeo com a coreografia; Reunião em grande grupo mostrando o resultado final da coreografia construída com as crianças; Lanche; Atividade de prolongamento. 		

<ul style="list-style-type: none"> • Subdomínio das Artes Visuais <p>-Área do conhecimento do mundo:</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender e identificar diferenças e semelhanças entre diversos materiais (metais, plásticos, papéis, madeira, etc.), relacionando as suas propriedades com os objetos feitos a partir deles. - Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente. 			
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural 				

Figura XXVIII “Planificação da Atividade- “Ritmicamente felizes” ”

Registo da atividade:

Esta atividade superou as minhas expectativas, depois de terminadas as fitas as crianças demonstraram muito interesse em experimentar as mesmas. A coreografia realizada com as crianças correu melhor do que eu tinha previsto, pois o grupo mostrou-se motivado em aprender e em realizar a atividade, pensei que algumas crianças pudessem não querer participar, pois muitas vezes não participam mas não foi o caso.

Existiram pontos menos fortes como por exemplo, ao fim de algum tempo as crianças já estavam a ficar muito cansadas e impacientes, o grupo começou a dispersar-se um pouco, então achei melhor que as crianças fossem explorar livremente as suas fitas. Vou realçar o facto de ter conseguido que as crianças mais novas “imitassem” os movimentos que eu ia realizando sem dispersar muito a sua atenção pelo que se

passava à sua volta.

O resultado final da atividade deixou-me mesmo muito satisfeita, pois superou o que eu tinha previsto e consegui manter o grupo unido e atento.

Anexo W - Resultado da atividade “Ritmicamente felizes”



Figura XXIX- “Resultado da Atividade- “Ritmicamente felizes” ”

Anexo X- Planificação da atividade “Arcos rítmicos”

Introdução ao tema:

Comecei por reunir com o grupo de modo a explicar a atividade. Em pequeno grupo de crianças a atividade foi realizada enquanto o resto do grupo brinca livremente, acompanhei o mesmo até uma das mesas de trabalho de modo a seguir todo o processo de construção dos arcos rítmicos, primeiramente distribui fios de pesca/cordel, previamente cortado em várias medidas, para que em pares as crianças pudessem decorar o seu fio com os materiais disponíveis e só depois prender as fitas, as mangas plásticas e os fios de pesca/cordéis decorados à volta do arco, previamente preparados, com a supervisão de um adulto. Posteriormente reuni o grupo de crianças na manta e de seguida mostrei às crianças o resultado do primeiro arco construído com as crianças.

Áreas de Conteúdo/Domínios	Objetivos Específicos	Estratégias/Atividade	Recursos	Avaliação
<p>- Área de Formação Pessoal e Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> Independência e autonomia; Consciência de si como aprendente; <p>- Área de Expressão e Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem. Cooperar com outros no processo de aprendizagem; Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; 	<ul style="list-style-type: none"> Receção (brincadeira livre nas áreas); Acolhimento (canção do bom dia, marcar as presenças); Reunir com o grupo de modo a explicar a atividade (em pequeno grupo realizar a atividade enquanto o resto do grupo brinca livremente, acompanhar o mesmo até uma das mesas de trabalho de modo a seguir todo o processo de construção dos arcos rítmicos primeiramente distribuir fios de pesca/cordel, previamente cortado em várias medidas, para que em pares as crianças possam decorar o seu fio com os materiais disponíveis e só depois prender as fitas, as mangas plásticas e os fios de pesca/cordéis decorados à volta do arco, previamente 	<ul style="list-style-type: none"> Material reutilizado (ex.: Fitas de cetim, arcos, fio de pesca, cordel, tampas de garrafa, missangas, pérolas, cápsulas de café, peças de colares antigos, pedaços de manga plástica, guizos, arcos); 	<ul style="list-style-type: none"> Registo fotográfico; Resultado final da atividade; Conversa com o grupo sobre a atividade (vídeo)
<ul style="list-style-type: none"> Domínio da Educação Artística: Subdomínio da Dança 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros; Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações; Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa; Apreciar diferentes manifestações coreográficas, usando 	<ul style="list-style-type: none"> Lanche; Brincadeira livre no exterior; Continuação da atividade; Higiene; Almoço; Brincadeira livre; Leitura de um livro; Reunir o grupo de crianças na manta e de seguida mostrar às crianças o resultado do primeiro arco construído com as crianças; Lanche; Atividade de prolongamento. 		

<ul style="list-style-type: none"> • Subdomínio das Artes Visuais 	<p>linguagem específica e adequada.</p> <p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.</p> <p>- Manifestar comportamentos de preocupação com a</p>			
<p>-Área do conhecimento do mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do mundo físico e natural 	<p>conservação da natureza e respeito pelo ambiente.</p>			

Figura XXX “Planificação da Atividade- “Arcos rítmicos” ”

Registo da atividade:

O resto da atividade correu muito melhor do que eu esperava, acho que o grupo ganhou uma nova motivação para terminar os arcos e uniu-se ainda mais para acabar o trabalho mais rápido para observarem o resultado final. Vou dar destaque ao facto de no fim de realizados os arcos, as crianças terem escolhido os locais onde pendurar os arcos, dando ênfase também ao facto de as crianças terem demonstrado muito orgulho no trabalho realizado, dizendo aos coleguinhas da sala ao lado que teriam sido eles a realizar aquele trabalho.

Foi ainda notório um sentimento de responsabilidade que as crianças revelaram,

ao demonstrarem aos colegas de toda a comunidade escolar que os arcos eram para preservar e não para danificar, pois foram realizados para toda a escola e tinha sido um trabalho importante. O resultado final da atividade deixou-me muito orgulhosa, porque superou as minhas expectativas, ficou melhor do que eu tinha idealizado e as crianças pareceram-me extremamente realizadas e concretizadas depois desta atividade.

Anexo Y- Resultado da atividade “Arcos Rítmicos”



Figura XXXI- "Resultado da Atividade- "Arcos Rítmicos" "

Anexo Z- Avaliação do projeto final "A importância que tenho no mundo: sensibilizar para cuidar do ambiente".

Criança 1- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Porque podemos respirar e brincar;

2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, as árvores são importantes para nós;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Podem sim, nós podemos fazer brinquedos, construções...
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, nós reutilizamos coisas que iam para o lixo;
5. 5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Então, o forte é quando batemos com força e faz uma barulho muito grande e fraco quase não fazemos força e não faz barulho quase nenhum;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Sim, mas só quando no inverno as árvores precisam para crescerem melhor;

Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, gostei muito, não quero que vão embora.

Criança 2- (3 anos):

A criança em questão não respondeu a muitas das questões, pelo facto de ser mais nova e não falar praticamente nada, não detém capacidade ainda para entender algumas coisas que lhes são transmitidas.

1. O ambiente é importante para nós porquê? R:..
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Nããão;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R:..
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: ...
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: ...
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: ...
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Siiiiim!!

Criança 3- (3 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, para fazer árvore de Natal.
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, fizemos com coisas do lixo;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Então, assim forte (bate com força

com o pé no chão), assim fraco (bate devagar com o pé no chão);

6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não.
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, gostei.

Criança 4- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim, para respirar e brincar;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, só quando elas precisam de ser cortadas como o nosso cabelo, às vezes é preciso cortar o cabelo para ele crescer melhor;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer outras coisas;
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, fizeram bem porque não foram para o lixo, assim fizemos outras coisas com eles;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, o forte é quando fazemos com muita força, e o fraco é quando fazemos com pouca;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança?; R: Não.
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, eu gostei muito.

Criança 5- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim, podemos brincar, correr, passear e as flores são boas para respirar;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, só quando elas precisam às vezes o teu pai (o pai da estagiária Raquel) faz;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer os instrumentos da música.
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, então assim aproveitamos os materiais;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, o forte é quando faz barulho com muita força, e o fraco é quando faz com pouca;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não

podemos apanhar do chão.

7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, eu gostei muito.

Criança 6- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim, podemos cavar as batatas e as couves para comer, e brincar na horta, eu brinco lá no casal com o meu avô;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Quando é para podar sim, são para depois crescer melhor. Eu podo os pessegueiros com o meu avô;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer outras coisas giras, construções;
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, nós reutilizamos os materiais que iam para o lixo;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, é como fizemos no xilofone (jogo de sinos), batemos com força é fraco, batemos devagar é fraco;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não, só quando é para podar ou podemos apanhar do chão se cair;
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, eu gostei.

Criança 7- (5 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Não sei;
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Eu acho que não;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não sei, eu quer ir brincar;
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, posso ir brincar?

Criança 8- (4 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim, podemos brincar;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, elas são nossas amigas;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer a árvore de Natal;
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, é quando batemos com força ou devagarinho;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não, apanhamos do chão;
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, eu sim.

Criança 9- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Sim, podemos brincar, passear, ir ao parque;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, eu acho que não.
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer coisas com eles;
4. Os instrumentos musicais que construímos fizeram mal ao ambiente? R: Não, as coisas iam para o lixo;
5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, é assim (bateu palmas com força) com força, e assim (bate palmas devagar) fraquinho;
6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não, eu acho que podemos apanhar no chão;
7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, ainda vamos fazer mais coisas;

Criança 10- (6 anos):

1. O ambiente é importante para nós porquê? R: Porque podemos fazer uma horta e comer, podemos passear, podemos brincar, ir ao parque...;
2. Achas que podemos cortar as árvores? R: Não, as árvores são nossas amigas

- e acho que são elas que podemos respirar;
3. Os materiais que vão para o lixo podem ser usados para outras coisas? R: Sim, podemos fazer coisas diferentes;
 4. Os instrumentos musicais que construimos fizeram mal ao ambiente? R: Não, nós usamos materiais que iam para o lixo porque já não eram mais precisos;
 5. Sabes o que é o som forte e o som fraco? R: Sim, é quando batemos com muita força e faz muito som ou batemos com pouca e faz som pequeno;
 6. Devemos cortar os ramos das árvores para fazer as fitas da dança? R: Não, só quando é altura de podar;
 7. Gostaste das atividades que a Raquel e a Inês fizeram com vocês? R: Sim, eu gostei, quero fazer mais coisas.

Anexo AA- Guião de entrevista

Bloco	Objetivos	Questões	Observações
I - Apresentação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	Saudar o entrevistado;	Ao longo da entrevista, garantir ao entrevistado que não há perguntas certas nem erradas. Assegurar que estou interessada em ouvir

		<p>Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema; Obter o consentimento informado.</p> <p>Agradecer a colaboração e disponibilidade.</p>	quais são as suas percepções.
<p>Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre as suas habilitações literárias e a sua situação atual a nível de emprego.</p>			
<p>II – Formação do/a entrevistado/a</p>	<p>Conhecer as habilitações literárias e a sua situação atual a nível de emprego do/a entrevistado/a</p>	<p>Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar? Que grau de ensino completou?</p> <p>Globalmente, tem boas memórias da escola?</p> <p>Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?</p> <p>Atualmente, exerce alguma profissão ? Se sim, qual?</p>	
<p>Depois de saber mais um pouco sobre si , gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.</p>			
<p>III - Identificação</p>	<p>Identificar o número de educandos do entrevistado, o nível de</p>	<p>Quantos filhos têm? Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?</p> <p>Os seus educandos iniciaram o percurso</p>	

	<p>escolaridade que frequentam, quando iniciaram o percurso escolar e compreender a adaptação ao mesmo.</p>	<p>escolar em que ano? E porquê?</p> <p>Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?</p> <p>Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola? Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?</p> <p>Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?</p> <p>Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?</p>	
<p>Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola.</p>			
<p>IV – Experiências Sociais Vivenciadas</p>	<p>Identificar as representações do entrevistado em relação a transmissão de informações relacionadas ao seu educando.</p>	<p>Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos? Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.</p> <p>Como é que o educador/a lhe transmite recados? Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou</p>	

		<p>pontual? Pode dar alguns exemplos?</p> <p>Devia/podia ser diferente, na sua perspectiva? Se sim, como?</p> <p>Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?</p> <p>Conhece o projeto de sala? Se sim, como? Fale-me um pouco sobre a sua experiência</p>	
	<p>Identificar e conhecer as experiências vividas pelo</p>	<p>Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento?</p> <p>Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?</p> <p>Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho tenha desenvolvido para estabelecer uma relação com as famílias ?</p> <p>Há muitas educadoras que costumam mandar umas tarefas para casa, é o seu caso? Qual é a</p>	

	<p>participante no que diz respeito à relação família-escola</p>	<p>regularidade? Demasiada ou insuficiente? O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes /válidas ou não? Porquê?</p> <p>No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso? O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?</p> <p>No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?</p> <p>Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?</p>	
--	--	--	--

		<p>No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais? (tempo, conhecimento, disponibilidade, vontade....)</p> <p>Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não?</p> <p>Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?</p> <p>Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?</p> <p>E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?</p>	
V - Despedida		Agradecer a participação do entrevistado.	

Anexo AB- Consentimento informado

“A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA E QUAIS AS SUAS IMPLICAÇÕES”

Sou aluna da Escola Superior de Educação de Santarém, a frequentar nomeadamente o Mestrado em Educação Pré-escola e estou a realizar esta investigação apenas para o âmbito

académico de modo a obter o grau de mestre. Esta investigação será totalmente anónima e só a investigadora terá acesso aos dados recolhidos, que serão apenas para ser utilizados em âmbito escolar.

Descrição do estudo: Este estudo é sem financiamento e tem como objetivos: Compreender o envolvimento familiar nas práticas de educação de infância; Saber distinguir as pedagogias diferenciadas a utilizar para as práticas sociofamiliares; Compreender qual o papel do educador na ligação com a família e perceber que estratégias promover para obter uma boa relação de envolvimento entre a instituição e a família; Compreender qual a importância do envolvimento familiar nas salas de creche e jardim de infância para obter uma boa aprendizagem na educação de infância.

Metodologia do estudo: Em função da problemática em estudo, e tendo em consideração que se pretende conhecer a importância do envolvimento das famílias na prática da educação de infância e quais as suas implicações, irei optar por uma abordagem qualitativa, recorrendo a entrevistas semi-diretivas. No que respeita a critérios de inclusão para participação no estudo, serão participantes os encarregados de educação com crianças das valências de creche e pré-escolar, com as quais contactarei.

A entrevista individual com os participantes dura uma hora. É conduzida por um investigador nas instalações a combinar com os participantes, em local resguardado, de forma a garantir a confidencialidade dos dados. Só a equipa de investigação tem acesso à informação recolhida e em nenhum momento a identidade dos participantes será revelada.

A participação é voluntária, e a qualquer momento os participantes podem desistir da entrevista ou pedir para retirar a sua informação do estudo.

A recolha dos dados será efetuada num único momento, através da resposta a um guião de entrevista, cujas respostas serão individuais e totalmente anónimas, sem solicitar dados pessoais que o possam tornar identificável.

Irei ler atentamente o consentimento informado apresentado a seguir.

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

De acordo com o regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu do Conselho Europeu de 27 de abril de 2016, e as suas especificidades nacionais – Lei nº 58/2019 de 8 de agosto e Lei nº 59/2019 de 8 de agosto.

1. Confirmo que li a folha informativa e que compreendo em pleno o que é esperado neste estudo.
2. Confirmo que tive a oportunidade de colocar questões e de obter resposta sobre o estudo.
3. Tomei conhecimento que não sou obrigado a participar neste projeto e posso desistir a qualquer momento.
4. Tomei conhecimento que a entrevista individual inclui gravação áudio cuja transcrição será anónima.
5. Tomei conhecimento que as gravações áudio efetuadas durante a entrevista serão arquivadas de forma segura pelos coordenadores do projeto e em separado deste consentimento informado.
6. Tomei conhecimento que as informações recolhidas durante a entrevista serão anonimizadas e que nenhum elemento relativo à minha identidade será tornado público.
7. Dou o meu consentimento para que as informações anonimizadas recolhidas durante a entrevista de grupo possam ser usadas em relatórios do estudo, conferências e publicações no âmbito académico.

PARTE FINAL EM CASO DE CONSENTIMENTO ORAL

Se concorda com todos os pontos acima elencados, por favor diga que concorda. Irá ser presumido que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo a sua participação no mesmo.

Anexo AC- Transcrição da entrevista A

Entrevista A

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Entrei para a escola primária com 6 anos, fiz o primeiro e segundo, no segundo ano chumbei. Entretanto mudei de escola e consegui passar até ao quarto, fiz o quinto, sexto, sétimo e oitavo ciclo, depois entretanto passei para o liceu. No nono ano chumbei, no nono depois entrei num curso profissional onde fiz, neste caso o sétimo, oitavo e nono ano e fiquei com o nono ano feito e estive a estagiar numa loja de desporto. Entretanto fui para um curso profissional onde fiz o décimo, décimo primeiro e décimo segundo em eventos e estive a estagiar na Quinta X.

Gostei de andar na escola, apesar de por vezes os meus colegas não eram muito bons, gozavam muito, mas pronto eram coisas de crianças... Mas pronto, depois passou...

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Completei o 12^o ano, num curso profissional.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Tenho, relativamente aos meus colegas, aos intervalos, às brincadeiras que tínhamos nas aulas, sim tenho.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?

(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Cheguei a frequentar sim o pré-escolar. Eu já não me lembro do nome das educadoras, mas lembro-me que brincava, que fazia visitas de estudo, que ia para o recreio onde tinha o escorrega e os baloiços.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou assistente operacional, no Hospital X, no serviço de urgência.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Tenho um filho.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, desde o berçário. Encontra-se na pré, na sala dos 5 anos.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Em 2017. Porque eu na altura já trabalhava e não tinha onde a deixar e tive de a pôr na escola.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Apesar de ser por necessidade, acho que também a nível dela, da minha filha lhe fez bem na parte do desenvolvimento com outras crianças, ajuda bastante.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Ela foi para a escola com seis meses, portanto sempre esteve habituada à escola. Sim, adaptou-se muito facilmente, apesar de ela ser muito dada às pessoas e dar-se muito bem, não é uma criança difícil por assim dizer, portanto adaptou-se super bem.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Ao início foi complicado porque ela era muito pequenina e de ter que dividir o trabalho, ir levá-la à escola, ir buscá-la, a rotina, foi um bocado complicado no início mas depois adaptamo-nos, moldamo-nos também e acabou por se tornar mais fácil.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: É assim, foi sempre a mesma educadora, ela desde a sala do berçário até à sala dos 5 anos, tem sido a mesma educadora. Portanto, ela está há 5 anos com a mesma pessoa.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: É assim, nós tivemos as nossas desavenças, é verdade, mas conseguimos sempre resolver e pronto... e falar e eu expor-lhe o que eu mais tinha de medos e de receios, mas até correu bem.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, isso foi logo ponto assente que no início na primeira reunião que a educadora, por acaso deu logo o plano. E nós sabemos que eles chegam à escola e vão para o refeitório, às 9 horas vão para a sala, entretanto têm o momento de higiene que é de lavar as mãos e fazer xixi, depois ir para a sala ler a história, neste momento como já está na sala dos cinco anos já começam a fazer a preparação para a escola, depois entretanto sei que por volta do meio-dia e meia vão almoçar, depois vem lavam as mão, fazem xixi outra vez, depois vão brincar. Nesta altura já não dormem a sesta, depois brincam, contam histórias, entretanto depois lancham às três e meia e depois a partir das cinco os pais vão começando a ir buscar.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Através dela, ela com cinco anos já vem para casa e já mostra... e já tenta imitar o que acontece durante o dia. Seja a fazer o abecedário, seja a falar das tradições e dos costumes que é o que ela tem andado a aprender.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Pela plataforma da escola ou então pessoalmente, normalmente quando a vou buscar à escola. As reuniões normalmente é para falarmos sobre o desenvolvimento da criança naquele espaço de tempo e também nunca transmitiu os recados através da minha filha, é sempre comigo.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Normalmente com uma semana de antecedência, como eles sabem que eu trabalho por turnos tem mesmo que ser com uma semana de antecedência porque se não, não consigo.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Eu acho que está bem, ela fala comigo pessoalmente e para reforçar para que eu não me esqueça, que eu sou muito esquecida, manda pela plataforma da escola.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Não, não sei. Sei que pronto, andam a aprender porque a X quando vem para casa diz e fala sobre o dia dela. Agora ter conhecimento do que eles fazem por parte da educadora, não. Gostava de saber mais sim, não digo tudo, tudo, mas se calhar algumas matérias mais importantes ou se já sabe fazer o abecedário, se tem dificuldades para que se realmente tiver dificuldades para que nós pais consigamos ajudar antes de irem para o primeiro ano.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Como assim o projeto de sala?

(Breve explicação do entrevistador sobre em que consiste um projeto de sala).

Ah não, não. Nunca até agora soube o que isso era.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Não, sinto igual. Estou à vontade para falar de tudo.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Quando vou levar a X à escola falo diretamente com ela.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Não sei.. O ano passado.. não.. antes do covid, lembro-me que o meu marido ainda participou num espetáculo de Natal juntamente com a sala e sei que quando começaram a levantar mais as restrições, no Dia do Pai ele foi à escola e fizeram jogos, como foi com o Dia da Mãe também, que eu me lembro de nós termos ido à escola para participar em atividades com ela, foi só nestes dias.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: É muito raro. Tudo o que têm mandado praticamente ou é para fazerem desenhos ou é para decorar, nada assim muito difícil, por assim dizer.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: É insuficiente. É muito pouco.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: É assim, não digo mandar constantemente trabalhos para ser feitos em casa, mas se calhar se mandasse com mais regularidade, não tão próximos, mais vezes para casa para também desenvolvermos a parte da família, de estarmos todos juntos e de ajudarmos ela e de tanto eu como o meu marido conseguirmos fazer parte, acho que seria mais benéfico para nós todos.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Nós damos importância, normalmente deixamos sempre para ser feito ao fim de semana que é quando ambos temos mais tempo e conseguimos estar mais... tirando que durante a semana temos aquela rotina, trabalho, escola, escola trabalho, deitar, fazer jantar, dar banho é mais complicado durante a semana e então guardamos sempre para o fim de semana nomeadamente no fim de almoço ou no sábado à tarde ou no domingo à tarde onde nós nos juntamos todos na cozinha e vamos procurando ideias e vamos fazer... e tentamos desenvolver, mas pronto estamos ali se for preciso uma tarde inteira. Sobre as outras famílias não sei, não tenho conhecimento.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim sinto, apesar de ela parece que é a professora e eu e o pai somos os alunos, portanto acredito que ela adora este tipo de trabalhos e este tipo de situações.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Ah sim isso sim, ela quando andava na sala de um ano ou dois, obviamente que não tinha o mesmo interesse que tem hoje que anda na sala dos cinco anos.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Não sei se calhar mandarem o... normalmente quando nos dizem o que querem é de boca, ela dizem ah oh pais olhem até dia x tragam este postal ou este desenho ou assim de boca, não mandam uma ficha escrita com os parâmetros por onde é que a gente deve... mostrar exemplos, acho que.. Penso que sim, que estes trabalhos deviam ser substituídos por outras coisas... por exemplo o que eles andam a dar na escola, imaginemos eles andam a dar a cultura, pedir que nós através desse tema que conseguíssemos escolher uma cidade aonde nós fossemos pesquisar a história e dessa história conseguíssemos desenvolver um trabalho com ela seja o que for...

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Muito poucas, tirando o Dia da Mãe ou o Dia do Pai, ou as festas de final de ano ou de Natal... muito poucas.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Ah acho que sim, acho que sim, pelo menos até agora sim.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Não, acho que não. Lá nisso eles são muito, a nível de escola são muito acessíveis.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Não acho que não, pelo menos... Lá nisto a educadora da X é transparente, por assim dizer...não há o filho do pai rico, não há o filho do pai pobre... não, não há esse tipo de discriminação.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não, nunca.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Se calhar desenvolverem mais atividades onde os pais possam estar mais presentes, por exemplo ir almoçar com eles um dia, algum tipo de atividade que façam ao ar livre que nós pais pudéssemos ter acesso também e participar com eles, acho que era mais benéfico tanto para eles como para nós.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Promover atividades, convidarem os pais a participar.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AD- Transcrição da entrevista B

Entrevista B

I - Apresentação:

-Saudar o entrevistado;

- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Fiz a escola toda obrigatória... ou seja acabei tudo.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Completei o 12º ano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Primária e liceu só, o ciclo não me recordo. Positivamente marcaram-me as amizades e o aprender.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não, o pré-escolar não, só a primária. A minha mãe deu aulas e nós ficamos sempre em casa.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sou esteticista e cosmetologista, tirei profissional.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Tenho 3 filhos.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, a mais velha está no liceu 11^o ano e tenho os gémeos X e Y, que estão no pré-escolar na sala dos 5 anos.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Aos 2 anos, em 2020. Não foram mais cedo porque não tiveram vaga, mas é bom, concordo que haja... que eles tenham um sítio para aprender regra, saber estar e aprender antes da escola para nós também podermos trabalhar.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim é importante, acho importante sim. Acabou também por ser um bocadinho por necessidade por causa do trabalho, embora tenha tido a minha mãe para ficar com eles, mas sim achamos que era importante.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Não foi fácil, como só foram aos 2 anos, não foi fácil, estavam muito agarrados a mim e à avó. Mas pronto eu sou daquelas mães que tem de ser, tem de ser... custa muito, mas sei virar as costas porque sei que eles vão ficar bem, mas pronto...

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Tenho... quando soube quem era a educadora dos gémeos, mas porque tinha uma ideia diferente lá está... mas quem vê caras não vê corações que é mesmo assim, mas depois achei que foi a melhor educadora que podia ter calhado aos meus gémeos. Não senti que o processo de adaptação fosse tão difícil como o da minha filha mais velha, mas foi ali um primeiro mês para a Y mais complicado.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Ao princípio não percebi ali muito bem como é que ela lidava, mas depois estávamos ali a conhecer uma à outra e como eu fui um bocadinho de pé atrás... eu sou muito observadora e deixei-me estar até que gradualmente fomos ganhando confiança uma com a outra porque eu acho que um pré-escolar ou uma creche tem que haver muito... é assim uma coisa são eles em casa, outra coisa são eles na escola, certo? E eles em casa são uma coisa, na escola são outra e então quando há ali algum problema sempre falamos as duas para... estamos na mesma equipa e então como é que havia de agir em casa para eles terem um melhor comportamento na sala e funcionamos muito em equipa e quando há alguma coisa falamos sempre... tenho o número dela o que acho que é fantástico.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não, eu acho que agora tudo faz sentido também conhecer eu acho que não é fácil. Os pais hoje em dia não são fáceis e acho que as educadoras e os professores têm que ter outra abordagem para saber com quem é que estão a lidar... se o pai é complicado ou não, acho que foi ali o caso da educadora. Ver o que é que podia... o que é que poderia ser a minha personalidade.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Eu pergunto muito, eu todos os dias pergunto como é que foi, como é que estão e também sempre que há alguma coisa a nível de desenvolvimento que pareça estranho à educadora, ela fala logo comigo como foi agora o caso do X por causa da visão, provavelmente vai precisar de óculos. Estamos sempre assim em sintonia.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Quando vou buscar... epá isto agora foi uns tempos um bocado difíceis com o COVID. Mas antes era muito por email na altura do COVID e agora temos plataforma, mas é tudo muito verbal e com papéis e isso...

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, sempre de forma regular.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Não, acho que está ótimo, desde que não fixem papéis que eu não leio nada...

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Sim, sempre.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Sim é logo dado no início, durante o percurso deles sempre tive conhecimento do projeto de sala todos os anos.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sinto-me muito à vontade...não sinto nenhum distanciamento.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Pergunto e marco hora.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Muitas atividades, muitos trabalhos também para envolver a família.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Manda, sim manda algumas. Sou um bocado suspeita, porque eu gosto de trabalhos manuais.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Acho que está no tempo certo, nem é muito, nem é pouco. É mais nas épocas mais festivas e assim.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Sim acho que são, para nós podermos trabalhar com os nossos filhos e saber o que eles fazem... eles sentem-se bem.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Normalmente eu tenho a ideia, eles também dão a ideia e depois fazemos em conjunto. Tentamos sempre juntar-nos todos e damos importância a estes trabalhos. Não nem todas as famílias levam a sério, há pais que não têm paciência... eu já reparei.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim. Para o meu X principalmente tem a cabeça no ar, assim tem que participar.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Variou, muito mais empenhados agora, antes não ligavam muito. O recorte por exemplo, o X era muita tontito a cortar, não percebia nada daquilo... agora já fazem recortes, a Y é muito precisa nas coisas, nas cores... pinta muito bem para a idade que tem, não passa de um risco. O X está a aprender a ser um bocadinho mais organizado, mas pronto... a Y sempre foi mais para artes do que o irmão... o irmão precisou de mais tempo para se adaptar ali.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Acho que assim está bom, porque se fosse de outra maneira se calhar para nos envolvermos teria que ser no colégio... mas mandando para casa acho que se calhar coisas com filmagens, coisas de telemóveis e com mais tecnologia, que eles gostam muito... fazer vídeos sobre temas que estejam a dar na escola.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Ah, muitas vezes... Dia da Mãe, participarmos nas atividades com eles. No dia do pijama, nós também podemos ir de pijama, que eu nunca fui de pijama, mas pronto... Sem ser nestas alturas assim, acho que não fui mais vez nenhuma, mas penso que atualmente isto do covid não foi fácil.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Da minha parte sim, eu não me posso queixar.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Não, sinto que não.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: É assim eu ali não noto, com algumas educadoras... com outras talvez.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Eu não sei... eu nunca me senti discriminada. Mas eu sei que há casos que os pais não lidam bem, nem as educadoras lidam bem com certos pais mas isso também vai da personalidade das pessoas... eu sou uma pessoa que sei ouvir, antes de dizer alguma coisa, tentar sempre ouvir a outra parte. É a falar que a gente resolve as coisas, mas nunca senti nada...

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Acho que está ótimo, sinto-me envolvida. Mesmo quando vou ao colégio, há aquelas regras que não podemos entrar até umas certas horas... eu sou sempre bem-vinda à sala, por exemplo se eu quiser entrar na sala. Mas não, acho que... nós falamos

muito de manhã está sempre ali um bocadinho de galhofa, eu também sou bem disposta e isso... que eu já ouvi dizer da boca de certas educadoras e auxiliares que um dia que os meus filhos saiam dali tem pena de perder uma mãe boa, que... deixa-me feliz porque sou sem stress...

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Talvez voltar a fazer umas hortazinhas, a ter assim outras atividades que os pais pudessem estar mais presentes. Falarem com os pais e eles marcarem consoante a disponibilidade para ir participando e passando na escola... fazer esse processo com os filhos é importante. Os pais irem à sala falar das suas profissões, era giro e também importante... são alguns exemplos de que me lembro.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AE- Transcrição da entrevista C

Entrevista C

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Fiz até ao 12º ano, no curso técnico de vendas, de resto acho que correu tudo bem a nível escolar, aprendi bastantes coisas.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Sim, 12º ano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Não, não são muito boas... sofri de algum bullying na escola, foi algo que marcou as minhas memórias da escola.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?

(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Sim, da educadora não me lembro... do dia a dia era sempre a brincar e fiquei com boas memórias dessa fase da escola.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou auxiliar de serviços gerais.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Um.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, frequenta a creche no último ano, na sala dos 5 anos.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Entrou aos três anos e porque é obrigatório começar a frequentar a creche... aos três.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Para mim era importante que ela frequentasse para se habituar à escola e aos colegas, mas só começou mesmo na escola aos três anos por ser obrigatório, antes disso preferi que estivesse em casa comigo.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Difícil. O que dificultou foi porque ela era bastante agarrada a mim.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Foi um bocado complicado também, porque estava habituada a tê-la comigo em casa...

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Ela teve sempre a mesma educadora desde os três anos... Não senti que o papel dela tenha sido importante porque não se preocupou muito a X também sofreu um bocadinho de bullying na escola e não foi muito fácil conseguir falar com a professora dela.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Sim, podia ter sido diferente. Se as educadoras ligassem um bocadinho mais às crianças, acho que podia ter sido diferente e não acharem que bullying é ... pronto não é nada, na realidade para elas não é nada...

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Não, não conheço... nunca tive esse conhecimento.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Vou-lhe perguntando durante o dia a dia, o que é que ela faz. Sempre conversando com a minha filha... a educadora não diz nada, nunca.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Ela não costuma transmitir recados, ela manda tudo por email ao final de cada semestre. Só é transmitido alguma coisa se forem a alguma visita de estudo ou assim, mas com papéis nunca pessoalmente...

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Não, não sinto. Vinham fora do tempo, normalmente... recebo sempre os recados com pouco tempo ou nenhum para os realizar...

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Devia ter sido diferente sim, eu acho que devia de haver mais conversa e se acontecesse alguma coisa dizerem não é...com antecedência... Secalhar escrever recados semanalmente a explicar também como é que foi o dia... essas coisas... ou se se passou alguma coisa de grave na escola para também ficarmos a saber.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Não... e também não sei porque são feitas porque nem tenho conhecimento de quais são... Claro que sim, é bom para a gente saber também o que eles fazem em sala porque nem sempre eles nos dizem não é? Através do caderninho, escreverem as atividades que fizerem... tirarem algumas fotografias não é... já que a gente tem que autorizar e dizerem o que é que fizeram a nível de sala.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Não, nunca me foi dado a conhecer até hoje e nem sei o que é... não faço a mínima ideia...

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sinto que existe algum distanciamento. Quando eu tive duas reuniões com a professora a dizer que pronto que a X sofria de bullying na escola e ela não ligou nenhuma aquilo que eu disse, porque diz que é natural os miúdos serem assim...

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Marco uma reunião.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Nenhuma...

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Não, nenhum até hoje..

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: É mais do que insuficiente, porque é nenhuma.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Eu acho que era importante este tipo de trabalhos, porque assim também os podíamos ajudar a fazer os trabalhos... estávamos mais em família a fazer trabalhos com eles para a escola...

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Não é hábito, logo não posso responder...

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Nas tarefas que fazemos nós em casa com ela, para a ajudar e para ela aprender sinto que se costuma envolver e acho que é importante para ela...

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Até agora notei que foi sempre igual o interesse dela, embora sejamos nós a ter a iniciativa de fazer com ela, porque a professora não manda nada para fazermos com ela, sempre teve o mesmo interesse em participar...

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Não, eu acho que não, até acho que esses sejam indicados para fazer em conjunto... Mas sim acho que também ir à sala falar de algum tema, ler histórias com eles... não sei, acho que era bom participarmos mais como pais.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Só numa festa que fizeram... a festa dos chapéus, foi um tema que eles fizeram e foi a única vez que me foi pedido para participar lá na escola... de resto nunca mais...

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Não, visto que foi só uma vez até, sinto que não fui ouvida, muito menos dar a minha opinião sobre nada...

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Sim, eu acho que sim... é o conhecimento que eu não tenho sobre a escola...sobre as tarefas não é... e a falta de vontade da educadora também. Sempre

tive disponibilidade para estar presente na escola, embora não aconteça até aos dias de hoje...

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Sim, isso sim... sinto que sim, não são iguais para todos.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Sim. Sobre o bullying novamente, continuamos sempre a bater na mesma tecla, pronto...

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Fazerem mais projetos escolares com a família, eu acho que isso era ótimo.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Eu acho que sim, algumas atividades que pudessem fazer com a família, pronto... ou alguns desfiles ou uma canção... uma coisa em que a gente pudesse participar, por exemplo... eu acho que isso era ótimo.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AF- Transcrição da entrevista D

Entrevista D

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Foi pacífico, fiz o 12º ano... e depois tirei curso profissional de massagista, terapeuta.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: 12º ano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Primária e liceu, não gostei do ciclo. Mas no geral são boas memórias.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?

(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não, nunca.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Trabalho num SPA, sou terapeuta/massagista.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Duas, filhas.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Uma está no liceu e uma é finalista... tá no pré-escolar na sala dos 5 anos.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Com 2 anos. Porque eu acho que faz falta... sim hoje em dia sim.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim. Na altura até tinha a minha sogra para ficar com ela mas eu acho que... eu prefiro, que ela fosse para a pré-escola.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Não foi fácil. Ela ser muito agarrada à família, mais por aí, porque a educadora era assim muito o meu estilo, portanto também não mudava ali muito... assim muito mimocas e brincalhona e... mas pronto ela dizia assim “tu sabes tudo mãe, porque é que eu tenho que ir para a escola?” ... era, ela gosta de tar em casa.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Há frente sou sempre a forte, depois quando viro as costas vem sempre uma lágrima ao canto do olho. Não, o facto de ela tar agarrada a mim e ter de dizer “tem que ser, tem que ser” e viro as costas e quando a educadora diz “é agora” eu... pronto tem mesmo que ser, porque quanto mais se tá ali a mimar... não é que eles não precisem de mimo nessa altura mas tem que ser tem que ser e acho que quanto mais se prolonga ali aquele sofrimento, mais ansiosos ficam, mais nervosos ficam e então eu prefiro assim.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Foi sempre a mesma educadora e aliás, gostei muito porque funcionamos muito em equipa, porque a X teve... não sei se foi de entrar para a escola, teve ali umas... uns transtornos obsessivos, não sei se foi a maneira de ela lidar com a ida para a escola. Por exemplo, na hora da sesta o laço tinha que ficar ao pé dela ou a bandolete, a roupa que ela despia em casa não podia ficar do avesso, tinha que ser tudo... tinha que ir para a roupa suja tudo dobrado e eu e a educadora falamos muito nesse sentido e tentamos as duas e conseguimos durante um ano tirar-lhe ali aquelas manias, portanto houve muito... falávamos muito e continuamos.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não, não... foi ótimo, foi mesmo excelente.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, sempre tive conhecimento.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Para já sou muito curiosa e pergunto sempre como é que corre quando vou buscar à sala, se não tiver a educadora está a auxiliar e eu pergunto e também conversando com a minha filha em casa.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Verbal, mas depois tem que se assinar. Agora também temos uma aplicação... uma plataforma.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, sempre de maneira regular, eu é que sou um bocado despistadinha... prefiro que me deem as coisas verbais ou para assinar logo, afixar papéis e trazer papéis para casa é para esquecer, ou não leio ou perco tudo.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Não.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Sim. Sim sei porque são feitas, lá está eu também pergunto muito eu também tenho pais que às vezes falam “há não me disseram isto, não me disseram aquilo”, secalhar também não perguntam... há informações... eu como sou curiosa e gosto de saber o que é que eles fazem e como é que está a evolução, eu também agora, devido ao covid não mas eu sempre fui uma mãe de dois em dois meses marcar reunião

para saber a evolução... como a minha mais velha por exemplo teve dislexia e foi da parte da educadora... ela também fez no público a pré-escola, foi diferente. Mas a parte da educadora e da professora de primeiro ciclo, se não fosse eu a ser curiosa, nunca tinham dito que a minha filha era disléxica, tinham deixado passar... é por isso que eu gosto de saber, gosto de perguntar. E acho que devia ser tudo assim, pronto acho que minimizava muita coisa em vez de criticarem.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Sim, na reunião do início do ano. Todos os anos tive esse conhecimento e sei sempre o que vai sendo feito ao longo do ano.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim, não há qualquer distanciamento. Nessa parte do transtorno obsessivo que ela tinha... ela ajudou-me muito.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Isto agora também é muita modernice, mando uma mensagem para o messenger para saber quando é que posso ir ou então quando lá vou pergunto, quando é que se pode falar.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Naqueles dias específicos, no Dia da Mãe e isso, mas isto também agora foi tudo tão diferente, estes últimos anos.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Sim. Houve um em particular, mas foi para rir, não era para nós fazermos... por exemplo no Natal, tínhamos que tirar uma bola ou um enfeite qualquer da árvore de

Natal para enfeitarem a deles no colégio e a minha não quis porque ela é muito garganeira, é muito egoísta e ela não quis levar nenhuma bola, da árvore de Natal. Mas de resto eu gosto de fazer.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Não é... não chateiam muito. É normal, tá bom assim...

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Eu acho que são válidas, nós é que somos muito estressados hoje em dia e o tempo parece que é sempre curto para os filhos. Mesmo para unir pai e filho... os pais e os filhos, para unir e para perceber como é que eles trabalham, o que é que fazem em sala... eu acho que é importante.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: O pai dispensa, diz que está muito bonito... mas normalmente sou sempre eu a fazer. Faço sempre questão sim. Nem todos, mas há pais muito preocupados e há outros que se comprar feito tá ótimo, mas acho que é como em todo o lado.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Ah sim, ela é uma chiqueza. Sim, ela adora, adora...

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Ela sempre gostou muito, acho que foi regular ao longo dos anos.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Ir à sala falar de algum assunto, eles gostam de ver lá os pais.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Nessa de ir à sala, falar sobre a profissão e houve uma observação de uma miúda assim “a minha mãe já prometeu que vinha e nunca vem” e a minha disse “a minha promete e faz” e eu fiquei tão orgulhosa ao mesmo tempo... gostei, pronto. Sim nas festas do Natal, no dia da mãe e coisas assim também tive presente.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, sim, acho que sim. Sim, pelo menos ouvem-me.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Epá eu sou uma pessoa... simplifico, por isso não há nada que interfira.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Eu penso que sim. No aspeto da informação acho tudo igual, a educadora com quem lido nunca vi nada disso, mas penso que aconteça.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Está bom, está ótimo... da minha parte como sou interessada.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Em vez de haver as reuniões por períodos vá lá, devia de haver uma informação mensal sobre a evolução dos filhos ou alguma coisa que possa a ser vir tratada... acho que devia haver informação mais regular, eu sou eu que pergunto... mas acho que devia de haver todos os meses, ou de dois em dois meses ali uma informação para os pais, “ela tá assim... tá melhor aqui, vamos trabalhar em conjunto para ela melhorar a parte manual de recorte ou qualquer coisa”. Não, eu como o colégio da minha filha funciona eu acho que está ótimo e hoje em dia... antigamente também tava mais em casa poderia participar mais, hoje em dia o pai e a mãe trabalha certo? E a gente sabe que a vida é uma azáfama e há pessoas que é turnos... é complicado, estes miminhos assim das coisas do natal, do dia da mãe, já é ótimo a gente participar, acho que mais vai criar ansiedade às crianças de a gente lá ir e depois o pai não pode e porque o dele vem e o meu não vem... e assim acho que estas coisas a gente é obrigado a tirar para ali e agora também não é fácil arranjar tempo e o tempo que a gente tem que arranjar para saber o que é que se passa é estas tais informações que deviam ser mais frequentes e o cada vez que se vai perguntar e a educadora falar. Agora as atividades também não é isso que vai juntar um filho a um pai, mas sim a informação diária.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AG- Transcrição da entrevista E

Entrevista E

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Fiz o 12º ano em Humanidades... o meu percurso escolar foi bom.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: 12º ano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Fiz amigos para a vida... alguns.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não, nunca frequentei.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Operadora de caixa.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Um.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, no pré-escolar, numa sala mista.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Em 2019, tinha 4 meses. Foi por necessidade de trabalhar.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: O pré-escolar acho que é importante.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Muito boa. O carinho e o miminho facilitaram bastante a adaptação.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Eu senti-me muito mal. Ela ignorar-me, chegou a entrar dentro da escola sem se despedir de mim... eu sofri mais que ela.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: A atual? Da pré? Ela já esteve num infantário privado, no berçário. Essa educadora era razoável, a que tem atualmente é muito boa.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Acho que a primeira educadora podia ter sido diferente... muito diferente, acho que devia dar mais importância ao que as crianças dizem... valorizar o que elas se queixam. A que tem atualmente acho que está ótima assim.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Normalmente à sexta-feira ou durante o fim-de-semana a educadora e a animadora enviam um email com tudo o que realizaram durante a semana.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Pessoalmente ou por email.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, regularmente sim.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Não.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Praticamente todas, acho que sim. Sim, sei.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Conheço. A educadora fez tipo um site onde pôs tudo o que pretendia realizar durante o ano letivo e vai pondo fotos e vai escrevendo o que é que fazem e porquê.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim. Não existe qualquer distância.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Mando um email ou marco uma hora para falar com ela.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Podemos lá ir almoçar com eles... temos um dia que podemos ir visitar, não podemos é ir todos os meses para dar para os pais todos irem.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Sim. Sim, quando começou o outono tivemos que apanhar pauzinhos, folhas, bolotas e levar para a escola, depois eles fizeram o trabalho e mandaram-nos foto de como tinha ficado. E no Natal pediram para realizarmos um presépio, gostei muito de fazer estas atividades com ela.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Acho que até podiam mandar mais.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Acho que são. Dão-nos mais tempo de qualidade.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Sim, sempre juntas. Acho que as outras famílias não levam muito a sério estas tarefas.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim, muito.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Agora é mais participativa, ela agora já quer ajudar, já quer ser ela a fazer.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Visitas a monumentos, a sítios... sei lá jardim zoológico, oceanário... irmos se calhar primeiro com eles antes deles fazerem todos... irmos com eles para iniciar algum tema, falarmos com eles sobre o tema, irmos pesquisar primeiro com eles...

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Até agora todas. Nas reuniões, apresentação, ir almoçar... só ainda não apanhei as festividades.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, eu penso que sim.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Não, nenhuma. Mesmo a educadora tem um dia para atender, mas quando necessário ela atende a outros dias e outras horas, basta a gente combinar.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Não, penso que não.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Atualmente não. Por exemplo na escola antiga, em que ela tem pele atópica com tendência a eczema e ela era um pouco deixada de parte e acho que também por parte da educadora e da auxiliar, não foi feito nada para incluir.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Por exemplo, fazermos atividades na escola com eles.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Sei lá... por exemplo quando muda a estação ou o Dia dos Namorados ou o dia do obrigado, se calhar em certos dias era bom haver atividades com os pais.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AH- Transcrição da entrevista F

Entrevista F

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: É assim tenho o 12º ano completo, curso tecnológico de administração e basicamente é isso.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: 12º ano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Sim, foram tempos bem passados.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não, na minha altura não havia pré-escola.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, operadora de supermercado.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Dois.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, o mais pequeno tem 5 anos, o X frequenta o pré-escolar e o Y frequenta o 12º ano curso profissional.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Com 3 anos, os dois. Por um lado porque é bom para eles, para aprenderem outras coisas, terem mais atenção no que estão a fazer e isso... por outro lado também a nível... por causa do meu emprego.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Não, também tinha interesse nisso, mas também por necessidade... porque era mesmo preciso.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: No início foi um bocadinho complicado, os primeiros dois/três meses, porque o X estava habituado a estar na ama, era só 2 ou três miúdos e veio para uma sala de 25 miúdos... foi um bocadinho difícil, mas depois ele habituou-se e graças a deus ele agora adora a escola. Como ele tem muita facilidade em fazer amigos, adapta-se bem a toda a gente, adultos e crianças.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Um bocadinho complicado, fiquei ansiosa, muito ansiosa porque já sabia que ia ser um bocadinho difícil, não foi como o irmão que foi totalmente fácil... e por isso fiquei mais ansiosa mas pronto correu tudo bem. Ele ficar a chorar, eu ter de virar costas e não poder fazer nada e ele ficar a chorar.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Foi sempre a mesma, é importante porque ajudou-o imenso a ele se adaptar, ajudou-o muito, mesmo.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não, acho que até a data está a ser muito bom.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, um bocadinho... pela aquilo que ele me conta, penso que seja assim... não é que eu fale muito... uma vez por acaso falo com a educadora a saber se está tudo bem e isso, mas não sou aquela mãe galinha de andar todos os dias a perguntar.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Vou falando com a educadora e com as auxiliares... e com o X, que ele conta tudo.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Por email, se for para ralar é por boca a boca... pessoalmente.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Não, às vezes os recados são muito em cima da hora é só isso que eu acho que é muito em cima da hora. Nem sempre, nem sempre acontece, mas temos certas vezes que sim, só recebemos as informações... temos que comprar certo tipo de coisas e só recebemos as informações em cima do acontecimento.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Sim, devia ser com antecedência para os pais também terem tempo de digerir e ver o que é que vão fazer.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Não... não, algumas sei porque o X conta. Sim gostava, gostava de estar mais a par, tipo nem que mandassem um recado para casa que eles fazem isto, fazem aquilo ou mesmo um email, não digo de outra maneira, mesmo um email para nós estarmos informados.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Não, nunca me foi dado a conhecer, que me lembre não...

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Já a conheço há muitos anos, ela já foi educadora do meu Y, sinto-me à vontade.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Primeiro tenho de mandar um email, só depois é que ela agenda quando é que eu posso lá ir.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Agora é, há o dia dos avós, há o dia dos pais, há o dia de ir almoçar à escola... até já me disseram que eu para a semana vou lá almoçar com ele e é isso... fazem essas atividades assim, já se pode levar um bolinho para eles cantarem os parabéns, já podemos lá estar para cantar os parabéns com eles.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa (pequenos trabalhos alusivos às datas festivas, por exemplo: Natal, Dia da Mãe, pai, Páscoa...), é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Aqui não muito... aqui não muito, ainda só o que a gente fez agora no Natal foi um presépio mas era facultativo, não era obrigatório. Eu gostei muito de fazer este agora do presépio, foi muito giro, fazer com ele assim... ele ajudar e tudo.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: É boa... é ótima.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Sim são, mesmo para eles... para eles aprenderem mais alguma coisa, como estarem concentrados e ajudar a fazer aquelas pequenas coisas.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Sim, normalmente sim. Em relação às outras famílias não faço a mínima.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim sempre. Ele gosta muito.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Tem sido sempre igual, ele gosta muito de ajudar a fazer essas coisas.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais? (ex.: trabalhos de pesquisa sobre temas, leituras de histórias, ir à sala falar de algum assunto...)

Resposta: Não sei mesmo... de vez em quando terem um dia para ir à escola, tipo uma vez por semana, um exemplo... cada pai ir uma vez à escola para estar ali com eles, em atividade... eu acho que era importante.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Sem ser no dia dos pais, é só nas reuniões.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, sim... ouvirem-me ouvem...

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais? (tempo, conhecimento, disponibilidade, vontade...)

Resposta: Eu acho que quando a pessoa tem vontade tudo se faz, gere o tempo à medida que quer as coisas, pronto...

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Sim em certos aspetos, sim... mas eu acho que para mim isso é bom, como é que eu hei de explicar... há pessoas que têm mais dificuldades, mais carências e acho que devem ser ajudadas de maneira diferente.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não, nunca.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: É assim se fosse convidada para ir ali mais vezes, ia mais vezes, mas fora isso não posso fazer nada.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Sim de vez em quando certas atividades com os pais, irmãos... não digo sempre, uma vez por acaso para os pais irem à escola ter com os meninos. Eu acho que esta iniciativa que eles agora têm do almoço é bom, mesmo muito bom para a gente estar ali a interagir com eles, como é que eles almoçam, como é que não almoçam... foi mesmo muito boa.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AI- Transcrição da entrevista G

Entrevista G

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Andei na escola na Suíça e fiz até ao 9º ano e depois fui tirar o curso de cabeleireira durante dois anos.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Foi o 9ºano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Sim, muito boas e também andei aqui em Portugal mas só tirei o 9º ano pronto... e também gostei, claro.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não faço a mínima ideia, já não me lembro... mas acho que não...

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou cabeleireira.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Só uma... uma filha.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, ela está na pré-escolar já está no último ano pronto... é finalista.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Ela começou com 2 anos na creche. Pensei logo que ela precisasse de conviver com outras crianças, como ela estava sozinha com a avó, durante dois anos... achei bom ela ir... estar a conviver com outras crianças pronto...

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim, também as duas coisas e libertar um bocadinho a minha mãe.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

(fácil, difícil..o que facilitou, o que dificultou)

Resposta: Pelo menos a primeira semana, já se sabe... chora um bocadinho a sair de ao pé de mim né pronto, mas de resto depois começou a adaptar-se muita bem, sim... maravilha.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Muito complicado... muito complicado, muitas saudades dela. Tive medo de tratarem-na mal, pronto... de que alguém a maltratasse.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Eu por acaso ali na creche correu muito bem, que era uma educadora espetacular... por acaso foi uma educadora espetacular, por acaso até na transação do tirar a chuchinha, pronto ela foi espetacular. Na pré-escolar quando eu tava lá no colégio X não correu nada bem, não gostei nada da educadora, parece que ela punha um bocadinho de parte a menina e não trabalhava com ela, notava-se mesmo na linguagem, nos desenhos que era só riscos e ela pelo menos nos 4 anos notei ainda mais, ela fazia só riscos e depois a minha sogra também foi educadora e alertou-me, disse-me que a menina não tava a ser evoluída, não estavam a trabalhar com ela pronto... e então tirei-a e pusea no público, pronto no Jardim Y.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Sim, claro que sim. Devia trabalhar com ela pronto... devia trabalhar com ela.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, a professora fala bastante das tarefas que fazem, das rotinas... fala muito sobre isso e está sempre atenta, por exemplo ainda ontem ela esteve a falar comigo que a menina precisa de terapia da fala, pronto... porque não é que ela tá atrapalhada a falar, não... por acaso até houve uma granda mudança sobre isso quando eu a mudei para o Jardim Y, ela desenvolveu de uma maneira a falar e a fazer desenhos,

pronto... e ela também alertou-me foi por causa dela não responder logo, pronto... põe-se ali a enrolar-se, a enrolar-se, a fazer “hum” “hum” e depois responde outra coisa e então ela tava-me a aconselhar para ir a uma terapia da fala e então já marquei, pronto... uma consulta para ela poder ir, para ver se ela fica se calhar mais desinibida, sei lá... acho eu que é isso ou fica tímida... não sei, não sei o que é que se passa, dá-lhe ali um bloqueio e não consegue responder à professora quando tá lhe a perguntar alguma coisa “olha como é que foi o teu fim-de-semana ?” ou “como é que foi as férias de verão?”, ela não consegue responder, fica ali bloqueada... não sei o que é que se passa com ela.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Recebo mails a informar, muitas vezes vai ter comigo o coordenador quando eu vou lá buscá-la ou telefonem-me por alguma coisa, algum motivo. Por exemplo ela é coise de lactose... intolerante, eles estão sempre em cima, pronto “olha a gente já dá leite sem lactose”, olha por exemplo “olha foi bacalhau com natas, ela comeu outra coisa”. Mas vão me sempre dizendo ao longo do ano, pronto... é tranquilo, por acaso são espetaculares.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Por mail, sim sempre por mail.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, sempre de forma regular.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Não... não, é bom assim.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Sim, tenho.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Conheço, foi numa reunião tivemos no... temos sempre no início do ano letivo e depois sempre no final de cada período, pronto... ela vai relatando.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim, atualmente nenhum distanciamento... zerinho mesmo. Mas senti naquela do Colégio X, no pré-escolar... achava um bocadinho distanciada, sim...

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Por mail... falo por mail e ela responde logo.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Temos o almoço... almoçar com o filho, ainda não fui mas hei de ir e participamos também no fim do ano... no ano passado teve lá uma festinha, agora por causa do covid é que não há festinha de Natal... não houve, pronto... ah e também vai ser no aniversário dela, agora este ano já dá para levar o bolo e ir lá um bocadinho, já é bom...

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa (pequenos trabalhos alusivos às datas festivas, por exemplo: Natal, Dia da Mãe, pai, Páscoa...), é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Sim, a gente depois ficamos com... sim, tenho gostado, por acaso não há nenhum que não tenha gostado...

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: É pouquinha.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Sim, para a gente estar a fazer com os filhos... participar um bocadinho, sim...

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Participo eu e ela, pronto... mas não é a despachar, fazemos com calma. Penso que damos todos a mesma importância.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim, sinto que sim.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Eu acho que ela agora, este último ano, como ela tem que estar mais tempo sentada tá achar uma seca, diz ela... tadinha, diz que é uma seca, mas pronto já lhe vai passar de certeza, quando for para a primária... na escola, em casa faz bem... acho que lá é por estar sentada muito tempo, ela não tem paciência para estar sentada.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais? (ex.: trabalhos de pesquisa sobre temas, leituras de histórias, ir à sala falar de algum assunto...)

Resposta: Sei lá... se calhar letras e números para fazer com ela... não sei, uns exercícios se calhar... coisas diferentes sem ser só trabalhos desses.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Não muito, por causa da pandemia... não tive grande... ali na creche tínhamos oportunidade de entrar para dentro da sala e deixá-la lá, depois quando tivemos a pandemia era só a porta... agora ali, também não entramos, ficamos só ao portão, pronto... não há grande... só mais nas reuniões e quando há festas, que não foram quase nenhuma.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, sim penso que sim...

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais? (tempo, conhecimento, disponibilidade, vontade....)

Resposta: Não ali não... Mas antes já... lá tá a educadora não falava muito comigo, era a despachar... acho que era falta de vontade da educadora.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Pelo menos ali no Colégio X, sim. Mas ali no Jardim Y, não. Senti no Colégio X que não falavam de maneira igual para todos e com todos, a informação também não era dada a todos da mesma maneira e ao mesmo tempo...

14.1: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Só no Colégio X, no Jardim Y, nunca. Houve um miúdo, lá no Colégio X que levou um brinquedo e na altura não se podia levar e ele como era filho de doutores, pode entrar com o brinquedo, mas a minha nunca podia levar... nunca... agora ali no Jardim Y, ninguém leva e ninguém leva e ponto final... é para um é para todos e no outro lado não acontecia, tinham os preferidos... ainda me lembro dessa situação.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Ali estamos tranquilos, eu acho que estamos bem envolvidos, sinto isso...

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Opa eu acho que está porreirinho assim, de irmos lá almoçar, o aniversário dela, a reunião... eu acho que também na altura havia também para o Dia da Mãe e para o Dia do Pai, mas também por causa da pandemia nestes anos todos não houve essas coisas, agora pode ser que este ano já haja... espero que sim, era giro... isto bloqueou mais por causa da pandemia.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AJ- Transcrição da entrevista H

Entrevista H

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Tenho o 12º ano, andei no Liceu em X e neste momento estou a trabalhar.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: O 12ºano.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Andava a brincar... cheguei também a portar-me um bocadinho mal nas aulas e assim... mas pronto passei sempre de ano é o que interessa. Sempre fui um bocadinho traquina, desde pequena.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?

(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Sim, mas não me lembro já dessa altura... de certeza que foram bons momentos, era muita brincadeira e sempre gostei de brincar, ainda hoje em dia brinco muito com o meu filho quando tenho tempo.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou operária fabril.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Um filho.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, está na sala dos 3 anos.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Em 2019, ele nasceu em julho de 2019 e começou em Dezembro desse ano. Foi porque eu tinha mesmo que trabalhar.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim, eu acho importante. Foi por necessidade também, mas porque é importante... acho que ele precisava, necessitava também por causa da parte da aprendizagem.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

(fácil, difícil..o que facilitou, o que dificultou)

Resposta: Foi boa, foi fácil... ele começou logo aos 4 meses por isso acabou por facilitar muito.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Pra mim não foi muito fácil, ele era muito pequenino e custou-me um bocadinho a deixá-lo lá... tão pequenino.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Foi sempre a mesma, sempre me dei bem com ela, correu sempre tudo bem. Mudou este ano porque a educadora dele está grávida e então foi uma educadora nova, ainda nos estamos a conhecer, ela é muito jovem e ainda não deu muita abertura para conversar e a conhecer melhor, por isso vamos ver.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: É assim da mais antiga como se vê que tem mais experiência e tem mais ligação ao X e também as famílias, fala mais sobre o percurso do menino na escola... agora esta nova, como também é mais jovem... é uma miudinha nova, não acho que ela saiba muito bem comunicar com as crianças e com as famílias.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, sinto que conheço.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Através da plataforma.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Normalmente através de mensagem na plataforma ou se me vir pessoalmente, apesar de mandar mensagem na plataforma relembra sempre.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Ao início quando me pediam as fraldas e as toalhas era sempre de um dia para o outro... era muito em cima e com a minha profissão não era muito fácil... entretanto eu reporteii essa dificuldade e pronto... e melhoraram.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Acho que com um bocadinho de mais antecedência, não fazia mal.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Não... sei que são para o desenvolvimento, mas não sei muito mais.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Este ano não, anteriormente sim, conheci sempre nas reuniões do início do ano... foi nos apresentado assim o projeto de sala.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Mais ou menos, sinto que ela não comunica muito connosco, talvez por ser nova e nos estar a conhecer... com a antiga educadora sentia-me mais à vontade, agora ainda estou a dar o benefício da dúvida também... por isso vou ver como vai correndo.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Normalmente, falo logo diretamente com ela, não costumo marcar reunião nem nada disso. Sou uma pessoa direta e vou logo ter com a educadora e falo abertamente sobre as coisas.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Nenhuma, não faz atividades com os pais...

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa (pequenos trabalhos alusivos às datas festivas, por exemplo: Natal, Dia da Mãe, pai, Páscoa...), é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Sinceramente, só mandou uma vez e foi no Natal... mas gostei de fazer com ele a atividade.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Acho pouco, podia ser mais para também estarmos mais tempo com ele a fazer coisas da escola, mas pronto..

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Acho que são importantes... no caso quando enviou por causa do Natal até foi muito divertido fazermos em conjunto, em família em casa...

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Sim, ao fim-de-semana, quando não estou a trabalhar e estamos todos em casa, mas se tiver de ser antes temos de tentar organizar-nos, às vezes não consigo ajudar por causa de trabalhar por turnos, mas está lá o pai e ajuda-o sempre... tentamos fazer sempre os três mas nem sempre é possível, mas fazemos sempre questão de fazer com ele e de preferência em conjunto. Sobre os outros pais não sei bem...

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim, sinto que é bom para ele e também para nós, para estar com ele.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Não, variou começou a ficar mais... antes não ligava tanto e agora mostra mais interesse.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais? (ex.: trabalhos de pesquisa sobre temas, leituras de histórias, ir à sala falar de algum assunto...)

Resposta: Através de mais participação dos pais na escola, mais atividades em que chamassem os pais...

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Só nas festas e nas reuniões, mais nada...

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, acho que sim.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais? (tempo, conhecimento, disponibilidade, vontade...)

Resposta: Não, estou sempre disponível para tudo o que envolva o meu filho.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Não, até agora não vi nada que mostrasse isso.

14.1: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Até a data, graças a deus nunca senti isso, nem comigo, nem com o meu filho.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Através de mais atividades e mais colaboração entre os pais, as crianças e as educadoras... no mundo deles na escola.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Possivelmente fazer atividades ou dentro da sala ou ao ar livre, quando está bom tempo... é uma maneira de promover o envolvimento com os pais na escola e os miúdos iam adorar, sinceramente...

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AK- Transcrição da entrevista I

Entrevista I

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Fui estudante até ao décimo primeiro em diurno, fiz o décimo segundo já em período noturno e entretanto, passado alguns anos fui tirar a licenciatura... Entrei nos maiores vinte e três e fui tirar a licenciatura e conclui passado cinco anos.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Licenciatura em Agronomia.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Sim, tenho.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Sim. Tenho algumas memórias sim, ainda.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou encarregado de uma unidade de compostagem.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Um.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Sim, está no último ano de pré-escolar.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Ela entrou com 3 anos. Para já para a educar para aquilo que era o futuro dela e depois porque também tínhamos a necessidade de.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim, sem dúvida que é importante.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Foi boa, ela é sociável portanto não teve grande problema... facilmente se adaptou.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Foi positivo, foi muito fácil. Não senti dificuldades nesse processo.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Eu diria que foi muito importante porque conseguiram lhe inculcar com regras, disciplina, coisas que para nós em casa é banal mas que na escola faz sentido e no futuro, naquilo que é a vida depois dela no futuro faz sentido que sejam educados dessa maneira.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não, não acho que havia necessidade de ser diferente.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, sempre.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: No dia a dia não sei... quer dizer sei por vezes por conversas que temos em casa com a minha filha, mas no final do ano nós temos sempre os trabalhos a chegarem a casa e nós conseguimos ver o que é que era feito e para além do mais eles eram datados, conseguimos sempre ver o que é que era feito durante esse tempo.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: É através de recados em papel.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, sempre... foi regular sim.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Para mim acho que é da melhor forma que devia de ser e para além do mais nós também temos contacto direto com a educadora, portanto é muito fácil nós termos feedbacks quer a nível de comportamento, quer a nível do que é que é necessário, digamos assim... para eles irem desempenhando as atividades.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: Sim tenho conhecimento, lá está quando chegam os trabalhos do final do ano e nós temos acesso a esses trabalhos e é assim que conseguimos ver o que é desempenhado, normalmente eles são feitos de acordo com aquilo que é a época do ano.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Não, nunca me foi dado a conhecer.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim, totalmente.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: É fácil porque vou sempre muitas vezes buscar a minha filha ao final do dia e conseguimos sempre trocar ali um bocadinho de conversa no final.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Foi mostrar abertura ao diálogo, no meu entender.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Não, até agora nunca teve tarefas para realizar em casa.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Ótima, na minha perspetiva.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Acho que este tipo de tarefas são precoces, na minha opinião.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Se fosse hábito, organizamo-nos de igual forma para com as outras tarefas, partiria por arranjar sempre tempo disponível para conseguir colocá-la em trabalho, que é mesmo assim.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Eu penso que ela se envolveria como se envolve em tudo, ela gosta muito de participar e é uma criança colaborativa.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Não, penso que variou. Ela neste momento que se aproxima o final desta etapa na vida dela, sinto que já está um bocadinho saturada com o que é a pré em si, do dia a dia, já são três anos da mesma rotina, ela está mesmo a precisar de coisas novas.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: Eu não sei, porque nós aqui estamos a ser muito solicitados até mesmo para presencial e algumas atividades que eles fizeram, nós estivemos também envolvidos em algumas atividades deles. Portanto eu aqui creio que existe sempre uma envolvimento dos pais nas atividades dos nossos educandos.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Os desfiles de Carnaval, atividades tipo Halloween, já não me recordo muito bem, foi qualquer coisa assim do género... foi questionado aos pais se queriam estar presentes. Foi solicitado alguns materiais onde nós também cedemos esses materiais... foi mais baseado em festividades para ser sincero.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, sem problema algum.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais?

Resposta: Não, não senti nenhum tipo de barreira, honestamente.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Não, penso que não.

14.1: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não nunca, até a data.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Não sei, talvez ser envolvido para além disso dos desfiles, talvez se houvesse alguma oportunidade a nível de... quando estão naquelas atividades em si que já estão a prepará-los para o futuro que é mesmo assim, que é a escola... só por aí, não estou assim a ver mais nada que visse que fizesse sentido.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Sei lá, talvez... mas é difícil porque depois a disponibilidade dos pais também é complicada porque também trabalham e... só se fosse a envolvência nalgum ato educativo, mesmo que seja um... nomeadamente, mais neste último ano que é a pré, em que há que haver uma preparação para aquilo que aí vem e que será uma coisa diferente... e que fizesse sentido os pais acompanharem nesta altura até para perceber qual é o modelo de preparação que eles estão a ter, assim acho que se iria tornar mais fácil para quando eles entrarem no primário... em que existe uma diferença naquilo a que eles estão habituados hoje em dia, que é a brincadeira e as atividades só meramente lúdicas e daquilo que deve ser a preparação para eles, para a aprendizagem efetivamente das letras e do conhecimento, que é mesmo assim... mas só por aí, sermos mais embrenhados nesse ato, neste último ano que é a pré, onde há esta preparação e nós pais poderíamos ter alguma noção de como é que as crianças são preparadas para depois nós também conseguirmos acompanhá-los no desenvolvimento deles no primeiro ano, eventualmente só isso... mas que é difícil por causa da disponibilidade que nós temos a nível de horário, como somos trabalhadores é sempre mais complicado.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AL- Transcrição da entrevista J

Entrevista J

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: O meu percurso escolar até ao 12º ano foi normal, reprovei alguns anos porque tinha uma mãe com uma depressão e foi um percurso conturbado, entretanto fui trabalhar, tive oportunidade e fui trabalhar mas como não estava satisfeita e não era esse o objetivo, fui tirar uma licenciatura já com uma filha... casada e com uma filha e fui tirar uma licenciatura, com uma filha e já casada.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Licenciatura em Educação Social.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Nem por isso, tive uma infância muito conturbada, uma juventude conturbada, não muito dentro do normal, com alguns distúrbios familiares e então...muita coisa, muitas memórias que não ficaram... normalmente as más é que ficam.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Não, na minha altura ainda não havia.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Sim, sou Animadora numa AEF, estou com crianças da idade pré-escolar, dos três aos cinco anos.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Tenho 2.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: O mais novo está no último ano do pré-escolar e a mais velha está no segundo ano da universidade.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Já que tiveram essa oportunidade, iniciaram ambos o pré-escolar com 3 anos. Considero importante e fizemos questão que eles frequentassem, tanto eu como o meu marido.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Porque achamos que era importante, mas para eles e para o crescimento deles para fazerem um percurso, comecem a ter algumas regras diferentes das regras de casa, para terem outros conhecimentos, há sempre outras curiosidades, outras coisas e foi nesse intuito. Porque avós, graças a deus na altura, tinham.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

Resposta: Estranhamente, os dois super bem, a filha como era a primeira filha e eu ia vendo alguns miúdos que entravam com três aninhos e havia as birras que eram frequentes no início, eu todos os dias... eu como não tive oportunidade de ir levar de manhã, dizia sempre ao meu marido “olha que se ela fizer birra, deixa a lá porque é chantagem psicológica” aquela história da.. mas ela nunca fez birra e o meu filho também não, adaptaram-se os dois muito bem.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Eu acho que secalhar senti-me eu mais receosa do que eles... verdade seja dita, eles ficaram bem, sempre ficaram bem e ambos sempre gostaram muito e com o mais novo que até agora continua a gostar muito e não há qualquer problema, eles adaptaram-se super bem. Nós cá de fora é que temos sempre aquele receiozinho, aquelas dúvidas, aquela ansiedade que na verdade até agora está a correr tudo bem e dentro da normalidade e nunca houve nada, graças a deus.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: É assim, eu tentei sempre ter um papel de interação com elas, tentar sempre perceber e acompanhá-los sempre ao máximo e acho que foi um papel fundamental, porque acho que uma boa educadora também faz muita diferença, porque se for uma educadora que goste do grupo, que goste daquilo que faz... verdade seja dita, nem todas gostam... nem todas gostam e isso nota-se logo no desenvolver do trabalho, felizmente os dois tiveram educadoras que gostaram muito e sempre puxaram muito por eles, sempre... foi gratificante o trabalho delas, acho que foi sempre importante e eles sempre trouxeram curiosidades para casa e eu dizia “mas onde é que ouviste isso?” e eles diziam “foi a professora” e eu acho que isso é engraçado, é importante.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não, não acho que não... neste caso, lá está, já tive exemplos e eu que trabalho com educadoras vejo que há pessoas diferentes, mas neste caso de ambos os dois não tenho nada a apontar, sinceramente.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

IV – Experiências Sociais Vivenciadas

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: É assim, por um lado sim, por outro lado não... porque eu fui anteriormente, assistente operacional em jardim de infância conheci um bocadinho a dinâmica e daí saber minimamente apesar de a gente não saber realmente o que se passa dentro de uma sala e sou honesta, quando às vezes estava na sala ou aparecia por outros motivos dizia “olha faziam isto, olha fazem isto, olha que engraçado”, mas pronto na maioria dos casos a gente sabe mais ou menos a dinâmica, até porque eu era assistente operacional e sabia como é que aquilo funcionava, mas nunca sabemos tudo... verdade seja dita, mas acho que também não devemos saber de tudo.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Através do feedback que me vão dando, mesmo agora que sou animadora na escola que o meu filho frequenta, mas sempre distanciei esse papel... nunca houve “é meu filho”, nunca houve isso, era o X, era a Y, tal como sou para os outros e quando quero falar com a educadora digo “ a mãe do X quer falar com a educadora se faz favor quando for possível para ter o feedback do X”, nunca... tento sempre separar isso porque acho que não é bom haver essa proximidade, tento sempre que não exista... e acho também que o X está a ser um bocadinho penalizado nisso, porque eu com receio que alguém aponte o dedo ou diga que é diferente com o X por ser meu filho, acabo por ainda o penalizar mais e exijo mais dele do que exijo dos outros, sou sincera... às vezes

a colega que está comigo diz “coitadinho, também é demais” e eu “não é nada coitadinho, as regras são iguais para todos”, mas na verdade eu não sou assim com os outros, mas sim com ele com receio que possam... mas mesmo isso, os miúdos vão para casa e dizem “a Y diz sempre ao X eu não sou tua mãe, aqui é a Y” porque ele num bocadinho do ATL, lá está por necessidade, fica porque sou animadora de momento e ele fica lá comigo.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados?

Resposta: Normalmente é pela caderneta, normalmente funciona por caderneta, excecionalmente vem um recado em fotocópia, mas na maioria é por caderneta.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Sim, até a data sim... elas vão passando algum feedback.

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: Não, não acho que possa ser diferente... porque acho que é sempre adequada, por exemplo, no caso do X e mesmo da Z, como eu estou no ramo, é o pai o encarregado de educação e os recados vão para o pai, tentamos sempre distanciar essas coisas, ou seja... e eu não digo, ele lê os recados e se ele não perceber alguma coisa aí posso explicar e nunca houve assim muita dificuldade nisso porque ele recebe o recado e cumpre sempre e faz até parte da associação de pais e isso assim e nunca houve essa lacuna, sinceramente.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: A maioria sim, acredito claro que há algumas mais básicas que não, mas sempre que for extra do normal, sim tenho sempre conhecimento.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Sim, nas reuniões isso foi sempre apresentado ao meu marido, sim.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim, houve abertura, sim.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Normalmente digo que preciso de falar, exponho o caso ou falo quando vou levar de manhã ao jardim ou então no atendimento aos pais ou se for oportuno noutra hora combino e faz se isso.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: É assim, através de algumas atividades, por norma eles fazem algumas atividades para envolver a escola e a família, agora de momento não me recordo assim de nenhuma específica, mas sei que havia sempre essa interação, ainda hoje há essa preocupação.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa, é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Só mais quando ele apanhou a pandemia, que o X precisou de um acompanhamento e foi só nessa altura, de resto houve mas não foi assim nada de extraordinário, mas também nós gostamos, por norma nós gostamos de fazer e mesmo que não haja nenhum trabalho... por exemplo nós fazemos coisas para pôr na porta alusivas à época do ano, é um hábito que temos lá em casa... evitar os ecrãs e aumentar mais as atividades e jogos em família, tentamos sempre isso.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Não, foi dentro da normalidade, não acho que haja assim nada...

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Acho e cada vez acho mais importantes, porque os pais hoje em dia e cada vez mais acham que as professoras/educadoras, a escola em si, a comunidade escolar é que tem de desenvolver o trabalho todo com os filhos e não é verdade, nós pais temos um papel muito importante e isso é muito desvalorizado pelos pais hoje em dia e acho que isso é importante porque as crianças sentem-se também um bocadinho de parte, porque o ecrã é mais fácil, dar um ecrã a um filho e o filho está ali sossegado e aí nós estamos sossegados, vemos a novela e isso cada vez mais hoje em dia. E ainda agora tenho um exemplo de uma criança que os pais fizeram queixa do comportamento em casa e falaram comigo se as coisas estavam a correr bem e eu disse que estava tudo bem que não tinha nada a contar e então eles disseram “ah não sabemos o que é que havemos de fazer ele tem o telemóvel quando quer, tem um tablet e não é um tablet qualquer, o que é que lhe falta mais ?” e eu respondi “atenção, um bocadinho de atenção”, isso eu noto e mais que agora estou na área vejo que cada vez é mais importante isso, cada vez é mais desvalorizado os passeios a natureza, eu gosto de fazer isso com os meus filhos, sempre fiz... no natal por exemplo tenho uma tradição que é irmos ao musgo e muitos miúdos nem sabem o que é o musgo e nós estamos numa aldeia... agora mais como animadora nessa época digo sempre que quero uma roupa velha, um sapato mais para sujar, porque vamos para o mato. Eu gosto de valorizar isso e faço muito isso com os meus filhos, nem que seja um piquenique, pequenas coisas quando o tempo assim o permite, gosto de aproveitar.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Normalmente é quando chego do trabalho ou ao fim de semana, se assim for possível, no fim de tudo orientado despendemos esse tempo com tempo para fazer, todos juntos claro... temos trocas de ideias e depois chegamos a um consenso e fazemos, mediante os materiais que temos em casa às vezes.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Sim, acho muito importante.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Variam e vai variando o que gostam mais, por exemplo o X neste momento está muito virado para a culinária, gosta muito de ajudar na culinária e eu tento sempre, lá está, incluí-lo em qualquer coisa... já houve uma fase que era mais pequeno e adorava lavar o chão, ou melhor molhar-me o chão todo de casa, mas sim vai variando e às vezes nem nos apercebemos mas depois com o solicitar de algumas coisas ou com o decorrer, notamos que... e para além da culinária o X está muito ansioso para passear, conhecer os sítios e ainda agora a pouco tempo fomos andar de comboio e ele ficou fascinado e depois ver no telejornal imagens que viu vê-se o quanto é gratificante aquele passeio para ele, por exemplo.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais?

Resposta: É assim eu também acho que era importante os pais virem um bocadinho ao jardim de infância, mas isso cada vez também é menos possível sinceramente e a pandemia não ajudou nada... mas acho que era uma boa aposta nisso. Uma boa caminhada com a família, uma coisa do género porque eu acho que era de valorizar esse tipo de situações.

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Pois, nem sempre e isso lá está é o problema dos pais irem à escola é esse mesmo, nem sempre poderemos estar, eu por exemplo como estou na mesma área nem sempre consigo estar presente e agora ainda no Carnaval aconteceu eu ficar presa entre o coração e o dever com o filho ou ir do dever do trabalho e eu tive que virar coisas ao meu filho e ir trabalhar e ir fazer o desfile de Carnaval.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Sim, sempre.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola?
Se sim, quais?

Resposta: Não, nem nunca houve.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Algumas sim, infelizmente. Às vezes as pessoas são, olham e são criadas etiquetas e sim, algumas isso acontece, infelizmente já trabalhei com educadoras com essa etiquetas, vá que seja assim que se lhe possa chamar.

14.1: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não, isso não.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Participar mais nas atividades quando me é possível e tento sempre estar presente de alguma forma ou de outra e quando não estou eu está o pai, tentamos sempre conciliar.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Lá está, os trabalhos manuais nem toda a gente gosta e é bonito, mas nem toda a gente gosta, nem toda a gente tem iniciativa, tem gosto, tem criatividade e isso assim, se calhar voltava um bocadinho a esses convívios, pequenos convívios... não para fazer trabalhos manuais mas para fazer atividades, jogos, uma caminhada, alguma coisa do género mas que... um lanchinho, acho que não fazia mal nenhum haver esses convívios, sinceramente.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.

Anexo AM- Transcrição da entrevista K

Entrevista K

I - Apresentação:

- Saudar o entrevistado;
- Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação e o respetivo tema;
- Obter o consentimento informado;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade;

Entrevistador: Vamos iniciar a entrevista falando um pouco sobre o seu percurso escolar e a sua situação atual a nível de emprego.

II – Formação do/a entrevistado/a

2.1: Para começar, pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar?

Resposta: Em relação ao meu percurso escolar sou Licenciada em Gestão e sou Pós-Graduada em Fiscalidade e em Logística e Distribuição, principalmente esta última é a que está mais ligada à minha área que trabalho na grande distribuição.

2.2: Que grau de ensino completou?

Resposta: Sou Licenciada em Gestão e sou Pós-Graduada em Fiscalidade e em Logística e Distribuição.

2.3: Globalmente, tem boas memórias da escola?

Resposta: Se tenho boas memórias da escola... regra geral sim, exceto um período da faculdade que foi o mais difícil para mim em que tive que estar confrontada com coisas que não estava propriamente habituada, a nível de dificuldades e a nível de técnicas de ensino... mas sim regra geral sim, até entrar na faculdade não tive grandes problemas por tanto tinha.. tenho boas memórias e tenho boas recordações dos meus colegas e dos meus professores e do ensino, apesar de hoje olhar para trás e ver que havia muita

coisa que podia ser diferente daquela altura, hoje não sei bem como é que é e como é que está, mas havia coisas que podiam ser um bocado mais adequadas e nos preparar um bocadinho melhor para a nossa vida futura e acho que foi por isso também que tive um grande choque depois com a faculdade.

2.4: Chegou a frequentar o pré-escolar? Se sim, tem memórias dessa etapa?
(a educadora, o dia a dia...)

Resposta: Sim, do pré-escolar também tenho boas recordações a nível dos espaços de brincadeira e de tudo o que fazíamos e... não foi muito fácil porque vim de França com 3 anos e portanto o pré-escolar foi feito sem falar muito bem a língua portuguesa e tive esse problema de adaptação no início, mas pronto depois correu bem e não tive problema nenhum.

3: Atualmente, exerce alguma profissão? Se sim, qual?

Resposta: Trabalho na área da grande distribuição.

Entrevistador: Depois de saber mais um pouco sobre si, gostaria que mudássemos um pouco de assunto, falando um pouco sobre a sua família atual.

III - Identificação

4: Quantos filhos tem?

Resposta: Tenho um filho o X, tem 14 meses.

4.1: Frequentam a escola? Se sim, em que nível de escolaridade se encontram?

Resposta: Está no X, no colégio, na sala do berçário.

4.2: Os seus educandos iniciaram o percurso escolar em que ano? E porquê?

Resposta: Não tenho mais nenhum filho, é meu filho único o X e iniciou o percurso escolar com 7 meses, porque era importante para mim.

5: Para si era importante que eles frequentassem o pré-escolar? Ou foi mais por necessidade?

Resposta: Sim, para mim era muito importante que ele frequentasse o infantário, neste caso estivesse no berçário. Não quis muito que ele esperasse até muito mais tarde, ele já só entrou para o berçário com 7 meses, portanto ele nasceu em Fevereiro tive com ele em casa até Setembro e depois em Setembro iniciou a escola, mas para mim não fazia muito sentido que esperássemos até um ano e meio, acho que era demasiado tempo, mas também havia obviamente a necessidade de regressar ao trabalho e com um filho pequeno é difícil, a nível de logística e apesar de ter a minha sogra que pode ficar com ele e que fica com ele quando eu não posso ou quando ele está doente e eu tenho mesmo que ir trabalhar ou quando tenho de ficar até mais tarde, ela fica com ele. Era muito importante que ele tivesse também uma preparação que possivelmente eu não lhe saberia dar e que o preparasse para certas coisas a nível de desenvolvimento, portanto.. a minha área de formação não tem nada haver com crianças, é números... e apesar de ter lido muito durante a gravidez e continuar a ler muito sobre crianças, há coisas que não sei e ele estava numa fase em que o estímulo... ele já precisava de demasiado estímulo e eu já não estava a saber acompanhar e se o acompanhamento era da forma correta... portanto para mim mais do que uma necessidade por não ter com quem o deixar, porque efetivamente tinha e portanto consigo ajustar os meus horários de trabalho também muito em função do X e a avó dele fica com ele quando é preciso para mim era muito importante que ele tivesse contacto com outras crianças e que tivesse contacto com adultos que soubessem efetivamente o que estavam a fazer com ele e que o pudessem estimular e desenvolver da melhor forma, porque claramente não estava... estava a chegar a uma fase que eu própria já não sabia muito bem como.

5.1: Falando especificamente dessa etapa, como sentiu a adaptação das crianças à escola?

(fácil, difícil..o que facilitou, o que dificultou)

Resposta: A fase da adaptação da escola não foi difícil, verdade seja dita ele adaptou-se muito bem, portanto o X não é propriamente uma criança que estranhe muito, estranha no início quando não conhece e depois quando conhece e quando se sente à vontade, pronto está efetivamente à vontade. Acho que a escola também facilitou, portanto nota-se muito, principalmente a educadora do x, educadora que não é educadora porque no berçário não são educadoras, mas pronto considero a

educadora, é muito querida gosta muito dele e ele gosta muito dela e sinto que quando ele fica, que fica mesmo bem, portanto essa parte também acho que facilitou. Não sei como é que são as outras mas acho que efetivamente o X teve muita sorte com quem calhou.

5.2: Como se sentiu nesse processo de adaptação? Há alguma situação que se recorde e que possa partilhar?

Resposta: Em relação à nossa adaptação de pais foi boa, também pelo sentido em que o X também foi boa, ou seja, teve ali uma noite um bocadinho mais agitado e tudo mais do que é habitual quando há um processo de mudança, mas pronto rapidamente regressou à sua rotina e conseguimos criar uma rotina e a escola teve um papel muito importante.

6: Qual foi o papel da(s) educadora(s) com quem se foi cruzando nesse processo?

Resposta: Não tive ainda mais nenhuma, só mesmo esta, portanto e não tenho nada... de forma alguma a dizer algo contra, ela mantém-me sempre a par de tudo, todos os dias quando o vou buscar ela faz o ponto de situação comigo do dia do X, se comeu, se dormiu, como é que ele esteve, se está mais caladinho ou mais quieto, ou se está bem disposto e tem sido muito importante no processo, o X tem tido alguma dificuldade na introdução dos sólidos na alimentação e temos trabalhado em casa e na escola em conjunto para tentarmos minimizar esta parte e tentarmos que ele finalmente comece a aceitar e portanto ela efetivamente tem sido muito importante nesta fase mais complicada do X.

6.1: Poderia ter sido diferente/melhor? De que forma?

Resposta: Não.

Entrevistador: Gostava agora de saber mais sobre as suas experiências relativamente à relação entre a família e a escola durante o pré-escolar.

7: Na escola que o/s seu/s filho/s frequentam, sente que conhece as rotinas diárias da sala onde estão inseridos?

Resposta: Sim, regra geral acho que sim.

7.1: Como é que vai sabendo do que se vai passando na escola? Dê-me alguns exemplos.

Resposta: Pelo menos a educadora faz-me o ponto de situação todos os dias do que é que acontece, do que é que vai acontecendo até na escola, o que é que vai acontecendo até com outros colegas, mantém-nos sempre a par se há meninos doentes, se não há, de todas as atividades que tem havido, tentam sempre até inserir os bebés, apesar de os bebés ser um bocadinho mais difícil porque não tem autonomia nenhuma.. no Dia do Pai, no dia da natureza... pronto nessas atividades todas que a escola tem, eles não se esquecem dos bebés.

7.2: Como é que o educador/a lhe transmite recados? (através da criança, plataformas, e mails, quando vai à escola buscar a criança, reuniões)

Resposta: Ela transmite-me efetivamente cara a cara, não sei como é que era antes na altura do covid, já levantaram as medidas que havia e portanto agora é cara a cara, falo com ela todos os dias, se não é com ela por algum motivo ou está de férias ou saiu antes de eu chegar para ir buscar o X, deixa recado a alguém... portanto acho que que a comunicação passa bem entre mim e ela.

7.3: Sente que obteve toda a informação no tempo suposto? Acontece de uma forma regular ou pontual? Pode dar alguns exemplos?

Resposta: Eu acho que sim, pelo menos não tenho... não reclamo de nada a nível das administrativas, é tudo tratado por email... regra geral é tudo hoje, acho que já o covid teve essa coisa boa de não ser preciso irmos aos sítios e tratarmos de tudo digitalmente, mas pronto, esta parte, a parte humana com as educadoras e com todas, porque até chegar à sala do X cruzo-me com várias e vou observando que fazem vários pontos de situação com outros pais, portanto...

7.4: Devia/podia ser diferente, na sua perspetiva? Se sim, como?

Resposta: É assim também é o primeiro filho por isso não sei como é que poderia ser diferente, mas não tenho nada a reclamar pelo menos até agora com o X, fazem-me os pontos da situação, contam-me tudo, não acho que podia ser realizado de maneira diferente nada.

8: Tem conhecimento de todas as atividades realizadas em sala e o porquê de serem feitas? Se não sabe, gostaria de saber mais? De que forma?

Resposta: É assim não posso garantir que sei de tudo o que é que se passa, porque é assim não sei se sei mas pelo menos sinto que me passam grande parte das informações de atividades que realizam, ainda houve uma vez que para uma atividade do dia do Pai, salvo erro ou perto do dia do Pai o X veio com os pés um bocado pintados de azul e a educadora informou-me logo, “Oh mãe o X vai com os pés um bocadinho sujos, tivemos a fazer umas atividades” portanto explicaram o que é que tinha feito, vão dizendo como é que... vão me fazendo o ponto de situação de como é que ele interage com os colegas e com... com os colegas da turma e com os colegas das outras turmas também, com as outras educadoras, com as auxiliares até e portanto julgo que sim, acho que tenho sabido de quase tudo do que acontece e sei no próprio dia e se não é no próprio dia é no dia seguinte, portanto acho que é tudo quase em dia.

8.1: Conhece o projeto de sala? Se sim, como lhe foi dado a conhecer? Fale-me um pouco sobre a sua experiência(s).

Resposta: Não sei o que é... portanto não sei se têm, não faço ideia... nunca ouvi falar, não sei mesmo dizer o que é.

9: Sente-se à vontade com a educadora do seu filho para realizar qualquer tipo de diálogo relacionado ao seu filho, ou sente que existe algum distanciamento? Pode dar-me alguns exemplos de situações?

Resposta: Sim, para tudo, nunca tive necessidade de explicar nada que tenha acontecido na nossa vida familiar que pudesse interferir com o X, até hoje não tivemos o falecimento de ninguém nem de... nem nada assim que possa ser traumático para ele, portanto nunca tive essa necessidade de falar sobre esses aspectos um bocado mais pessoais, mas sim sinto porque conto... vou lhe dizendo também o que é que acontece, muita coisa em casa, houve uma fase em que o X tinha muita dificuldade em andar sozinho e portanto precisava de estar constantemente com alguém ao lado, não

era... não precisava de estar forçosamente a interagir com ele mas ele precisava de sentir companhia e falei disso com ela e ela disse que lá era precisamente a mesma coisa, portanto sempre que faziam alguma coisa o X tinha que estar e portanto trabalhamos mais uma vez em conjunto para conseguir ultrapassar essa fase e conseguimos, ele hoje já é completamente autónomo... autónomo salvo seja, percebes o que é que eu quero dizer por autónomo, não precisa de ter sempre alguém ali ao lado dele e acho que isso foi uma coisa que fomos conseguindo trabalhando na escola e casa, juntos.

9.1: Como é que costuma fazer no seu caso quando sente necessidade de trocar ideias com a educadora?

Resposta: Lá está, é cara a cara, não temos o número de telefone pessoal delas, portanto não troco nada através do pessoal delas, não existe grupos do WhatsApp de pais, portanto também não tenho contacto com os outros pais, exceto ali a porta da sala quando os vamos buscar... ou por telefone, já me aconteceu por exemplo não deixei o X com ela, a educadora dele ainda não tinha chegado e houve alguma coisa que eu me esqueci de dizer, portanto nós temos o número do berçário e a caminho do trabalho lembrei-me que não tinha dado um recado e liguei, atenderam e passaram o recado depois a educadora dele, mas regra geral é cara a cara, portanto é muito contacto.

10: Quais as práticas e iniciativas que a escola do seu filho/a costuma desenvolver para estabelecer uma relação com as famílias?

Resposta: Uma situação que eu reparo neste colégio, não sei se acontece com todos é que há atividades por exemplo que nos vão pedindo para fazer, fizeram-nos pedido pelo são martinho, pelo natal, pela páscoa, para desenvolvermos alguns tipos de atividade cá em casa que depois teríamos que levar para a escola e isso acho que também nos liga enquanto família, ou seja o X não percebe propriamente o que está a fazer, normal, mas o facto de eu e do pai termos de despendir tempo para realizar uma atividade com o X que depois o X vai levar para a escola e termos que puxar pela imaginação, como é que vamos fazer as coisas, isso também acaba por ser mais uma atividade que fazemos em família e por acaso já comentamos várias vezes que achamos isso bastante interessante e gostamos até de fazer essas atividades e tem sido engraçado.

11: Há muitas educadoras que costumam mandar tarefas para casa (pequenos trabalhos alusivos às datas festivas, por exemplo: Natal, Dia da Mãe, pai, Páscoa...), é o seu caso? Lembra-se de algum em particular que tenha gostado ou não gostado? Pode dar mais exemplos.

Resposta: Sim, fizemos o do, lá está o que eu estava a dizer do Natal e do são martinho e foi, foi muito giro.

11.1: Qual é a regularidade? Demasiada ou insuficiente?

Resposta: Nem muito nem pouco.

11.2: O que pensa sobre isso? Acha que são propostas importantes/pertinentes/válidas ou não? Porquê?

Resposta: Gostamos muito de o fazer e nas atividades que fizemos fui mais eu e o pai do que propriamente o X, nesta altura até era pequenito, continua pequenito, mas era mais pequeno e portanto estava mais a dormir, era mais uma coisa minha e do pai e gostamos muito de o fazer, já não o fazemos há algum tempo, não sei se... como o X tem estado muito doente não sei se nos tem escapado algumas atividades, mas já não fazemos á algum tempo.

11.3: No caso de ser hábito: como é que se costumam organizar em casa? Todos participam ou tentam despachar a tarefa? Fazem sempre questão de as fazer? Ou não lhes dá muita importância? E as outras famílias? Levam estas tarefas mais a sério ou menos?

Resposta: Sim todos participamos, não em despachar a tarefa, mas efetivamente porque gostamos mesmo e porque nos dá muito gozo fazermos isso enquanto pais e obviamente que damos o nosso melhor que é para o nosso filho levar o melhor bonequinho para a escola e aquele que é mais diferente e gostamos muito disso.

11.4: O seu filho/filha costuma envolver-se? Sente que é importante para ele ou nem por isso?

Resposta: Ele envolver-se não, pronto porque era o que eu estava a dizer, a última foi em Dezembro a altura do Natal e estava com nove meses, portanto podemos sim

agarrar na mãozinha dele e pintamos, coisas assim... mas ele ainda não tem muito o hábito... não percebe efetivamente o que é que estamos a fazer.

11.5: O interesse do seu filho/a nas tarefas que deveriam fazer em conjunto varia/ou com a idade? Quer dar-me alguns exemplos?

Resposta: Ainda não consegui notar.

11.6: No caso de existirem tarefas de trabalhos manuais para os pais fazerem em casa: De que outras formas poderiam as educadoras promover o envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos sem ser com essas atividades de trabalhos manuais? (ex.: trabalhos de pesquisa sobre temas, leituras de histórias, ir à sala falar de algum assunto...)

Resposta: Não sei... ainda não pensei nisso...

12: Ao longo do percurso do seu filho no pré-escolar que oportunidades teve de estar presente na escola do seu educando? Dê alguns exemplos.

Resposta: Não sei.. mas o X também só entrou agora... tem havido atividades na escola... ou seja houve a festinha de natal, houve a festinha do carnaval, não conseguimos ir porque o X nessas duas festas estava doente, mas sei que fazem... devem ter feito também no... não no dia do pai não fizeram, pelo menos não tenho recordação de me terem dito que havia alguma coisa no dia do pai, mas assim que tivermos oportunidade de ir, obviamente que vamos... julgo que não haja reuniões de pais, pelo menos... houve uma no início do ano escolar para apresentar... primeiro para vermos o espaço onde o X iria estar porque não conhecíamos a creche e deram essa oportunidade, apesar das medidas do Covid ainda não estarem todas levantadas na altura, deram-nos a oportunidade de conhecer a sala onde é que ele iria estar, onde é que íamos deixá-lo, essas coisas e portanto foi a única reunião que tivemos e foi a única que tivemos de conhecer os pais todos que estavam, não só os da nossa... da sala do X, mas de todas as outras salas, não sei se existem mais reuniões, não tenho conhecimento disso.

12.1: Nessas ocasiões sente que é ouvido/a? Que pode dar a sua opinião? E ela é de facto tida em consideração ou não?

Resposta: Lá está, não posso responder porque não houve, que eu tenha conhecimento, a não ser para nos dar a conhecer o local.

13: No seu caso, existe algum tipo de barreira que interfira na sua relação com a escola? Se sim, quais? (tempo, conhecimento, disponibilidade, vontade....)

Resposta: Não, não tenho conhecimento de nada de errado que lá se passe, nem que alguma vez se tenha passado, portanto tive boas referências do colégio, sempre tive... não foi lá que eu andei, mas já desde o meu tempo em que eu era pequena, sempre se ouviu falar do colégio e havia boas referências, portanto não tenho conhecimento de nada nem tenho nada contra.

14: Na sua perspetiva, faz sentido dizer que as educadoras lidam com as famílias em função da sua origem ou características? Por exemplo: famílias imigrantes, famílias mais favorecidas? Ou não? (ex.: falam de maneira diferente, discriminam, dão mais ou menos informação, julgam...)

Resposta: Não vou dizer que acontece por maldade, bem pelo contrário, cada vez mais vemos que existem famílias imigrantes e existem também famílias inter raciais e no outro dia por acaso tive oportunidade... tinha... ou seja no sítio onde vamos deixar, porque não deixamos os bebés nas salas deles, deixamos tipo num pátio antes das salas porque há bebés que já... as chegadas começam a ser a partir das sete e meia da manhã, são até às nove e meia e portanto há bebés que secalhar às nove já estão a dormir e portanto para não perturbar as chegadas de todos os bebés à vez não vamos diretamente á sala, existe um pátiozinho onde nós tocamos a uma campainha e vem uma educadora buscar os bebés e tive oportunidade de ver, porque á minha frente estava uma menina, indiana, digo menina porque era claramente mais nova do que eu, mas já era mãe pronto... e não falava nada de português, nem uma palavra e reparei que a educadora do filho dela que falou em inglês com ela e portanto, não houve nenhuma barreira entre as duas o miúdo ficou super bem, ela continuou a falar com o miúdo em inglês e reparei que quando foi por o menino na sala com os colegas que os amiguinhos foram logo ter com ele, portanto não, não acho que... não lidam de... ou seja eu acho que elas lidam, lidam de maneira diferente mas que isto tem que ser visto pelo lado positivo ou seja tem o cuidado de famílias que possam ter algumas limitações, como neste caso, era o caso da língua, elas adaptaram-se, portanto o lidar em função das origens ou características eu neste aspeto acho que é positivo e não sinto que haja

nada de racismo, nem de xenofobia nem nada disso até porque a turma do X por exemplo tem muitas nacionalidades e noto que a educadora dele é igual para todos, porque já a vi com quase todos eles ao colo e portanto não noto que ela trate de maneira diferente um ou outro, seja por raça, seja por estatuto porque também deve haver e não acho que tratem de maneira diferente, nem que discriminem nem nada disso.

14.5: Alguma vez se sentiu discriminada/o na sua relação com a escola do seu filho/a? Pode contar-nos alguma situação de que se recorde ou que o/a tenha marcado?

Resposta: Não, nunca, nunca me senti e se me tivesse sentido, no próprio dia o X tinha saído de lá.

15: Para terminar, de que forma(s) acha que se poderia envolver mais na vida escolar do seu filho?

Resposta: Eu acho que sim, acho que a partir do momento em que ele começar a ter mais atividades e que efetivamente os pais vão estar um bocado mais envolvidos, quando houver as peças de teatro e essas atividade em que os pais são mais chamados, que sim que vou estar mais envolvida, nesta fase em que ele está assim no berçário, não há assim muita envolvimento que dê para fazer.

16: E que iniciativas poderia a escola desenvolver para que as famílias estivessem mais envolvidas na educação dos seus filhos?

Resposta: Não sei, sinceramente não faço ideia... eu acho que elas já fazem muita coisa pelo que eu me tenho apercebido até porque sigo a página do Facebook e vou vendo tudo o que as crianças vão fazendo e muitas das vezes os pais estão lá e portanto não sei... sinceramente não sei, também nunca pensei muito nisso, no que é que elas poderiam fazer mais, porque lá está nesta fase em que o X se encontra também não há assim grande coisa que se possa fazer com o X.

V - Despedida

Entrevistador: Agradecer a participação do entrevistado.